

Paulo Giraldi (Org.)

Coleção de Sala 2  
Mídia Sonora na Amazônia

# Mulheres

NO RÁDIO  
AMAPAENSE

NOVA  
DORAS

## Autores

Amanda Bastos  
Anita Flexa  
Élcio Barbosa  
Felipe Lima  
Fernando Pereira  
Isabel Ubaiara  
Jamille Rosa  
Jéssica Mont'Alverne  
Joeli Barros  
Karina Pacheco  
Kellven Vilhena  
Laura Machado  
Luana Silveira  
Lucas Costa  
Luciana Coêlho  
Luiza Nobre  
Mara Castro  
Marcella Palheta  
Michelle Silva  
Nelson Carlos da Silva  
Núbia Pacheco  
Pedro Monteiro  
Rafaela Justino  
Railana Pantoja  
Rayane Penha  
Renata Nunes  
Samilla Rodrigues  
Sidney Cardoso

## Entrevistadas

Ana Girlene  
Bianca Castro  
Gilvana Santos  
Helena Guerra  
Janete Carvalho  
Márcia Corrêa  
Maria Socorro  
Rute Hippolyte  
Suelen Vilhena  
Ziulana Melo



# Mulheres

NO RÁDIO AMAPAENSE

NOVA  
DORAS



Paulo Giraldi (Org.)

Coleção de Sala 2  
Mídia Sonora na Amazônia

# Mulheres

NO RÁDIO AMAPAENSE

NOVA  
DORAS

Copyright © 2021, Autores

**Reitor:** Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira  
**Vice-Reitora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone de Almeida Delphim Leal  
**Pró-Reitor de Administração:** Msc. Seloniel Barroso dos Reis  
**Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elda Gomes Araújo  
**Pró-Reitor de Planejamento:** Prof. Msc. Erick Frank Nogueira da Paixão  
**Pró-Reitora de Gestão de Pessoas:** Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento  
**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Alves Fecury  
**Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias:** Prof. Msc. Steve Wanderson Calheiros

**Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá**  
Madson Ralide Fonseca Gomes

**Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá**  
Fernando Castro Amoras

#### Conselho Editorial

Madson Ralide Fonseca Gomes (Presidente), Ana Flávia de Albuquerque, Ana Rita Pinheiro Barcessat, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daize Fernanda Wagner, Danielle Costa Guimarães, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Janielle da Silva Melo da Cunha, João Paulo da Conceição Alves, João Wilson Savino de Carvalho, Jose Walter Cárdenas Sotil, Norma Iracema de Barros Ferreira, Pâmela Nunes Sá, Rodrigo Reis Lastra Cid, Romualdo Rodrigues Palhano, Rosivaldo Gomes, Tiago Luedy Silva e Tiago Silva da Costa

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G516m  
Mulheres no rádio amapaense: inovadoras / Paulo Giraldi (organizador). – Macapá : UNIFAP, 2021.  
104 p. il.  
ISBN: 978-65-89517-09-2  
1. Comunicação. 2. Rádio. 3. Gênero. I. Paulo Giraldi. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.  
CDD 070

**Capa e Arte:** Karollinne Levy Pontes de Aguiar

**Diagramação:** Fernando Castro Amoras

**Revisão:** Anézia Maria Brito Lima



Editora da Universidade Federal do Amapá  
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br  
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,  
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão do Organizador. É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte. As imagens, ilustrações, opiniões, ideias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores dos respectivos textos.

## SUMÁRIO

<b>Mulher: força inspiradora .....</b>	07
Paulo Vitor Giraldi Pires	
<b>Apresentação: Histórias de mulheres solidárias .....</b>	09
Nelia Del Bianco	
<b>Prefácio .....</b>	11
Debora Cristina Lopez	
<b>Ana Girlene: a voz do Café com Notícia .....</b>	15
Amanda Letícia Bastos Rodrigues Anita Flexa Rodrigues Railana da Silva Pantoja	
<b>Bianca Castro – empoderamento feminino no rádio .....</b>	25
Felipe Lima Jéssica Mont’Alverne Renata Nunes	
<b>Gilvana Santos – pioneira na imprensa tucuju .....</b>	31
Élcio Barbosa Isabel Ubaiara Farias Marcella Palheta Fonseca Nelson Carlos da Silva Gama	
<b>Helena Guerra: palavra de mulher .....</b>	39
Karina Soares Pacheco Pedro Henrique Monteiro de Souza Samilla Thais Rodrigues Lima	
<b>Janete Carvalho: Alô, Alô Amazônia! .....</b>	47
Luciana Cordeiro Coêlho Michelle da Silva e Silva Rayane de Almeida Penha	
<b>Márcia Corrêa: do Café às Massas .....</b>	59
Antonio Lucas Pontes Costa Kellven Jhonatan Cortes Vilhena Rafaela Cristina Cordeiro dos Santos	
<b>Maria Farias “Socorro”: o novo espaço feminino .....</b>	73
Laura de Oliveira Machado Luana da Conceição Silveira Luiza Nobre de Mensezes Melo	
<b>Rute Hippolyte – a flor rara do rádio .....</b>	81
Jacimara Castro Monteiro	
<b>Suelen Vilhena: radialista/locutora .....</b>	89
Jamille Rosa da Silva Dias Joeli da Silva Barros Sidney Marques Cardoso	



<b>Ziulana Melo: a menina que cresceu no rádio .....</b>	<b>101</b>
Fernando Carneiro Pereira	
Núbia Paes Pacheco	

## Mulher: força inspiradora

O feminino é força que move o mundo. Essa é uma verdade que aprendi em casa, com uma mulher de poucos estudos, profissional doméstica há mais de 40 anos; mas com poder e garra de transformação e superação: minha mãe, dona Marizeti Giraldi. Somos gerados pela energia e matéria do feminino, e nela podemos refazer e potencializar os próximos passos desta atual humanidade, em crises de valores e mutações sócio-culturais e biológicas. Eu acredito que as respostas, para as grandes mudanças desta década e das próximas, está nas mulheres - as inovadoras. O ser mulher vai além de uma definição de gênero ou sexualidade, mas é a força co-criadora, divina e livre. As mulheres podem!

Esse segundo volume da Coleção de Sala – “Mulheres no Rádio Amapaense”, de forma singular, afetiva e plural, traz para você histórias de profissionais apaixonadas pela comunicação jornalística e pelo rádio. É uma publicação de histórias de vida e memórias, com detalhes preciosos da trajetória de mulheres pioneiras do rádio na região da Amazônia amapaense. Cada entrevista registrada é fruto do trabalho de alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Neste livro, você conhecerá testemunhos inspiradores de mulheres-mães-profissionais que atuam na comunicação do Amapá, são elas: Ana Girlene, Bianca Castro, Gilvana Santos, Helena Guerra, Janete Carvalho, Márcia Corrêa, Maria Socorro, Rute Hippolyte, Suelen Vilhena e Ziulana Melo.

Parabenizo e agradeço aos meus alunos e alunas pela dedicação durante todo o percurso desta valiosa produção. Meu carinho, abraço e admiração a/ao: Amanda Bastos, Anita Flexa, Élcio Barbosa, Felipe Lima, Fernando Pereira, Isabel Ubaiara, Jamille Rosa, Jéssica Mont’Alverne, Joeli Barros, Karina Pacheco, Kellven Vilhena, Laura Machado, Luana Silveira, Lucas Costa, Luciana Coêlho, Luiza Nobre, Mara Castro, Marcella Palheta, Michelle Silva, Nelson Carlos da Silva, Núbia Pacheco, Pedro Monteiro, Rafaela Justino, Railana Pantoja, Rayane Penha, Renata Nunes, Samilla Rodrigues e Sidney Cardoso.

Essa obra torna-se possível com o apoio de toda equipe da EdUNIFAP (Editora da Unifap), em acolher as novas publicações, na pessoa do diretor, Prof. Dr. Madson Ralide; e por todo profissionalismo e talento do Editor-chefe, Fernando Castro Amoras. Gratidão a nossa docente, Profa. Me. Karollinne Levy Pontes De Aguiar por toda produção da arte e design do livro, e a minha bolsista de Iniciação Científica (CNPq), Anézia Maria Brito Lima, pelo cuidado nas correções e ajustes dos textos.

Por fim, dedicamos esse livro ao nosso eterno e saudoso (*in memoriam*) Prof. Dr. Padre Aldenor Benjamim dos Santos. Para nós, ele continuará referência, inspiração e



motivação no 'fazer comunicação humana' e, por ensinar a nunca desistirmos da paixão pelo radiojornalismo democrático, educativo e transformador de vidas e histórias.

Meu abraço, respeito e admiração a todas as mulheres!

**Prof. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires**

Diretor da TV Digital e Rádio Universitária 96.9 FM

Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Docente do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Desenvolvimento Regional

Coordenador Nacional do GP América Latina da INTERCOM

# APRESENTAÇÃO

## Histórias de mulheres solidárias

A leitura de *Mulheres no Rádio Amapaense: Inovadoras* acionou a minha memória dos tempos em que atuei como jornalista. Na década de 80, aos 20 anos, comecei trabalhar em emissora de rádio comercial. O ambiente masculino era predominante em todos os segmentos da emissora. Porém, na redação do jornalismo éramos três mulheres que buscavam afirmar sua identidade num campo profissional desigual. Não era fácil ser profissional sob o olhar desconfiado de parte dos homens da emissora quanto a nossa capacidade e competência. Mulheres pareceriam seres infiltrados nas redações, entrando em um território que não era delas.

O fato é que esse território do domínio masculino tem sido mudado desde a década de 80 quando teve o início do movimento de feminização da profissão do jornalismo motivado pela criação de cursos universitários com turmas, muitas vezes, formadas na sua maioria por mulheres. Embora elas formem a maioria da sociedade brasileira, conforme dados de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representam 37% do mercado do jornalismo no país. Ou seja, os homens ainda são maioria nas redações.

Os depoimentos de dez bravas e competentes profissionais do rádio do Amapá reunidas neste livro é um convite a pensar sobre as diferentes formas de percepções em relação as diferenças de gênero. As jovens com até 15 anos de profissão tiveram o privilégio de encontrar um ambiente mais acolhedor do que aquelas que iniciaram na atividade há mais de 25 anos. Como disse uma das entrevistas, Bianca Castro, de 32 anos, ao lembrar que as mulheres hoje são cada vez mais protagonistas: “Antes queriam nos calar, hoje querem nos ouvir!”

Querem ouvir mulheres no rádio pelo diferencial que oferecem na atuação profissional. São mais cuidadosas e detalhistas com o que produzem. Fazem muita diferença pela sensibilidade na abordagem de assuntos sociais. A maioria delas está preocupada com as questões sociais e da cidadania. Abordam em seus programas temas como saúde, especialmente da mulher, saneamento básico, meio ambiente, vida saudável entre outros de interesse da cidade. Despertam o interesse nas pessoas a serem mais solidárias, mais participativas na comunidade, nas situações do dia a dia.

O livro também cumpre o papel de registrar a memória dessas profissionais sobre a sua trajetória à frente dos microfones, trazem à luz fatos e acontecimentos que ajudam a compreender a própria trajetória do meio rádio no estado.

Ser jornalista de rádio é mais que uma profissão, extrapola a narração dos acontecimentos, o que exige também que deem sentido à incessante sucessão de fatos. Mui-

tas vezes jornalistas dão mais do que se exige a uma profissão, confundindo vida e trabalho, pois o jornalista o é em todo momento que faz. Os depoimentos reunidos retratam bem o que significa romper com os limites da profissão todos os dias.

Fico feliz com a iniciativa do professor Paulo Giraldi de inspirar alunos e alunas a conhecerem o rádio por meio de seus profissionais. Do ponto de vista metodológico significa inseri-los no campo da pesquisa sobre histórias de vida. Uma perspectiva de estudo que se preocupa com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador. Desse modo, consegue gerar conhecimento sobre pessoas a partir da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores. Certamente ao término dessa vivência, os discentes mudaram seu ponto de vista sobre o rádio e profissão. E isso é mais um tijolo que se assenta em prol do sentido de permanência do meio na sociedade contemporânea.

**Profa. Dra. Nelia Del Bianco**

Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação  
das Universidades de Brasília (UnB) e Federal de Goiás (UFG)

## PREFÁCIO

O rádio brasileiro comemora seus 100 anos de vida. Desde o início das transmissões, no final da segunda década do Século XX, descobriu-se, desenvolveu-se, redesenhou-se, redescobriu-se. De um rádio (se é que já foi um só), tornou-se múltiplo. Em um país continental, diverso, multicultural, miscigenado e rico em experiências como o Brasil, é impossível dizer que conhecemos, efetivamente, o rádio. Isso porque ele se faz por meio de fragmentos – relacionados ou desassociados – que permitem tecer a(s) identidade(s), a(s) memória(s), o(s) tempo(s) do rádio.

Não podemos afirmar, hoje, que temos uma radiografia do rádio brasileiro, que conhecemos suas características, suas audiências, seus sujeitos. Isso porque, como indicamos, não se trata de um rádio, mas de vários. A radiografia, neste caso, trata de um corpo multifacetado em que a cultura do rádio tradicional, que conecta comunidades, acompanha o dia a dia do público e auxilia no cotidiano convive com o rádio expandido, multimídia, informativo, complexo narrativamente. Não são diferenças demarcadas exclusivamente pela geografia ou pela geopolítica, mas por um contexto intrincado de elementos que levam a alterações nos perfis de consumo e produção do meio.

Neste livro, além do registro oral das experiências, está revelada a realidade do rádio amapaense, de parte de sua trajetória, de suas relações. A partir das impressões e das memórias das radialistas reconhecemos o meio, sua inserção na história, as afetações da cultura local, dos hábitos – de produção, de circulação, de escuta – no que é esse rádio.

No Amapá, as mulheres são protagonistas de um rádio diverso, que precisa dar-se a conhecer para que possamos integrá-los no mosaico sonoro da comunicação radiofônica brasileira. O conteúdo, a sonoridade, a fala, o sotaque e o ritmo deste rádio demarcam um fazer integrado própria identidade da mulher radialista – protagonista, intensa, próxima e confiável na sua relação com a audiência, refletida na perenidade dos programas.

O prazer da produção sonora reflete-se nas relações afetivas com o rádio, na sua presença no cotidiano da cidade, nas afetações dos sujeitos e de suas vidas. Daí a importância de conhecer o contexto, de conhecer a história, de entender o local, de escutar os relatos e conhecer as experiências.

Embora as mulheres sempre tenham sido parte do rádio, nas primeiras fases do meio elas atuavam ocultas ou em funções “tipicamente femininas”, como programas sobre a vida dos famosos ou de cuidados domésticos. As rádioatrizes e as cantoras do rádio eram vistas em uma dupla representação: idolatradas por sua “vida de glamour”

e consideradas como mulheres que pouco respeito, já que rompiam com padrões e restrições sociais.

A voz masculina, mais grave, foi representada por anos como referencial de credibilidade em oposição à noção de infantilidade e baixa credibilidade da voz mais aguda, mais característica das mulheres. O padrão de locução impostado, grave, construído também pelas limitações técnicas, foi mantido devido a preconceitos, relegando as mulheres a campos específicos no rádio.

A conquista dos espaços, da credibilidade, do vínculo com a audiência, dos direitos das mulheres no rádio (como produtoras, locutoras ou mesmo fontes de informação) se deu com lutas, desafios e persistência. Muitas vezes assediadas, estereotipadas e desvalorizadas por colegas de profissão e até mesmo por parte da audiência, as mulheres abriram seu espaço no rádio e se provaram capazes de ser comunicadoras de qualidade.

Os desafios de uma profissão que foi por anos considerada masculina somam-se aos do cotidiano, como a dupla jornada, as responsabilidades decorrentes da maternidade, e, em muitos casos, as relações de violência física e psicológica que vitimam mais as mulheres do que os homens.

A história, no entanto, se altera. Casos de assédio não são mais deixados de lado ou naturalizados, mas confrontados muitas vezes com o apoio da audiência. A cada dia mais e mais mulheres atuam no rádio, permitindo que o meio tenha estética e ritmo diversos com manutenção da qualidade técnico-editorial.

No entanto, ainda é importante que a trajetória dessas mulheres seja reconhecida e registrada, que o rádio que elas fazem e a forma como dialogam com sua audiência sejam compreendidas como únicas, como uma resposta a mudanças estruturais na sociedade, que extrapolam o rádio em si. Mais do que uma manifestação de feminismo, o reconhecimento do papel assumido por essas locutoras revela a compreensão da evolução humana, a observação de que o meio não se faz somente de vozes graves, masculinas, mas da diversidade – como o mundo para o qual fala.

Voltamos, então, ao início deste texto e ao nosso ponto central: a diversidade do rádio, sua variedade estrutural, estética, as diferenças entre os sujeitos, as riquezas maiores das narrativas sonoras. Essa variedade é territorial, é geográfica, é cultural, é humana. E se alinha com o desenvolvimento da audiência, com a valorização da tolerância, do respeito e da escuta do outro.

O livro “Mulheres no Rádio Amapaense: Inovadoras” tem mais um grande mérito, além da sua inserção no cenário que desenhamos até aqui: são os estudantes, futuros comunicadores e colegas destas mulheres, as pessoas que conduziram as entrevistas. E através do encontro com essas experiências, da escuta destes relatos, estes estudantes podem compreender o rádio, suas práticas, seus tensionamentos e defrontam-se

com a dualidade marcada na necessidade e na dificuldade de mudar.

Mudar, no entanto, é caminho – percorrido e futuro. E os depoimentos dessas mulheres revela que não há volta, que não haverá silenciamentos. Revela que as conquistas serão exibidas – seja através dos prêmios, do programa que se mantém no ar por décadas ou da fidelidade e proximidade ao ouvinte, objetivo de todo comunicador ou comunicadora – e que a cada dia a diversidade e o respeito serão esperados. E se não existirem de maneira naturalizada, serão exigidos.

O importante é lembrar que o rádio é também delas. Com o mesmo peso. Com o mesmo valor. Com o mesmo afeto. Com a mesma qualidade. Como diz a locutora Bianca Castro em sua entrevista: “Antes queriam nos calar, hoje querem nos ouvir!”

### **Profa. Dra. Debora Cristina Lopez**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenadora adjunta do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (2015-2020)



# ANNA

Foto Arquivo Pessoal/Ana Girlene



## Ana Girlene: a voz do Café com Notícia

Amanda Letícia Bastos Rodrigues<sup>1</sup>

Anita Flexa Rodrigues<sup>2</sup>

Railana da Silva Pantoja<sup>3</sup>

“O jornalismo no rádio perdeu aquela eloquência, aquela voz empostada, aquele texto e roteiro muito amarrado. A espontaneidade, a leveza, a conversa mais descontraída e esse olhar sensível que as mulheres têm para mediar uma pauta, esticar uma conversa, trazer um assunto, uma entrevista, para propor uma abordagem, colocar num comentário um aspecto que às vezes um olhar mais machista não traria.”

### Perfil

Ana Girlene Dias de Oliveira. 40 anos. Nascida em 3 de dezembro de 1978. Filha de Ana Maria Dias de Oliveira e José Carlos de Oliveira (falecido). Sempre foi apaixonada por comunicação e na adolescência teve suas primeiras experiências na área, participando de um programa de televisão e atuando em jornal impresso. É graduada em Jornalismo e pós-graduada na área de segurança pública (também atua como policial civil). Apresenta há quase 11 anos o programa de rádio Café com Notícia (criado junto com a jornalista e amiga Márcia Corrêa), que vai ao ar de segunda a sexta na rádio Diário FM Macapá, a partir das 17:30h. Nesse período também teve a oportunidade de contribuir com artigos para o site do saudoso Corrêa Neto, colunas para os jornais Diário do Amapá e A Gazeta, além de participar da revista O Pavio, que abordava temas para a juventude. Além do rádio, trabalha em assessoria de imprensa e atualmente integra a equipe de comunicação do Ministério Público do Amapá.

No dia 03 de dezembro de 2018, Ana Girlene de Oliveira completou mais um ano de vida. 40 verões para ser exato, e para comemorar, a jornalista aceitou nos conceder essa entrevista e falar da sua carreira desde a formação acadêmica, até a formação do famoso programa vespertino “Café com Notícia” e os planos para o futuro.

### O começo da carreira e o interesse pela comunicação

“Começou um pouco antes da decisão pela graduação. Eu tinha duas áreas de inte-

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [amandabastos@gmail.com](mailto:amandabastos@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [anita\\_rodrigues@hotmail.com](mailto:anita_rodrigues@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [raillana.silva@gmail.com](mailto:raillana.silva@gmail.com)

resse na época, que era Direito e acabei cursando depois, mas não toda a faculdade, e Comunicação. Porque antes disso, por influência de uma pessoa da minha família, de um tio que trabalhava com Comunicação, eu já tinha uma noção do que era e já me identificava, participava de uma equipe como colaboradora de um Jornal na época, um jornal impresso, o Amapá Estado, e ele fazia também um programa de televisão, e eu era meio que a sobrinha, aquela mão de obra curiosa e interessada.

Então eu já comecei a ter experiências com a Comunicação antes da faculdade, pelos 16 e 17 anos. Depois quando se instalou o primeiro curso de Jornalismo, eu não tive mais dúvidas e resolvi fazer o vestibular e a faculdade”.

## **A realização da faculdade de Jornalismo**

“Foi na faculdade Estácio na época, a única que tinha na primeira turma, no primeiro vestibular da faculdade. Era bem pequena na época, tinha dois cursos somente, éramos nós da área de Comunicação e acho que era Turismo a outra, isso foi no ano 2000”.

## **A trajetória na comunicação e o começo no rádio**

“Então, eu acabei nessa história de entrar na faculdade, eu também era do movimento estudantil, demorei um pouco ali, fiquei na militância, no movimento, ainda sem saber se ia ser mesmo Comunicação ou não. Quando entrei na faculdade, estava trabalhando, na época que comecei a fazer a faculdade de Jornalismo, estava trabalhando exatamente com Comunicação, mas eu trabalhava em uma área na Prefeitura de assessora do gabinete do prefeito na época, era bem garota, mas participava de várias atividades ali é sempre que podia conciliava com alguma coisa na área de Comunicação. Mas durante a faculdade, eu acabei como disse trabalhando para custear os meus estudos, depois que terminei realmente a faculdade foi que mergulhei na carreira especificamente.

Eu trabalhei um período na Prefeitura, quando estava terminando a faculdade eu já estava trabalhando em outro órgão que era na assessoria de imprensa do Tribunal de Contas, só que durou pouco, por mudanças na administração e eu saí, eu e a Márcia Corrêa que trabalhávamos juntas e mais uma amiga nossa que já faleceu. E quando nós estávamos sem emprego, foi uma mudança rápida, nós decidimos criar um programa de rádio que até então era minha última opção. Eu sempre pensei na comunicação no que seria impresso, fazer alguma coisa voltada para o impresso, talvez alguma coisa de TV, mas o rádio não estava nos planos.

Mas por um desses momentos da vida, tinha uma emissora pela manhã que era a

Equatorial 94,5 que não tinha uma programação, e estava com a grade aberta. Tínhamos os dois grandes apresentadores de rádio nos programas matinais, o Lobato é o Luiz Melo, ambos estão até hoje iluminando a manhã, além dos outros programas. E nós decidimos criar o Café com Notícia nesse desafio de se colocar uma opção em uma outra emissora com pouca audiência, a Márcia Corrêa que era um nome mais forte, porque já vinha de uma trajetória de rádio com o pai dela Corrêa Neto.

Então, eu estava ali para começar mesmo, metendo a cara sem nunca ter feito para aprender alguma coisa e aproveitar enfim essa experiência profissional da Márcia que é muito grande, esse conhecimento dela, e assim nasceu o Café com Notícia que acabou virando desde então a minha atividade ininterrupta, com um intervalo ou outro por um problema, que nós ficamos cinco anos fazendo esse trabalho pela manhã na Equatorial, e depois migramos para este outro desafio que foi fazer o Café com Notícia no final da tarde. Então, essa história tem 11 anos”.

## **A migração para a Diário FM Macapá**

“Nós ficamos nesse período de cinco anos na Equatorial e por uma questão política, houve uma interferência, uma mão invisível que comprou. Porque nós temos aqui no Amapá essas coisas das emissoras sublocarem os horários, então são programas independentes, tem que pagar o nome da emissora pelo horário e ter patrocínios, mas infelizmente se alguém vai e paga mais, e o dono da emissora não tiver alguma coisa de ética, que foi o que aconteceu conosco, fomos tiradas do ar sem aviso prévio a verdade é essa, fomos trabalhar fazer o programa e chegamos lá e disseram que não tinha mais programa. Foi bem ruim, difícil como tudo na vida, aquilo que aparentemente é uma derrota acabou se tornando, se transformando depois em algo positivo.

Primeiro, pelo carinho das pessoas, o reconhecimento ao nosso trabalho e essa abertura que nós criamos com a outra emissora que hoje é a Diário FM que nós estamos que é melhor estruturada, é um ambiente de cooperação, de crescimento profissional maior se comparado a outra emissora. A outra emissora eu diria que hoje representa o atraso em termos de Comunicação no Amapá, o dono de uma empresa ter um sinal de uma FM e fazendo o que quiser e não tendo compromisso público nenhum, responsabilidade social nenhuma com a lei, porque na comunicação social, temos um capítulo na constituição, sabemos o que é uma concessão pública. Portanto deveria ter mais respeito, mas infelizmente não tem”.

## **Momentos marcantes no Café Com Notícia**

“Eu acho que negativos foram esses, como falei dessa imprevisibilidade, dessa insegurança que você tem de estar apresentando, nós por exemplo, demoramos algum

tempo para conseguir um espaço pela manhã, alguma audiência. Eu vou entrar em um momento que foi muito importante para a gente, a Operação Mãos Limpas, porque naquela ocasião nos nós tornamos conhecidas, as pessoas sabiam, ouviam, viram que tinha as ‘meninas do rádio’, chamavam assim.

A Operação Mãos Limpas foi em 2010 se não me engano, setembro de 2010. E quando aconteceu aquela Operação foi uma bomba atômica caindo sobre o Amapá prendendo todos os agentes políticos.

As próprias emissoras de rádio na época, muitas pessoas que estavam sendo presas eram aliados a essas emissoras, havia uma certa dificuldade dessas emissoras cobrirem, e como nós fazíamos um programa absolutamente independente, eu e a Márcia ficamos sem amarras qualquer é aquele dia começamos a cobertura por volta das seis horas da manhã, quando eu estava indo para a rádio, a gente começou a perceber a movimentação e que haveria uma grande Operação na cidade, e nossa grande equipe era eu e ela, então ela foi pro estúdio e eu fiquei na rua, no meu carro particular, no meu telefone, fazendo a cobertura de rua e nós ficamos até quase meio dia em uma audiência absurda que a gente se deu conta pelo número de mensagem que chegaram aquele dia.

E começamos a perceber a partir da segunda-feira seguinte, a Operação foi em uma sexta-feira, as pessoas ligavam, os amigos diziam que éramos as únicas pessoas que estávamos no ar, então estava todo mundo querendo saber das notícias. Pelo o que disse a assessoria de imprensa de Brasília, se a gente não foi a primeira, fomos umas das primeiras a ligar para saber o que estava acontecendo aqui no Amapá, e na segunda-feira seguinte percebemos que o programa tinha ganhado uma audiência maior. Foi um momento bem marcante esse”.

## **A contribuição como mulher radialista para o Amapá**

“Eu confesso que não paro para pensar assim “ah, sou mulher fazendo rádio”, a gente simplesmente vai e faz. Mas não resta nenhuma dúvida, e eu tenho uma preocupação permanente, de que esses assuntos que tratam de gênero estejam presentes no nosso dia a dia. Então não é falar da mulher na pauta tradicional do dia oito de março, quando tem marcha contra a violência, falar só quando tocam na Lei Maria da Penha... Eu penso que nós precisamos falar sempre, buscando sempre esse protagonismo e a coisa vai acontecendo naturalmente.

Começamos eu e a Márcia Corrêa, mas várias colegas acabaram estando conosco, como a Graziela Miranda, Aline Kaiser, Mariléia Maciel, Ilziane Launé e Lilian Monteiro. Então sempre a gente tem algumas mulheres que vão se juntando e sem querer acabamos construindo um exército feminino”.

## **Igualdade nas emissoras para mulheres e homens**

“Ainda somos uma minoria, mas eu não sei dizer se essa minoria se dá por alguma espécie de barreira, preconceito, machismo institucionalizado ou por desinteresse e falta de mulheres que queiram atuar em determinadas áreas. Eu vejo que tem muito mais mulher em televisão, e hoje também temos muitas buscando o rádio e os portais. Então eu acho que é mais uma questão das mulheres irem buscando esse espaço, ele existe. Eu também sempre percebi que o fato de sermos mulheres no rádio despertou em outras mulheres o carinho e o respeito, aquele sentimento de se sentir representada, e despertou nos homens também. Eu nunca senti absolutamente nada que pudesse dizer “deixamos de fazer isso ou aquilo pelo fato de sermos mulheres”. Dificuldades, censura e algumas outras coisas que acontecem nas empresas de comunicação, aconteceram e continuam acontecendo por outros fatores, não pelo fato de ser homem ou mulher”.

## **A presença feminina na linguagem radiofônica**

“Uma das coisas que eu sei é que o feedback nos dá essa possibilidade de responder. Vou te dizer o que eu senti muito e em conversa com outros colegas mais antigos, como o Luiz Melo, o que chamou a atenção deles, segundo ele, é o fato de sermos muito mais naturais e espontâneas. O jornalismo no rádio perdeu aquela eloquência, aquela voz empostada, aquele texto e roteiro muito amarrado. A espontaneidade, a leveza, a conversa mais descontraída e esse olhar sensível que as mulheres têm para mediar uma pauta, esticar uma conversa, trazer um assunto, uma entrevista, para propor uma abordagem, colocar num comentário um aspecto que as vezes um olhar mais machista não traria. Vejo a contribuição das mulheres nesse sentido, como em todas as outras áreas, se dá por essa capacidade de ter sim um olhar mais sensível, flexibilidade, capacidade de adaptação e um tom mais moderado que a gente acaba trazendo quando nos interessamos em determinados assuntos, buscamos um jeito de abordar isso e envolver todo mundo da equipe. É uma contribuição muito importante”.

## **Vida profissional e familiar**

“Não tenho nenhuma dúvida de que tudo na vida, quando você se dedica 100% a uma coisa, a tendência é que você tenha muito mais destaque naquilo. A gente pode ter muito reconhecimento profissional, mas por alguma incompetência, por alguma falta de habilidade nossa, esse reconhecimento profissional não necessariamente se traduz em vantagens financeiras. Então todo jornalista precisa se virar nos 30. Tem

que cobrar o escanteio e correr para cabecear. As vezes dois empregos não é uma opção, mas sim uma necessidade. Penso que uma coisa acaba comprometendo a outra, porque nem sempre eu consigo me dedicar integralmente aos assuntos que eu vou abordar no programa. Eu tenho que confiar muito na nossa equipe para chegar lá, pegar o roteiro e aproveitar o repertório que eu já tenho para conduzir um programa de uma hora e meia ao vivo. Talvez se eu me dedicasse exclusivamente a ele, seria um programa muito mais redondinho.

Da mesma forma, você acaba falhando também onde você presta assessoria de imprensa, porque de algum modo você tem um horário que acaba te impedindo de fazer isso ou aquilo a partir de determinado horário. O fato é que isso sobrecarrega sim. Então a partir das 19h30/20h, o horário que eu chego em casa, tenho feito um exercício de tentar desligar e deixar um pouco de lado o telefone, as pautas que chegam à noite (porque as pessoas acham e é verdade que o jornalista é jornalista 24h) e as pessoas acabam te exigindo uma atenção independente do horário. Não tem jeito, para descansar tem que largar o telefone e fazer outra coisa que gosta, assistir um filme, ler um livro e no meu caso e de minha companheira, adoramos ficar com nossos cachorrinhos. É um momento muito bom da vida da gente, chegar em casa e ter essa descarga de amor que os pets trazem”.

## **A motivação para ser jornalista**

“Sabe, isso é algo que eu me pergunto todos os dias. A minha motivação está em um tripé, é ser uma pessoa bem-sucedida, é ter um negócio que eu possa contribuir para a formação de mão de obra de outras pessoas que tenham no Café com Notícias uma experiência de primeiro emprego, que seja um negócio que se sustente e seja sustentável. Que a gente possa mantê-lo no ar e aperfeiçoar e crescer com ele. Nós tivemos muita ajuda das redes sociais e esse foi o diferencial do Café, a chegada do Twitter, hoje estamos no Facebook também. Mas podemos e devemos melhorar muito nesse aspecto. E fazer alguma coisa no campo da comunicação. Todos os dias eu me pergunto: Por que eu faço o Café com Notícias todos os dias?. Para dar alguma contribuição para o Estado do Amapá, para que possamos melhorar o nosso Estado em diversos aspectos. Porque é muito frustrante para mim com cidadã noticiar algumas coisas há onze anos. Noticiar as mesmas coisas há onze anos. Entrevistar certos políticos há onze anos e receber as mesmas respostas nesse mesmo tempo.

Então se a gente puder de algum modo, nesse aspecto da cobertura política, ser uma voz que de alguma forma, contribua para que as pessoas percebam o nosso atraso cultural e político decorrente da incapacidade da nossa sociedade de se organizar e cobrar, é uma motivação. E a outra é fazer do Café, um espaço onde certas pautas não encontram lugar em outros veículos de comunicação, terão sempre lá, uma janela

aberta para diálogo”.

## **O futuro como jornalista e do Café Com Notícia**

“É eu ando pensando muito sobre isso. Nós estamos em um ciclo e as vezes eu me pergunto se esse clico tem que se fechar, ou as vezes se ele está precisando de um aperfeiçoamento. Eu particularmente estou em busca dessa resposta para o próximo ano. Queremos melhorar o que já temos, especialmente com a utilização das redes sociais e muito especificamente a partir da necessidade urgente que nós temos de separar o ‘joio do trigo’, de separar o que é notícia falsa e o que é notícia verdadeira. De fazer um trabalho que a gente possa, daqui a um tempo, com a equipe certa, com um investimento que a gente possa captar, chegar a ter um selo de checagem de notícia, de poder ser essa voz com autoridade para colocar determinadas questões em pauta sem duvidar da veracidade dela, então, não só transmitir a fala oficial, como buscar dados, realizar pesquisas e caminhar nesse sentido. Mais uma vez não é uma caminhada que vai trazer vantagens financeiras, porque ninguém quer investir nesse tipo de coisa, e é algo que desagrada muita gente. Mas é o que a gente se vê fazendo.

Então assim do ponto de vista profissional é isso, mas do ponto de vista pessoal eu confesso que eu tenho uma coisa dentro de mim que eu deixei adormecer lá atrás e que eu tenho pensado muito se eu não preciso enfrentar isso de vez, ou para descartar ou para encarar, que é uma vertente minha, uma veia muito forte na política. Gosto muito dessa área, eu demonizei a política de uns tempos para cá, e a gente faz isso como jornalista, a gente procura afastar o máximo possível embora a gente tenha as nossas próprias preferências, isso é claro. Não podemos ser hipócritas nesse sentido. Mas de repente é possível contribuir em outras áreas, é um dilema pois eu tenho uma clareza que no momento em que eu optar por um lado se a política eu vá comprometer o maior patrimônio que é a credibilidade, mas que muitos podem não compreender”.

## **Conselhos para mulheres no rádio**

“A nova geração tem tudo para reinventar o rádio. Se a gente for ver a disputa de hoje do rádio com os outros meios, é um recurso que se não buscar se integrar com as redes sociais, como faz a nossa emissora atualmente que transmite os programas pelo Youtube e pelo Facebook, que está no Twitter, no Instagram, o entrevistado está lá fazendo uma foto e colocando nas suas redes pessoais, você está procurando chamar atenção do seu internauta e que vai nos acompanhar através desses novos meios. Hoje essas novas meninas e mulheres precisam entrar no mundo do rádio com essa percepção da convergência, e que existe um campo maravilhoso que é a voz da mu-

lher no rádio. Por elas terem uma voz mais suave, é uma voz que agrada o público, pela capacidade de interpretação do mundo, da mediação, da sensibilidade, temos questões que nos abalam diariamente e que precisam ser discutidas e a gente não pode esperar que os homens façam isso. Ainda estamos muito longe de conquistar a igualdade, o respeito que tanto buscamos, então as mulheres do rádio sem dúvida nenhuma representam uma porta aberta para essa sociedade que tanto queremos construir de mais respeito, mais tolerância e mais igualdade. Eu posso ter um olhar mais tolerante sobre isso, mas o que eu vejo, é que as mulheres estão muito mais dispostas e disponíveis a darem as mãos a serem elementos de combustão, que criam movimentos e que tem a capacidade de juntar as pessoas, então não podemos deixar que essa ferramenta tão importante de comunicação fique majoritariamente só com os homens”.

### **Ana Girlene comenta sua trajetória**

“O tempo passa muito rápido. A gente não se dá conta, quando somos jovens, do quanto o tempo voa. Para mim é como se não tivesse passado todo esse tempo, ainda me sinto uma pessoa em busca, lembro bem daquele texto que o Pedro Bial gravou o “Filtro Solar”, em que ele dizia que as pessoas chegavam aos quarenta sem saber realmente o que queriam. Do ponto de vista profissional eu não posso reclamar, acho que dentro de um cenário local, eu tenho duas ocupações, tenho uma remuneração que me permite viver dignamente e tenho reconhecimento profissional do meu trabalho. Acho que é preciso agradecer e reconhecer tudo o que alcancei. Do ponto de vista pessoal, eu digo que eu entrei nesse processo de buscar exatamente esse conhecimento, porque quando você olha ao seu redor e você vê que algumas questões mais objetivas e materiais estão devidamente encaminhados e resolvidos, e ainda assim você tem alguma angústia ou algum desejo profissional que você não possui, é hora de parar um pouco e diminuir o ritmo e fazer aquele mergulho interior que é complexo, difícil e necessário. Eu agradeço muito e chego aos quarenta com muita disposição para trabalhar mais e aproveitar melhor sem aquele discurso piegas, e manter o dia de hoje, procurar ser mais tolerante comigo. Tudo valeu a pena, tirando uma coisa ou outra, eu não me arrependo de nada”.





# BIANCA

Foto: Renata Nunes



# Bianca Castro – empoderamento feminino no rádio

Felipe Lima<sup>1</sup>

Jéssica Mont’Alverne<sup>2</sup>

Renata Nunes<sup>3</sup>

## Quem é

Bianca Bruna Costa de Castro, 32 anos, natural de Macapá/AP, é economista, jornalista e acadêmica de direito. Casada há 9 anos, é mãe de Átila e Antonella. Iniciou sua carreira no jornalismo aos 16 anos como assistente de palco no programa Olímpio Guarany. Hoje, Bianca comanda um programa na Rádio Difusora intitulado “Fim de Tarde.”

## Carreira

Aos 15 anos, Bianca Castro recebeu o primeiro elogio em relação a sua voz, do jornalista Tonhão, “*Ele plantou essa semente no meu cérebro*” destaca. Estudante de Economia, Bianca não esperava receber tantos convites para trabalhar como jornalista. Quando completou 16 anos, ingressou na TV Amazônia – SBT como assistente de palco no programa Olímpio Guarany. Um ano e meio depois, foi para TV Amapá como aprendiz e trabalhou na produção de pauta, “*Depois que viram que eu dava conta do recado, me contrataram*” afirma. Apesar de trabalhar com o audiovisual, Bianca sempre teve um carinho pelo rádio. Enquanto ainda trabalhava na TV Amapá, Bianca fazia questão de participar dos programas de rádio da Amapá FM, principalmente os voltados para o público jovem.

Bianca teve muitas oportunidades ao trabalhar na TV Amapá. Produziu reportagens para o Fantástico e em uma destas oportunidades, foi convidada para estagiar em São Paulo no programa da Ana Maria Braga durante um mês. Várias portas foram abertas após isso, Bianca foi trabalhar em Belém e descobriu seu talento como cerimonialista. Por problemas familiares, ela precisou retornar a Macapá. Em sua volta, trabalhou em Assessorias de Comunicação de instituições públicas e como apresentadora no SBT. Em 2013, Bianca apresentou seu primeiro programa de rádio ao lado do jornalista Bolero Neto na rádio 99 FM. Em seguida, Bianca foi convidada para trabalhar na Rádio Difusora, onde está há quatro anos.

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [nuneesrenata@gmail.com](mailto:nuneesrenata@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [epekslima@outlook.com](mailto:epekslima@outlook.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [jessicampmello@gmail.com](mailto:jessicampmello@gmail.com)

## **Início no Rádio**

Em 2013, Bianca estreou como radialista na rádio 99 FM, onde apresentava um programa policial ao lado do jornalista Bolero Neto. Posteriormente, ela foi convidada para fazer parte da equipe de apresentadores da Rádio Difusora. Apesar de ter uma trajetória curta no rádio, Bianca dá show de apresentação e possui uma carreira consolidada, sendo uma das vozes femininas mais reconhecidas no rádio do Amapá. Há um ano, Bianca estreou seu programa de entretenimento “Fim de tarde” voltado para o público jovem. Aquela semente plantada aos 15 anos pelo Jornalista Tonhão finalmente floresceu.

## **Dia a dia no Rádio**

O programa que Bianca Castro comanda é variado, por ser direcionado ao público juvenil, ela conta que não há rotina. Sorteio de prêmios, *lives* através do facebook para que as pessoas possam acompanhar ao vivo o programa, interação com o público e muitas outras ferramentas que fazem com que o “Fim de Tarde” possua tanta audiência. Através da utilização da internet, é possível realizar o programa fora da rádio e torna-lo ainda mais dinâmico.

Bianca também auxilia os programas jornalísticos na Rádio Difusora pela manhã. Pela tarde, organiza e comanda seu programa que vai ao ar de segunda a sexta das 17 horas até às 18 horas. A radialista busca abordar em seu programa assuntos que sejam relevantes e vitais para a sociedade. Apesar da seriedade dos assuntos, ela possui uma maneira bem pessoal de discuti-los “*O jornalista deve trabalhar de forma correta, mas não deve nunca se esquecer do humor*” destaca.

## **Desafios e realidades**

Sendo mãe de dois, Bianca se desdobra para conciliar seu trabalho e sua vida pessoal. Em uma de nossas entrevistas, ela estava no estúdio da rádio com a pequena Antonella e ao mesmo tempo que apresentava o programa, amamentava sua filha, tentando fazê-la dormir. Bianca é um exemplo de mulher batalhadora e mãe. Sem desfalar nenhum de seus papéis (esposa, mãe, filha, apresentadora, empresária), ela lida com bom humor com suas multifunções.

## **Momentos Marcantes**

Ao perguntarmos sobre momentos que marcaram sua trajetória no Rádio, Bianca lembra com emoção das visitas as áreas de ressacas. Ela se sensibiliza com a situação

de risco que muitas pessoas vivem e fala a respeito do comodismo e dependência de auxílios governamentais *“Eu pergunto para os jovens: o que você quer ser quando crescer? E ouço: não quero estudar, não! E se eu trabalhar, minha família perde a bolsa. Eu fico sensibilizada”*

Além das áreas de ressaca, Bianca fala sobre os trabalhos e visitas que realiza em casas de acolhimento. O Abrigo São José, localizado na Av. Padre Júlio, é o lar de vários idosos e é o mais frequentado pela radialista. No entanto, ela demonstra não querer contribuir apenas com doações, e sim, contribuir gerando discussões e informando a sociedade acerca da realidade de pessoas que vivem em situação de abandono. Todas as visitas são marcadas por um choque de realidade, que a deixa muito sensibilizada com a dor do próximo. Disseminar ações que possam potencializar a empatia entre as pessoas é uma das ideias que Bianca tem em relação ao seu programa de rádio.

## **Mulheres no Rádio**

Bianca acredita que o rádio é um espaço onde cada vez mais mulheres estarão protagonizando. *“Antes queriam nos calar, hoje querem nos ouvir!”* afirma. A rádio em que trabalha também é o espaço de outras quatro radialistas, cada uma com sua personalidade e identidade, elas formam um time que ganha cada vez mais espaço no mercado radiofônico.

Embora as mudanças no meio jornalístico tenham sido expressivas, Bianca relata que já sofreu preconceito de entrevistados, apenas por ser mulher. *“Mas quem vai fazer a entrevista, é você? Por que não pode ser o outro radialista?”*, questionamentos como esses ainda fazem parte do dia a dia da mulher radialista. Bianca valoriza a importância da mulher no rádio não apenas no Amapá, mas em todo o Brasil e busca abordar em seu programa, temas como educação financeira, política, mulheres na política e empoderamento feminino.

## **Inspirações**

Inspirações para a área em que atua é essencial. Contudo, Bianca alerta para tomar cuidado e buscar a sua identidade enquanto profissional. *“Não se pode imitar ou seguir o ritmo de alguém. Precisa ser original, autêntico e inovador”* afirma. As jornalistas Christiane Pelajo e Mylena Ciribelli foram algumas das que inspiraram Bianca no decorrer de sua trajetória jornalística. Apesar disso, ela ressalta que encontrar o seu perfil é primordial para o desenvolvimento do seu trabalho *“Eu procurei fazer o meu perfil. Eu consegui ser a Bianca que tem um lado de humor, tem um lado sério, tem um lado menina de voz empostada.”*

## Projetos Futuros

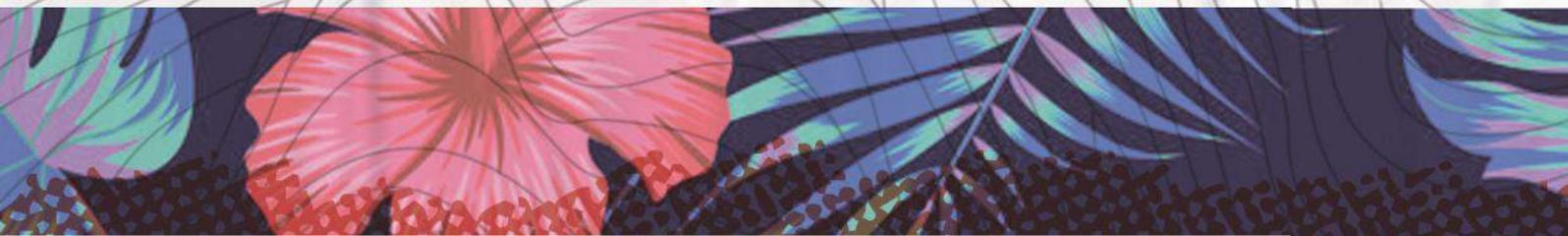
Os planos mudam à medida que suas prioridades mudam. Antes de Bianca possuir uma família, ela sonhava apenas com ascensão profissional. Dinheiro, carreira, sucesso não são mais prioridade. Hoje, ela busca qualidade de vida e tempo para que possa aproveitar a família. *“O que hoje eu prezo é trabalhar um horário e ter um tempo para minha família e o trabalho já não a primeira ‘coisa’ da minha vida, hoje é a segunda. A primeira são meus filhos”* afirma. Após anos de experiência e uma carreira consolidada, Bianca deixa um recado muito válido *“Não se empolgue muito com o sucesso. O sucesso é muito relativo, ele vem e vai. ‘Ai quero ser famoso, quero ganhar muito dinheiro...’ Cara, trabalhe direitinho e o sucesso é consequência, tá bom? O principal é ser feliz. A felicidade plena vem quando você desenvolve um bom trabalho, quando você tem o apoio da sua família, quando você é feliz com seus amigos, isso tudo reflete em seu trabalho. Se você não está feliz, você não consegue desenvolver corretamente seu trabalho. Então tentem fazer tudo de uma forma mais carinhosa o possível com você mesmo. Seja feliz e o sucesso vem”*. É um conjunto de fatores que tornam uma pessoa bem sucedida. Dinheiro e poder não são sinônimos de sucesso na vida. Como Bianca destacou, o sucesso é relativo. O que importa mesmo é fazer as coisas com amor e leveza. Fazer o que te deixa feliz é o caminho certo a seguir.





GILVANA

Foto: Élcio Barbosa



## **Gilvana Santos – pioneira na imprensa tucuju**

Élcio Barbosa<sup>1</sup>  
Isabel Ubaiara Farias  
Marcella Palheta Fonseca  
Nelson Carlos da Silva Gama

### **Perfil**

Gilvana Dos Santos Batista, 53 anos, nascida em Santarém-PA, no dia 7 de outubro de 1966, solteira, mãe de André Luis Batista de Lima, 21 anos. É a penúltima dos cinco filhos da união de Marçal de Sousa Batista (falecido) e Maria Juracy dos Santos Batista, tendo como irmãos: Clemerson, Girlane, Girlei e Gicele (caçula). Radicada no Amapá desde 1974, para onde o pai Marçal Batista se transferiu para trabalhar no recém-instalado escritório do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Jornalista formada pela Faculdade Seama, em 2007.

A primeira experiência profissional na área de comunicação foi como Assessora de Comunicação e Marketing, na Fundação de Telecomunicações do Pará (FUNTEL-PA), nas emissoras de Rádio e TV Cultura (1989–1991), em Belém-PA, para onde mudou, em 1984, em busca da formação superior, visto que o então Território Federal do Amapá não possuía cursos superiores.

### **Experiência profissional**

Retornou para o Amapá, em 1995, para compor a equipe de comunicação do recém-empossado governador João Alberto Capiberibe, passando a contribuir no exercício de vários cargos, sendo os principais deles como: chefe da Divisão de Marketing do Governo do Amapá (1996–1997); diretora da Rádio Difusora de Macapá (2001–2002); diretora do Departamento de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Macapá (2002–2003); chefe da Assessoria de Comunicação da Fundação Nacional de Saúde no Amapá (2008–2010), Companhia de Eletricidade do Amapá (2011–2013) e do Ministério Público do Amapá (2013–2015). Atualmente, exerce a função de assessora de imprensa na Assessoria de Comunicação do Ministério Público do Estado do Amapá (MP-AP), desde 2015.

### **20 anos no Rádio**

A experiência no rádio iniciou, em 1995, com o jornalista Hélio Pennafort na pro-

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [elciobarbosa764@gmail.com](mailto:elciobarbosa764@gmail.com)

dução e apresentação do programa *Porque hoje é sábado*, veiculado aos sábados, de 7h as 8h, na Rádio Difusora de Macapá, baseado nas histórias e fatos vivenciados pelo jornalista e radialista pioneiro da imprensa tucuju.

Foi apresentadora e produtora dos programas: *Mercado em Dia*, da Secretaria de Estado da Indústria Comércio e Mineração (SEICOM), com foco nas ações de governo voltadas para o desenvolvimento econômico, veiculado de segunda a sexta-feira, das 11h às 12h; e, *Revista Difusora*, veiculado aos domingos, no horário de 10hs as 12hs, com abordagens de notícias factuais e espaço para cultura; ambos veiculados pela Rádio Difusora de Macapá, emissora estatal.

Apresentadora do quadro, *A Hora do Samba*, no programa *O Estado é notícia*, com meia hora de duração, de segunda-feira a sexta-feira, na rádio 102 FM, com notícias factuais dos preparativos das agremiações carnavalescas para o Carnaval 2010. No mesmo ano, foi comentarista e âncora da transmissão, ao vivo, do desfile das escolas de samba do Amapá, pela mesma emissora, que faz veiculação em cadeia para todo o Estado.

Na política, atuou como redatora e produtora dos programas de rádio dos candidatos majoritários Claudio Pinho (PSB), na eleição de 2002, e Janete Capiberibe (PSB), eleição de 2004.

Atualmente, é produtora e apresentadora, junto com a jornalista e radialista Ana Girlene Oliveira, do programa *MP mais Perto*, da Assessoria de Comunicação do Ministério Público do Amapá, há um ano no ar, veiculado toda segunda-feira, das 11h às 12h, pela Rádio Universitária (96,9FM), por meio de uma cooperação formal do MP-AP com a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), para divulgar as ações ministeriais.

## **Prêmio**

Melhor vídeo na Mostra Amapaense de Cinema e Vídeo – “O Jornalismo Caboclo de Hélio Pennafort” – novembro de 2007. Vídeo produzido, editado e dirigido por Gilvana Santos e Tânia Silva, como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, aprovado pela banca examinadora com a nota máxima (10).

## **Primeiro acesso e inspiração no Rádio**

“O mais marcante da minha trajetória no rádio com certeza foi o início, foi quem me levou a fazer Rádio pela primeira vez, nosso saudoso e querido jornalista Hélio Pennafort que tinha um programa na Rádio Difusora chamado *Porque hoje é sábado*, e ele apresentava sempre com uma pessoa de voz feminina. Nesse período, eu trabalhava com a esposa dele no Palácio do Governo e ele estava precisando de uma pessoa,

uma mulher para apresentar o programa com ele. Então, ela me indicou e eu fui conversar com o Hélio, foi quando eu o conheci. Eu não tinha experiência nenhuma com microfone de Rádio. Então, para mim a fase mais marcante foi esse início.”

Foi com Hélio Pennafort que Gilvana Santos adquiriu quase todos os seus conhecimentos sobre o rádio, que nele se tem a liberdade de falar com naturalidade, diferente de como os antigos radialistas falavam. Todos os conhecimentos técnicos foram repassados pelo seu maior inspirador no rádio, assim como a necessidade de repassar a verdade e que o rádio tem forma e alma.

“[...]toda a técnica para falar em rádio, aprendi com ele. E nesse programa, *Porque hoje é Sábado*, apesar de ser um programa gravado, o gravado do Hélio era valendo, não tinha corta e volta, não. Ele levava direto. Era professor, na palavra corrija ali mesmo, era uma coisa bem descontraída e isso eu aprendi com ele, que o Rádio tem essa forma, tem alma. No Rádio, você tem que passar essa verdade para o seu ouvinte, não é uma coisa enlatada, engessada, amarrada, e quanto mais natural melhor para os seus ouvintes. O fato mais marcante foi com certeza o Hélio Pennafort ter me colocado para fazer rádio, que é uma paixão, é um veículo que eu sempre que posso, estou cavando espaço para estar, porque eu gosto muito.”

## **Programa de Lembrança**

A jornalista relembra e diz ter saudade do programa de rádio *O mercado em dia*, veiculado de segunda a sexta, na Rádio Difusora das 11h às 12h. Na época, assessora de comunicação da Secretaria de Indústria Comércio e Mineração do Estado, apresentava o programa com o objetivo de usá-lo como um canal, para falar sobre e incentivar o empreendedorismo no Amapá, e repassar também, informações dos diversos setores da indústria. Sendo para ela, a vinda do radialista Armistrong Souza, o acontecimento mais importante para o programa, a jornalista acreditava que apenas uma pessoa no estúdio não tornava o programa dinâmico, então para completar o quadro de apresentadores o convidou.

“Com duas pessoas fica mais dinâmico, o programa fica bem mais descontraído, fica mais audível, então fica melhor para o ouvinte. Eu convidei na época o Armistrong Souza, radialista conhecidíssimo com uma vasta experiência em Rádio, inquestionável a sua capacidade como comunicador, para apresentar o programa comigo. Mesmo que eu conduzisse as entrevistas, o Armistrong veio para *O mercado em dia* pra dar esse dinamismo, pra dar um ritmo melhor ao programa, era fantástico porque a gente tinha aquela reunião prévia antes do programa, eu chegava uma meia hora antes do programa pra passar o roteiro para o Armistrong, e a gente trocava umas ideias do que ia ser abordado naquela uma hora de programa.”

## **O legado do programa *Mercado em dia***

Levando o debate sobre economia, agroindústria e agronegócios, o programa *Mercado em dia* conquistou muitos ouvintes, pela pertinência nos temas abordados e por ser um dos poucos programas que alcançavam algumas Ilhas do Pará.

“O *Mercado em dia* deixou o legado de um segmento que não tinha espaço no Rádio naquela época. Poucos falavam de economia, empreendedorismo, projetos agropecuários, da agroindústria, então, ela teve um alcance bem grande. E nós conseguimos levar um conhecimento mais técnico para essas populações poderem produzir. Esse é o grande legado que o programa deixou.”

## **A produção do programa sabendo das necessidades das informações do mercado financeiro**

“[...] eu fazia a produção e apresentação do programa, com ajuda dos técnicos da Secretaria de Indústria e Comércio. Como assessora de comunicação, eu tinha acesso a todas as ações e as informações mais relevantes da Seicom. Então, eu trazia tudo isso para *O Mercado em Dia*. A questão do mercado financeiro era aquela coisa de conversar com um ou outro amigo. Eles ouviam o programa porque pegava justamente o horário que os pais estavam buscando os filhos na escola. As pessoas ouviam e me davam esse feedback. Eu fiz uma semana, não tive feedback, pensei que não estava sendo interessante, tirei a cotação de dólar. As pessoas deram feedback, ‘Gilvana, você não deu a cotação’, outros brincavam o que me interessa é o dólar, mas, tinha o feedback das pessoas que se interessavam, então, acrescentávamos essas informações para caracterizar o programa com esse viés mais voltado para a economia do Estado.”

## **A Quadra Carnavalesca**

Sua primeira experiência no carnaval amapaense foi com o programa *Quadra carnavalesca*, com transmissão ao vivo junto ao radialista Armstrong Souza, diretamente do Macapá Folia. No Sambódromo, com a apresentação principal da cantora Ivete Sangalo no trio elétrico, em uma cabine adaptada para a transmissão ao vivo da micareta, Gilvana teve a experiência de repassar para os ouvintes o que acontecia em tempo real no desfile das Escolas de Samba.

“Eu fiquei como comentarista dos desfiles das Escolas de Samba. Essa experiência foi fantástica porque, carnaval é brilho, são cores, é alegria. Como você vai passar isso para os ouvintes? No rádio mais difícil que a televisão, nela você tem o auxílio da imagem. A transmissão pelo Rádio foi uma coisa muito bacana porque, eu tinha que descrever como a escola estava. Tentar passar para o nosso ouvinte o que aquela escola estava levando toda aquela grandeza das alegorias, todo aquele brilho das alas,

toda aquela euforia dos brincantes, participantes dos desfiles das escolas, foi de uma riqueza fantástica.”

## **Mulheres nas emissoras para a locução e apresentação de programas de Rádio em Macapá e no Brasil**

Em um momento de reflexão, Gilvana afirma que assim como em vários estados do país, o Amapá também tem grandes nomes femininos apresentando programas de rádio, contribuindo com a locução. Pela grande experiência, mesmo a passos lentos, a radialista acredita na conquista desses espaços. Mesmo que ainda não haja um mercado equilibrado em termos de mulheres no Rádio, tem registrado na história a presença marcante das mulheres fazendo Rádio no Amapá.

“No Estado, temos a Geni Frota, que comenta futebol, aqui tem muitas repórteres de campo mulheres, narradoras de futebol. Temos a Terezinha Fernandes que é a mais antiga atuando no Rádio, como apresentadora do programa *Ponte Aérea*. A Terezinha Fernandes é o exemplo fantástico. Tivemos na Rádio Difusora também, figuras muito marcantes como a Cristina Homobóno, a Graça Pennafort, que é outra jornalista fantástica e querida, e que também tem uma história no Rádio.”

## **Passagem na Rádio Difusora de Macapá**

Na Rádio Difusora de Macapá, em 2001, Gilvana Santos teve a satisfação de ser a segunda mulher a dirigir a emissora. Pela primeira vez, assumiu a direção de uma emissora radiofônica com radiodifusão pública. A Difusora por não ter esse fim comercial, acabou segmentando bastante a sua programação, o que Gilvana via como um retorno positivo para a sociedade, porque saía apenas do jornalismo factual e abria espaço para os diversos assuntos.

## **Dificuldades da profissional do Rádio em conciliar o trabalho com a vida pessoal e familiar**

“Essa é uma ginástica que todas as mulheres brasileiras fazem, não é nada excepcional, a gente já nasce aprendendo a fazer tudo, graças a Deus eu nasci no período da democratização, então muitas barreiras já haviam sido quebradas em relação às mulheres. Obviamente, hoje ainda temos o machismo imperando, mas a mulher já é criada para dar conta de tudo mesmo de filho, de casa, trabalhar, sustentar, produzir e contribuir com a sociedade. E essa contribuição começa na criação de nossos filhos, de não criarmos filhos machistas para que no futuro tenhamos uma sociedade mais igualitária com menos preconceito e menos discriminação.”

## **Diferencial de inovação da presença feminina no Rádio**

“O diferencial é essa facilidade que a mulher tem de observar, de ter uma sensibilidade maior em diversos assuntos. De observar certos aspectos que o homem não consegue observar, então, tem essa diferença, tem um ‘Q’ feminino, na locução, na sensibilidade, na abordagem de determinados assuntos. A gente tem uma sensibilidade maior de enxergar e tratar determinados assuntos, conseguimos dar esse olhar diferenciado.”

### **Atualmente**

Atualmente, Gilvana Santos é assessora de imprensa do Ministério Público do Amapá. Apresentando o programa institucional *MP mais Perto*, na Rádio Universitária, 96.9, onde divide o espaço com Ana Girlene, uma das radialistas, que para ela está em maior evidência na atualidade, no estado. O *MP mais Perto* é um programa institucional onde as duas têm a liberdade de abordar todas as atividades, levar os entrevistados e falar sobre as ações desenvolvidas pelos membros e servidores do Ministério Público do Amapá, repassando as informações sobre os direitos do cidadão através das ondas do Rádio.

“A Girlene tem essa característica de ser essa grande comunicadora, de ter essa experiência com um programa há dez anos no ar. Nós sabemos que manter programa diário não é fácil, eu acho que são poucos no Estado, J. Ney, Luiz Melo. A Ana Girlene é essa mulher que faz a diferença no Rádio, eu aprendo com ela toda segunda na Rádio Universitária, então, atualmente esse é o trabalho que eu faço e tenho uma grande satisfação em desenvolver.”

### **Machismo no rádio**

“Tive algumas situações, principalmente no carnaval, é uma época que sempre tem muita polêmica, e assim, já aconteceu de assessor jurídico querer vir me diminuir. Porque eu penso assim: se fosse um homem, o tratamento seria diferente. Mas, por ser uma mulher, o cara se acha no direito de invadir estúdio, vir de forma agressiva. Eu passei por algumas situações, de alguns locutores mais antigos não me respeitarem pelo fato de eu ser mulher e por alguns deles ter mais experiência no rádio. São algumas situações pontuais. Mas tem machismo, sim”.

### **Trabalhar, estudar e ser mãe**

“Essa questão de conciliar trabalho; vida familiar e outras tarefas, não é prerrogativa apenas das jornalistas, mas sim de todas as mulheres. Eu tive um auxílio muito grande da minha mãe na época, mesmo assim, como ela ainda trabalhava, precisava do auxílio da babá. Quando eu comecei a fazer rádio, meu filho já estava na escola, e teve um período

que eu cheguei a coloca-lo em uma escola de período integral. Essa tripla jornada de trabalhar, estudar e cuidar do filho, era quase 24h/dia.

Gilvana recorda, ainda os desafios do mercado de comunicação: "Para você sobreviver, se sustentar e estar por dentro do mercado, você precisa estar sempre se atualizando, ainda mais na nossa área da comunicação, com tudo mudando muito rápido, peguei a época dos avanços tecnológicos, com a internet e tudo muito rápido, e hoje estamos com as redes sociais. E a gente que já faz jornalismo há mais de 20 anos. Temos que ir se reinventando diariamente, e aprendendo com os jovens, que estão saindo agora da faculdade cheios de ideias, um pouquinho com essa evolução".

## **Inovação e a mulher no Jornalismo**

Sobre as mudanças na profissão, ela pontua: "A inovação é você usar todos os canais multimídia que a tecnologia nos oferece hoje, esse é o caminho do jornalista e eu não vejo outro. Para o futuro, quero ter meu próprio site de notícias com todos esses recursos multimídias. Ao ser questionada sobre a presença da mulher no rádio, a jornalista acredita que a representatividade feminina entre radialistas tem aumentado, mas ainda diz ser um número pequeno comparado aos homens. Entre os nomes de radialistas mulheres que tem ganhado espaço no rádio amapaense, ela destaca sua colega de trabalho, Ana Girlene com seu programa 'Café com Notícia'.

Gilvana faz questão de recordar as colegas pioneiras no rádio: "Ainda temos poucas mulheres ocupando espaço, mas merecem ser registradas: a Terezinha Fernandes, por exemplo, na Rádio Difusora. Ela já tem mais de 30 anos de 'Ponte Aérea', o seu programa na rádio. A Lígia Mônica, que também é uma voz bem conhecida. Apesar de não saber se hoje ela ainda permanece em alguma emissora de rádio. Tatiana Guedes, na CBN com o programa 'Audiência Pública'; a Silvana Guimaraes, que era da Amapá FM. Então, são poucas vozes femininas que você acompanha no rádio. Temos a Cristina Homobono e Graça Penafort, que estão hoje na Rádio São José. Mesmo assim, considero que sejam poucas. Talvez não seja por machismo, não sei explicar. Mas, penso que as mulheres poderiam ser um pouco mais ousadas. Pra meter a cara e fazer rádio".

Ao encerrar a entrevista, Gilvana deixa uma reflexão importante: "A diferença é que a mulher consegue, dentro de um ambiente, visualizar várias coisas ao mesmo tempo e passar isso para o ouvinte. Eu acho, também, que a mulher consegue dar uma linguagem mais leve. Hoje, o rádio não tem mais aquela coisa de como era nos anos 90, com um padrão de voz. Não se tem mais essa forma quadrada e engessada do apresentador de rádio. Temos mais liberdade de poder ter uma conversa com o ouvinte e entrevistado. A mulher consegue trazer uma leveza nesse bate-papo. Ela tem esse olhar de ser várias em uma, por causa das multitarefas que somos obrigadas a desempenhar em nosso dia a dia. Nós conseguimos trazer essa leveza, sentimentos e sensibilidade maior para nossos ouvintes".



# HELLENA

Foto: Samilla Lima



## Helena Guerra: palavra de mulher

Karina Soares Pacheco<sup>1</sup>

Pedro Henrique Monteiro de Souza<sup>2</sup>

Samilla Thais Rodrigues Lima<sup>3</sup>

Maria Helena Barbosa Guerra nasceu em 18 de Fevereiro de 1954 no Arquipélago do Bailique, lugar de onde sente muito orgulho de ter vindo. Atualmente Helena é formada em Pedagogia e Direito. Além de trabalhar no rádio, também ingressou na política como vereadora, prefeita e se tornou a primeira mulher presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Macapá.

No passado veio para a capital com sua família quando tinha apenas oito anos em busca de novas oportunidades. Seus genitores não tiveram tantas chances para estudar, seu pai era funcionário do ex território e sua mãe trabalhava como doméstica. A luta de seus pais era a inspiração para que ela e seu irmão continuassem a estudar.

Com muita alegria relembra a época que fez parte do grupo Coaracy Nunes. Fez dois segundos graus, um em Pedagogia e outro científico na IETA e no Colégio Amapaense. Tempos depois surgiu a oportunidade para estudar em Belém. Só tinha condições de voltar para o Amapá uma vez no ano para ver a família porque naquela época o governo só disponibilizava passagens no início e no final do ano letivo. Mesmo lutando contra o aperto da saudade de seus familiares, Helena, graduou-se em Pedagogia e voltou para o estado onde nasceu.

Atualmente, Helena Guerra, faz parte da rádio 102 FM. Com seus mais de 20 anos de estrada trabalhando com comunicação já passou pelas rádios Difusora, Educadora, Curiaú AM, FM.

### Helena e o rádio

“Esses 27 anos de rádio me deu muita experiência (...) Eu comecei a 27 anos atrás com o programa Palavra de Mulher, ele nunca mudou de estilo, ele nunca mudou de apresentadora e até hoje existe o programa de gerações para gerações”.

Atualmente Helena está na 102 FM, mas o seu primeiro contato com rádio aconteceu em 1988 e só em 1990 ingressou oficialmente no universo da radiodifusão. A rádio Difusora foi onde nasceu o seu primeiro programa, Palavra de Mulher. Durante os cinco dias da semana, Helena, estava no ar interagindo com o público com a ale-

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [karinnapacheco07@gmail.com](mailto:karinnapacheco07@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [henrique\\_msouza@outlook.com](mailto:henrique_msouza@outlook.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [samillardrgs@gmail.com](mailto:samillardrgs@gmail.com)

gria e simpatia que transmite.

Depois mudou-se para a Rádio Curiaú AM. Durante essa caminhada conheceu pessoas que acrescentaram positivamente em sua vida. Passou por treinamentos com grandes nomes do rádio Amapaense como Joaquim Ramos, que para ela, é um grande profissional que lhe repassou vasto conhecimento.

Antes de realmente iniciar na Difusora fez alguns programas na antiga rádio Educadora São José de Macapá. “Era muito bom. Quase todos os radialistas e jornalistas que passaram por lá que são formados hoje de carreira, passaram por isso, por religiões, eu acho isso muito importante”, relata a radialista.

## **Amor pelos trabalhos**

“Porque eu digo sempre, o rádio tem que ter uma habilidade muito grande, mas tem que ter o querer fazer o rádio. Embora alguém não esteja te vendo, mas tem uma multidão te ouvindo. É bom que você frise bem isso, porque de repente você está lá como um formador de opinião”.

Com tantas vivências, Helena diz que todos os momentos em sua vida foram marcantes e que não vive sem o rádio. Sempre com muita disciplina o rádio é a sua preferência e está disposta a levar aos ouvintes o seu melhor.

“São 20 anos de luta, que no rádio não deixa de ser luta. São 20 anos de alegria por fazer o rádio, por levar alegria. E o meu programa, eu sempre quis que ele não fosse bem jornalístico. Eu gosto mais de dar alegria, um pouco de humor, um pouco de sorriso”.

## **Inclusão social no rádio**

Helena faz questão de participar de diversos programas de inclusão social, e ao ser indagada sobre a abrangência do rádio em meio a programas sociais, ela conta “na verdade, o rádio é para tudo, então ela consegue os projetos sociais sim. O próprio programa já é um projeto e se você quiser que ele se torne social, ele vai se tornar social. Por exemplo, o meu programa quando eu comecei, eu fiz uma sequência para crianças e agora vai voltar de novo. Vamos dar um espaço aqui para criança ligar, vai ter sorteio no final do programa para ganhar brinquedo, cesta básica ou leite para a criança, meninos e meninas. Eu sempre fiz uma pergunta educativa, que a gente também não pode deixar a criança ali sozinha só pra ganhar algo, tem que forçar a criança a ir pra escola, você liga para participar do sorteio mas tem que me dizer se você foi pra escola hoje, como é que você está nessa matéria e se você não tem falta, e não vale mentir porque senão a titia vai perguntar pra sua professora, entendeu? Então é

mais ou menos é isso.”

## **Grupo das lágrimas**

Dentre os projetos sociais, Helena é fundadora do Grupo das Lágrimas “o grupo tem 23 anos, eu tive um filho assassinado em 1997. Eu já fazia esse trabalho social contra a violência. Mas era um trabalho que eu ouvia, eu ouvia a dor, depois de 97 eu passei a sentir a dor, foi muito diferente. Aí eu peguei e comecei a fazer esse trabalho social com muitas mães, tanto que hoje nós temos aqui quase duas mil famílias nesta associação que a gente dá assistência. Eu luto muito para dar uma assistência para elas, porque tem mães que não tem condições de chegar em uma delegacia, então é preciso que tenha alguém do lado orientando. E quando acontece uma situação dessas na família, a mãe para e os outros filhos ficam faltando nas escolas, e a gente entende muito bem isso. Por causa disso também a gente vê quais crianças que estão fora da escola, a gente tem uma professora que dá aula de reforço para essas crianças, até as mães se erguerem um pouco. Eu tive um filho assassinado, que realmente foi uma situação muito difícil, muito delicada e então naquele momento foi muito dolorido, aliás é dolorido. A polícia trabalhou muito na época e não encontrava as pessoas, então montei um grupo paralelo de investigação e acabei encontrando. Depois que eu encontrei e que eu senti toda essa dificuldade, foi que eu disse: “Eu vou montar um projeto agora para trabalhar com todas, não com a metade, com todas que vierem em busca dessa ajuda” e aí eu reuni. Como a perda de qualquer ente querido da gente é chorar, é lagrimar, porque a lágrima significa muita coisa. A lágrima significa dor, sorriso, sentimento, angústia, morte e tudo. Então eu disse ‘na primeira situação eu vou colocar um grupo’, então eu coloquei este grupo como Grupo das Lágrimas. Aí todo mundo aceitou. Depois nós passamos para a associação “Grupo das Lágrimas” foi que nós nos tornamos oficiais e que funciona até hoje, 23 anos. Nós já trabalhamos em parceria com muitos delegados antigos, há três anos atrás e que nos ajudou muito, com muitas famílias. E eu tenho certeza que absoluta que essas famílias são muito gratas e que claro, quem passou para o outro lado, tenho certeza que onde estiver, está bem, eles estão agradecendo a gente e a família por essas situações. Nós já perdemos umas três ou quatro mães que não voltaram, mas nós erguemos mais de 90%, graças a Deus, e eu fico muito feliz com isso. Você não imagina o quanto eu fico feliz com isso, quando eu vejo uma mãe dessa sorrir, sabe? Sorrir. E eu sempre disse isso pra mim mesma ‘eu tenho que chorar antes ou depois, não durante’, porque elas veem em mim uma solução e é claro que a gente tem que manter essa performance de coragem para elas todas e eu fico muito feliz com isso. E o que a gente tem de crime contra a mulher, mais de 60% das mortes ainda é por violência doméstica, por isso que eu digo hoje, tem que lutar, tem que denunciar. Independentemente de quem você é, de

onde você é, a posição que você está, não é vergonha, você apanhou, então tem que fazer. E eu acho até que hoje estão denunciando mais, nas redes sociais. E a gente só tem que dar os parabéns para essas guerreiras que tem coragem de denunciar.”

## **Palavra de mulher**

Helena Guerra é apresentadora do programa “Palavra de Mulher”, há 27 anos, e conta com muito apreço como foi a criação do nome e do formato do programa “eu gosto muito das palavras com as palavras, e aí quando eu pensei na época para fazer rádio, eu pensei que eu teria que arrumar um nome que fosse ligado a mulher, mas a mulher em geral, não só a Helena Guerra, não era só com foco para Helena Guerra, mas com foco para as mulheres, então eu pensei em vários nomes que daria, aí foi ‘uma simples mulher’, ‘uma verdadeira mulher’, mas aí eu pensei algo assim ‘eu acho que fica em palavra de mulher’, eu fiz uma pesquisa com outros colegas radialistas e eles aprovaram. Daí eu patenteei, fui ao cartório, registrar e depois que eu registei, apareceram outras colegas que foram tentar registrar mas esbarrou lá no cartório. Então foi assim que foi criado, tanto que tem pessoas que e explico assim ‘olha, é palavra de mulher, mas todo mundo pode ouvir’, porque tem pessoas que perguntam se é só para mulher, e não, é para todos, todos devem escutar, e foi assim que surgiu o programa”.

## **Mulheres na rádio**

“A situação da mulher no rádio tem uma diferença muito grande, dificilmente o programa do homem vai falar de determinados assuntos da mulher, até porque ele nunca foi mulher e não poderia falar aquilo, ele não tem essa convivência íntima para falar, a mulher não, a mulher se preocupa, por exemplo, para chamar uma ginecologista para uma entrevista, falar sobre um assunto de criança e adolescente, essa é uma diferença muito grande, a importância, por exemplo, de fazer a mamografia todo ano, hoje o homem já sabe a importância de fazer o exame dele, mas a mulher já vinha falando disso muito antes, porque a gente sabe falar muito bem disso.”

## **Experiência na produção**

A radialista afirma que conhece muito bem seu programa, “eu já sei a forma do meu programa, o objetivo dele e também já sei o que o meu ouvinte quer. Porque eu não to fazendo o programa e ouvindo a música para mim, eu to fazendo para o meu povo que está lá fora. Então, se é para o meu povo que está lá fora, eu tenho que interagir muito com o meu ouvinte.”

“E para fazer o programa, quando eu chego lá vejo se os microfones estão bem, se a mesa está limpinha, entendeu? Levo um vasinho de flores que está na minha maleta, que aí geralmente eu coloco o vasinho de flores durante o programa. Quer dizer, é uma coisa de mulher, é uma coisa que chama a mulher. Então eu faço isso e eu vejo que os programas que as mulheres fazem são muitos bons e são assim, porque tudo que a gente gosta de fazer e tem o prazer de fazer a gente faz bem. Isso que é o bom da mulher.”

## **A participação feminina na rádio**

Helena afirma que é muito necessário para essa maior participação da mulher na rádio não apenas o interesse das mulheres de seguir nessa área mais também existe a necessidade de conscientizar os donos de emissoras para eles abrirem as portas e oportunidades para essas mulheres, a radialista. Ainda complementa que um dos motivos de estudantes de jornalismo não optarem pela carreira de rádio é a falta de visibilidade em relação à TV e ela conta que essa ideia é equivocada “apresentador de televisão é visível e o do rádio não é, mas é como se fosse. Eu tenho ouvinte, que quando eu vou fazer o programa, se eu estiver triste, o ouvinte sabe que eu não to bem, porque ele já aprendeu a conviver com a gente através do rádio, a forma como a gente se comunica.”

A entrevistada encoraja a participação feminina nas rádios “Elas podem e devem, porque a mulher tem coragem, tem profissionalismo para isso, tem a competência, o jeito, a forma de como ser o programa, e é até mais bonito, fica muito mais bonito apresentar um jogo de futebol com a narração de uma mulher, eu acho muito elegante a mulher em qualquer profissão, eu admiro muito mulheres de farda, na polícia militar, na marinha, piloto, isso é importante, e eu fico muito alegre quando vejo que a mulher deu um salto, quando eu vejo outra mulher, eu estou me vendo uma outra mulher, uma outra filha, uma outra mãe, uma outra avó, vendo a importância que tem a mulher.”

## **Conquistas**

Ao falar das mais de 200 conquistas, nem todas expostas nas paredes de seu escritório, por falta de espaço, Helena Guerra nos mostra as mais importantes e variadas. Ao crescer com pais católicos a radialista afirma amar e acreditar em sua religião, mas aceita e gosta das outras, e esta paixão se traduz nos anos de cursilista religiosa expostos em um de seus certificados, e também no trabalho social que realiza através da religião. Quando sobra tempo ela sempre faz novos trabalho principalmente em lares da cidade.

## **Música**

Como se não bastasse ser uma radialista de sucesso, Helena também teve sua carreira na música, que durou 14 anos. Seu pai era músico e tinha uma banda, e por gostar muito de música, a radialista fez parte dessa banda com seu pai. Atualmente ela ainda afirma gostar muito da área e ainda cantar e tocar instrumentos para aliviar as situações estressantes do dia.

## **Futebol**

“Eu em 90, eu montei um time de futebol de mulheres, as guerreiras, e eu fiz parte né, nós chegamos a jogar aí na praça da conceição, a gente apanhava e tal, mas eu acho que a gente fez mais gol do que apanhava, foi muito bom também isso aí.”

## **Escoteira**

“eu fui escoteira por muitos anos, escoteira do Mar, Marcilio dias, eu fui uma das primeiras meninas escoteiras do Marcilio Dias, na época do chefe Biroba, do chefe Benedito, são os pioneiros do bairro do trem, e eu fui muitos anos né.”

## **Judô e Dança**

Como mais uma de suas conquistas, Helena afirma que é faixa preta de judô, mas ainda não precisou usar suas habilidades no dia a dia, mas se for preciso ela afirma estar pronta pra usar. Além de judoca, a radialista ainda dança, no carnaval, e Helena afirmar gostar muito de carnaval, ela conta que sempre saia na Escola Unidos do Buritizal. Hoje em dia a Judoca ainda dança, sempre que tem uma oportunidade, o que pra ela, além de ser um lazer muito grande, é uma terapia.

## **Política**

Entre suas conquistas mais notáveis, está a área de política, onde Helena conta que foi, durante 28 anos, prefeita, em mandatos seguidos, sem nunca perder uma eleição, fato este, que a radialista acha que se deve aos trabalhos sociais que já prestou a comunidade. Após este tempo de trabalho, a ex-prefeita afirma que pediu um tempo para descansar ao seu partido, e no fim de seu mandato em 2012 ela teve suas férias, e está assim á duas eleições, descansando e ajeitando suas coisas. Mas nem só como prefeita termina a vida política de Helena Guerra, ela ainda foi vereadora por 24 anos, presidente de câmara municipal por 8 anos, e como uma conquista de grande fator

histórico, Helena foi a responsável pela Promulgação da Lei Orgânica da Cidade.

## Reconhecimento

Helena ainda fala sobre as duas conquistas que mais a surpreenderam de ter conseguido e que em todos esses anos na cidade ela não consegue ver algo que ela não tenha conquistado, “Então esses diplomas aqui, certifica isso tudo foi ganho de um trabalho, foi reconhecimento de um trabalho, eu fui várias vezes vereadora do ano, mas um que eu gostei, que eu gostei não, eu gosto de todos, mas um que me chamou muito atenção foi que eu fui a mulher do século 2000 na virada do século, eu tenho até aquela barbiezinha ali, com os dizeres no fundo, eu fui a mulher do século, foi uma das coisas que eu gostei muito. E eu tenho aqui também uma comenda, da Assembleia de Deus pelos trabalhos realizados na cidade, sociais, e eu gosto muito, porque quando a assembleia de Deus, ela dá uma referenda para alguém, ela reúne todos os pastores pra concordarem com aquilo, e eu penso se eu recebi é porque todo mundo concordou e eu me sinto muito feliz por isso, com essa referência. Então assim, eu fico pensando que, aqui na cidade eu não vejo o que eu não tenha ganho, contemplado, eu fui vereadora a 24 anos consecutivos, fui presidente da câmara 8 anos, todos os cargos da câmara, fui eu quem promulgou a lei orgânica do município, ou seja a constituição do município, tá lá em qualquer livro oficial, qualquer diário oficial, pode demorar 100 mas foi Helena Guerra que promulgou, então isso aí sabe, é uma coisa que veio na minha vida, na luta do dia a dia, de ano a ano, ela veio na minha vida, e são muitas histórias, muita coisa que eu tenho que agradecer muito mesmo. Por exemplo vocês tão vendo essa foto aqui, essa foto é recente, ela foi uma homenagem a todos os prefeitos que passaram, e na verdade, assim, a primeira prefeita mulher foi a Helena Guerra, a primeira presidente da câmara mulher, a única e a última até hoje, foi Helena Guerra, quem promulgou a constituição do município foi uma mulher, foi a Helena Guerra, então eu me sinto muito bem com isso , sabe? Eu me lembro muito bem que um religioso disse pra mim, eu nunca bati foto com ninguém, porque a gente sente quem tem uma diferença de fazer o social pra alguém e eu acho que ele me achou diferente, que tá lá né, fez questão, me achou diferente.”



*Alô, Alô Amazônia!*

# JANETE

Fotos 1 e 2 - Arquivo Pessoal/Janete Carvalho  
Foto 3 - Luciana Coêlho



## Janete Carvalho: Alô, Alô Amazônia!

Luciana Cordeiro Coêlho<sup>1</sup>

Michelle da Silva e Silva<sup>2</sup>

Rayane de Almeida Penha<sup>3</sup>

### Perfil

Janete Carvalho Moreira, mais conhecida como Janete Carvalho, tem 47 anos, ingressou no rádio na década de 90, sua primeira experiência foi na rádio Difusora de Macapá. Natural de Breves no Pará, amapaense de toda uma vida e história construída em terras Tucujus, hoje com quase vinte anos de carreira ela coleciona grande experiência com produção de rádio, e sua maior paixão são as reportagens externas. Janete começou o interesse pelo rádio quando trabalhava em um projeto de comunicação comunitária na igreja que ela frequentava, na época recebeu um convite para fazer um teste e ir trabalhar na rádio Difusora de Macapá. Ela fez o teste, passou e começou a trabalhar na rádio atendendo os telefonemas dos ouvintes, mas logo seus voos na emissora iriam se tornar ainda mais altos e ela se tornaria um dos principais nomes do rádio amapaense, sendo uma das apresentadoras de um dos programas mais populares no estado, o “Alô Alô Amazônia”. Iniciou seus trabalhos na bancada do programa em 2002 e passou 10 anos ininterruptos como uma das apresentadoras. Passou três anos afastada do programa, mas recentemente voltou à esse meio tão familiar para Janete que ela considera sua casa. Além do “Alô Alô Amazônia”, atualmente a radialista também trabalha como repórter para a rádio Diário. A comunicação está na essência e no coração de Janete Carvalho, aos 47 anos ela não parou de se reinventar e está cursando Comunicação Social na Faculdade Estácio Seama de Macapá.

### Nasce uma paixão em sua vida, o rádio

“Ingressei no rádio na década de 90, lá por volta de 1998... 99, na Rádio Difusora de Macapá [...] e foi a minha primeira experiência na Rádio Difusora, e durante 10 consecutivos, ininterruptos melhor dizendo, passei lá na emissora, voltando depois, e atualmente, continuo na mesma emissora. De lá pra cá, nós obtivemos várias experiências. E o meu ingresso na Rádio Difusora de Macapá se deu através de alguns tra-

<sup>1</sup> Acadêmica de Graduação do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [lucianacorcoe@gmail.com](mailto:lucianacorcoe@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica de Graduação do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [michellesilvaames@gmail.com](mailto:michellesilvaames@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica de Graduação do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [rayane.trabalho@gmail.com](mailto:rayane.trabalho@gmail.com)

balhos que eu vinha desenvolvendo, na igreja Nossa Senhora de Fátima, com trabalho junto a comunidade, e na época conheci uma pessoa que me indicou para fazer o trabalho, mas primeiramente um teste na Rádio Difusora de Macapá, e assim, nós fizemos este teste lá na emissora, acabamos sendo contratados pra ficar lá. E durante todos esses anos nós desenvolvemos várias funções lá na emissora, como produtora de programas, como secretária de estúdio, como apresentadora de programa, entre eles o Viva Mulher, que era um programa voltado para as questões femininas, nós éramos três, tinha a apresentadora que era a Lígia Mônica, a Benedita Sousa que também trabalhava na parte de produção e nós também ajudávamos na parte de produção, assim como também fazíamos parte da bancada apresentando”.

## **Um marco chamado Alô, Alô Amazônia**

Janete ingressou no Alô, Alô Amazônia entre 2002 e 2003, ela não soube dizer o ano exato, porém, com brilho nos olhos ela falou um pouco sobre o programa que mais marcou sua trajetória no rádio e pelo qual ela tem um carinho especial.

”[...] o que mais marcou né, a minha trajetória como radialista, ao longo desses quase vinte anos de profissão, foi o ingresso no Alô Alô Amazônia, onde nós, até hoje apresentamos o programa e ao longo desses anos, temos trabalhos aí que registram a nossa permanência, talvez não sei se é pela vontade do povo que de uma certa forma tem o apressado pela forma como a gente desenvolve o nosso trabalho dentro do programa, acabamos fazendo parte de um livro que conta a história do Alô Alô Amazônia, de um filme também que conta a história do Alô Alô Amazônia, além de outros registros na imprensa local por conta do programa já existir a mais de cinquenta anos e mesmo com a evolução tecnológica ele está ali, a gente está ali comunicando. Então é um dos programas assim que mais mexe comigo, que eu me identifico mais em realizá-lo. “

## **Nasceram duas crianças: gêmeos!**

Na carreira, Janete já viveu muitas emoções e compartilhou muitas histórias, entre elas, a história do Senhor Raimundo e da Dona Antônia (nomes fictícios, porém, história verdadeira).

Há muitos anos atrás, seu Raimundo veio do interior com sua esposa, dona Antônia, para ela dar a luz ao bebê que estava esperando. Porém, no parto eles descobriram que na verdade se tratava de duas crianças e não apenas uma, ou seja, eram gêmeos. Naquele período os meios de comunicação eram menos avançados, então, seu Raimundo foi até a rádio Difusora na esperança de mandar uma mensagem para que seus familiares, ouvindo a rádio, soubessem que ele e a esposa estavam bem e que

ganharam dois filhos. Foi assim que Janete conheceu seu Raimundo. Tudo estava indo bem, a mensagem de seu Raimundo seria enviada aos seus familiares, porém, havia um impasse, ele queria que sua mensagem fosse enviada exatamente como dizia em suas palavras, que dona Antônia havia dado a luz a dois bebês, em contrapartida a equipe da rádio tentava ao invés de falar “duas crianças” usar apenas a palavra “gêmeos”, o que contrariava a vontade de seu Raimundo.

“[...] E aí nós tentamos de uma certa forma, fazer com que aquele senhor entendesse que nós estávamos repetindo o mesmo significado, duas crianças, gêmeos, não precisaria colocar dois filhos mas mesmo assim ele insistiu, porque na comunidade dele, as pessoas pra quem ele ia passar a mensagem poderiam não saber o que seriam gêmeos, a palavra gêmeos [...]. Basicamente isso né, quer dizer, tinha que colocar que seriam duas crianças, nasceram gêmeos, ou seja, duas crianças. Aquilo mexeu muito com a gente e a gente acabou respeitando a vontade do ouvinte por conta da forma como eles se comunicam, se comunicavam naquela comunidade, e nós acabamos retransmitindo do jeito como ele queria, passando a mensagem pros familiares, de que a esposa dele tinha tido gêmeos, ou seja, duas crianças e que eles estavam bem, “assina, Seu Raimundo”, [...]. E aquilo mexeu tanto com a gente que a gente repassou a mensagem de um jeito tão delicado, sabe, que nós até brincamos lá com o ouvinte “parabéns pro papai” “pai de dois filhos” e tudo pra colocar de uma forma que as pessoas que estavam ouvindo o programa não viessem com críticas de que “poxa, duas crianças, são gêmeos”, mas aí, respeitando o pedido do ouvinte nós fizemos dessa forma, então isso marcou muito, e já faz muito tempo isso aí.”

## **Acabou o tempo, bora se despedir!**

Janete é uma radialista respeitada, que nesses quase 20 anos de profissão conquistou seu espaço em rádios amapaenses, porém, nem sempre foi assim.

“No começo foi um pouco difícil. [...] nós tínhamos [...] uma hora só de programa, quando faltava dez minutos pra terminar o programa, a equipe que vinha em seguida composta por homens, e tudo comunicadores já estava ali, fazendo sinal, “bora, já está na hora” “tem que se despedir”, ou seja, aquela pressão ali pra que a gente já entregasse [...] na hora certinha, embora sabendo que a gente tinha que entregar cinco minutos antes de começar o outro programa, mas praticamente todo dia aquela equipe tava ali “bora, já chega” “tá na hora”, ou seja, a gente acabava ouvindo nos corredores de “poxa, a mulher fala muito” e tal... mas é que o nosso programa era voltado mesmo, especificamente para as mulheres. Talvez isso acabava de uma certa forma incomodando ali né, o público masculino interno, da emissora, mas a gente tirava isso de letra, [...] a gente percebia que era tipo assim uma pressão, “vamo, vamo logo terminar o programa”, enquanto que alguns horários né, de alguns colegas passava até

dois, três minutos, mas o nosso não, a gente percebia isso sim, que tinha uma certa pressão pra que a gente terminasse o programa”.

## **Igualdade de gêneros na rádio?**

“Olha as barreiras são muitas, né... são muitas, a gente ainda observa que por exemplo, [...] tem um certo limite de fazer trabalho... mas como eu falei anteriormente, hoje as pautas nós ficamos livres para fazer [...], para repassar aquela informação, mas sempre buscando as fontes. Não passando uma informação desencontrada. Agora o que eu vejo e é um mercado que a gente pouco tem mulheres atuando, mulheres radialistas. Eu não sei te dizer exatamente o número de profissionais na área, mas como radialista a gente ouve pouco as mulheres aqui, em termo de estado, atuando como repórter ou como apresentadora de programa. Então esse número é bem limitado... bem limitado, mas eu vejo que as oportunidades estão aí, o que falta mesmo é a gente chamar para si essa responsabilidade e dizer “não, eu quero apresentar um programa, eu vou ser repórter”, e mostrar realmente que você sabe fazer”.

## **Mulheres e o avanço na rádio**

“[...] nós temos várias mulheres comunicadoras, posso até citar uma delas aqui, Teresinha Fernandes, uma senhora que tá comunicando aí desde o início praticamente, do surgimento da Rádio Difusora de Macapá, e vem se readeguando também as novas tecnologias, e a mulher também né, com esse Q feminino, dá ali um equilíbrio na programação. E é necessário que a gente tenha né, vozes femininas, afinal de contas são vários temas que a gente pode discutir e a mulher tem que está inserida, apesar de todas as dificuldades, muitas vezes até preconceito, e tudo, barreiras, a gente tem sim, tem que tá lá, e a gente tem contribuído muito pra comunicação avançar cada vez mais. Inclusive, nós também fazemos um trabalho como repórter em outra emissora, não só na rádio Difusora, mas também na rádio Diário, e que lá [...] o diferencial a participação feminina nas reportagens, a gente independente de ser uma reportagem, não temos limite lá pra que a gente faça reportagem “não, você vai ficar responsável só pela parte cultural, ou pela parte social, ou pela parte mais burocrática” não, apareceu a pauta, [...] nós vamos lá e fazemos, e a gente deixa o nosso recado mesmo”.

## **O feminino e suas contribuições para novos modelos de programa e linguagem**

A radialista cita sua colega de profissão, Teresinha Fernandes, como um exemplo de mulher contribuinte para as mudanças no jeito de se fazer programa e de se comu-

nicar com as pessoas.

“[...] Teresinha Fernandes, se você acompanhar o programa dela pela rádio difusora, ela interage. [...] Eu vejo que a mulher está mais aberta a certos tipos de diálogos, de se readequar a essa nova linguagem do público mais jovem, eu vejo que a gente tem essa certa facilidade por conta do dia a dia. E como nós já temos uma certa experiência né, de muito tempo, eu creio que seja fácil de se readequar por conta dessa linguagem que a gente precisa acompanhar, a evolução, tanto na forma de produzir programas como na forma de apresentar e de se comunicar. As emissoras já estão com essa ferramenta disponível para você acessar e ver com quem que você está se comunicando. E para o tempo de rádio que ela tem, é algo assim bem atual, a forma dela se comunicar, então não ficou parada no tempo... veio acompanhando a evolução, até mesmo no modo de se expressar, a gente vê muito isso, essa interatividade bem atual”.

## **Quebra de barreiras, amadurecimento e aceitação do público**

“[...] já aconteceram algumas situações que você percebe um certo temor por parte do entrevistado, né. Mas aí quando você chega e já repassa aquela confiança para o entrevistado, a tua postura tudo isso já leva muito em conta e eles percebem que é um trabalho sério, [...] e que você tem um conhecimento, mas para que você demonstre isso, principalmente as entrevistas, é sempre bom a gente estar inteirado do que realmente trata aquele assunto. Para não parecer que eu fui lá simplesmente para saber o que está acontecendo lá, sem pelo menos ter a noção do que será discutido”.

Janete fala sobre superação e amadurecimento como profissional de rádio.

“já aconteceu isso, né... bem lá atrás, no começo da nossa carreira, eu posso falar por mim mesma. E até mesmo por talvez não passar aquela segurança que o chefe poderia esperar. “Não, ela não está preparada para fazer determinado trabalho.” A gente chegou a perceber isso, até mesmo por conta do nosso comportamento de demonstrar tudo aquilo ali, ter um temor, “não, eu não vou”, “será que eu vou dar conta?”. É por conta da experiência. Mas a partir do momento em que você põe o pé na estrada e tem amor à profissão, eu acho que você ultrapassa essas barreiras. Você ultrapassa essas barreiras e não vou falar por outras colegas né. Mas eu creio que possa acontecer isso sim, sabe?, de que por você ser mulher o teu superior achar que você não pode dar conta e tudo. Não vou te dizer aqui que eu já vi, [...]. Mas no começo da minha carreira eu passei certamente por isso, mas por conta do pouco amadurecimento da profissão.”

## **Camaleões de rádio**

A mulher pode comandar qualquer tipo de programa radiofônico?

”Sim, nós temos aqui, posso citar? Nós temos uma referência aqui que é a Ana Gir-lene que um programa assim que envolve um pouco de tudo, cultura política, até es-  
porte se for o caso. Ela comanda muito bem. Além de outras colegas que já tem um  
longo período aí de caminhada que o assunto que jogar, que apresentar, com certeza  
uma boa pauta, né, uma boa produção será muito bem desenvolvido.”

## **Produção e divulgação de informação na rádio em Macapá**

“Olha, a partir das inovações tecnológicas elas têm disseminado cada vez mais. Po-  
demos dizer que a produção hoje ela tá assim bem mais rápida né, [...] as pautas, elas  
chegam com mais frequência, até pra você fazer ali uma pesquisa, analisar muitas ve-  
zes, certos assuntos, as suas fontes assim, elas se tonaram bem mais dinâmicas e bem  
mais rápidas. Então eu vejo que essa disseminação da informação, ou seja, não tem  
limites, tá numa rapidez assim que é inacreditável, entendeu?, que através de grupos  
de outros aplicativos que você possa ter disponíveis ali pra você acessar tais informa-  
ções, te dá um respaldo muito grande, mas sempre ali com aqueles princípios né, do  
bom jornalista, de que você precisa também checar as suas fontes, mas as informa-  
ções hoje, elas estão assim muito rápidas, e bem velozes mesmo”.

## **Dia a dia no rádio**

”[...] é um pouco complicado, mas a gente precisa trabalhar. Então, é um corre-  
corre tremendo. Você precisa elaborar pauta, você precisa checar, entrar em contato  
com as fontes, checar realmente as informações, então, não é fácil, principalmente  
para nós mulheres. Temos nossas responsabilidades como donas de casa, temos res-  
ponsabilidades de levar, quando for para o trabalho já deixa o filho na escola, já vai  
para a pauta logo direto. Muitas vezes nem vai para a empresa, para a rádio, já vai di-  
reto para a pauta, para a entrevista e às vezes aquela entrevista não dá certo porque  
aconteceu algum imprevisto e você já tem que ter outra ali engatilhada para você po-  
der mostrar o seu trabalho pela parte principalmente pela manhã, que as informações  
acontecem mais rapidamente nos programas radiojornalísticos e durante o dia tam-  
bém. É corre-corre, mas faz parte do profissional, então, quando a gente agarra essa  
profissão, a gente sabe que não tem hora...a todo o momento está chegando informa-  
ção, então a informação que chega durante a madrugada ela já vai servir para a tua  
pauta de manhã cedo. A informação que chega um dia antes ou até mesmo na mesma

hora você tem que dar um jeito de colher as informações. Então, de uma certa forma eu não vou dizer que saber conciliar, não. Ou melhor, dá para conciliar porque está no sangue, quando a gente gosta de fazer aquilo, então não tem impedimento assim: Ah mas eu estou com uma certa barreira em fazer esse trabalho. Não, eu acho que quando a gente gosta de fazer aquilo, quando a gente está em um trabalho que a gente gosta de fazer, não existe barreiras não.”

## **A mulher na parte técnica da produção**

“[...] Tenho uma amiga que é a Márcia Almeida que foi operadora de áudio na rádio difusora, e ela não apresentava programas, mas ela operava o áudio como qualquer um outro profissional de muitos anos. E ela pegou tão rapidinho, e também ajudava a gente na produção de algumas pautas ali, mas o forte dela era controlar os botões, de uma forma bem mais clara para colocar para vocês. Ela não passou por nenhum período de cursos por fora da rádio, era dentro, ela aprendeu ali mesmo com os outros colegas que se dispuseram a ajudar. Também temos outras colegas que mesmo sendo locutoras, como a Lígia Mônica, que também faz produção de programa, apresenta programas, opera a mesa de áudio como ninguém. Ela apresenta e ao mesmo tempo opera a mesa de áudio, a gente chama de locooperadora, que é locutora e operadora de áudio ao mesmo tempo. Então, para a Lígia eu me direciono como uma profissional completa assim da comunicação, tanto na produção de programas, como apresentadora e radialista como operadora de áudio.”

## **Comunicação humanizada**

“[...] seria uma comunicação onde nós pudéssemos tratar de assuntos voltado para o público masculino, feminino, que chamasse a atenção para situações que despertassem o interesse nas pessoas a serem mais solidárias, mais participativa na comunidade, nas situações do dia a dia, temas que abordem a saúde, saneamento básico, onde as pessoas tomassem consciência de que aquele meio em que elas vivem precisam não só do poder público mas também do trabalho delas próprias para viver de uma forma mais saudável, mais consciente, seria dessa forma de comunicar, de fazer com que essas pessoas tivessem essa consciência de que realmente elas precisam fazer a parte delas.”

E na tua experiência, como que tu fazia para se colocar mais próxima dos ouvintes?

“A gente estava sempre ali com a comunidade, ou viajando para o interior, através de algum convite, dos próprios ouvintes, ou até mesmo no caminho de casa para a rádio, de repente via uma situação, já parava lá para saber. Porque através do rádio você pode acionar vários canais para que aquele anseio da comunidade, daquela pes-

soa ali, pudesse de certa forma ser resolvido. Então a gente sempre estava ali procurando saber por quê, é o faro do repórter, do jornalista de querer saber o que está acontecendo, onde foi, o que foi, por que foi aquela situação. Então, faz parte da nossa profissão. Mas a gente sempre procurou não dobrar de esquina, sempre estar atento aos fatos que estão acontecendo para a gente, de certa forma, através do rádio pudesse ajudar.”

## **O mais atrativo da produção de rádio e a reportagem externa**

“[...] a produção de programas é bem interessante porque faz com que você esteja até mesmo mais próximo de alguns profissionais, da própria comunidade, porque a partir do momento em que você convida alguém da comunidade ou médico, ou uma pessoa que trabalha com projetos sociais, independente da profissão, você acaba estreitando ainda mais o seu laço de amizade, e no momento em que você precisar essas pessoas vão estar, independente da situação, do momento, disponíveis para lhe atender. Porque a produção exige isso, que você repasse aquela credibilidade para o seu entrevistado. E um outro trabalho que eu acho bem interessante é reportagem, [...] eu também gosto muito, de estar na rua. São situações que eu tenho uma ou duas entradas para fazer no programa, mas tem dias que se a gente for parar para pensar, que se pudesse entrar cinco vezes no programa isso iria acontecer porque são fatos que acontecem no dia a dia, e são não tão interessantes, mas que poderiam de uma certa forma resolver certas situações. [...] já aconteceu, deu eu sair da feira e de repente acontece um acidente, ou então, passar e ver alguém arrancando flores do jardim, plantas, então, de fazer um flagrante assim. É interessante esse trabalho de produção de programa e trabalhar como repórter de rua.”

## **O antes e o agora**

Janete conta uma das principais mudanças tecnológicas vividas por ela no rádio.

“Principalmente na rádio Difusora quando nós começamos, que hoje nós já temos o sinal digital, desde 2005, com a compra de novos investimentos em novos equipamentos, facilitou muito né com o avanço da internet, antes nós tínhamos a participação do ouvinte ligando e daqui com 10 ou 15, 20 minutos teria que dar essa resposta porque nós ainda iríamos verificar aquela situação, e hoje não, hoje tá muito rápido porque a gente já coloca o ouvinte e aquela pessoa com quem ela delega tal responsabilidade, ou seja, a gente já faz esse meio de campo bem rapidamente entre o ouvinte e a pessoa que pode dar essa resposta, já tem essa facilidade hoje, [...] por conta dessa evolução tecnológica, eu falo principalmente lá na rádio Difusora de Macapá hoje essa

interação ela é bem mais rápida.”

## **Uma inspiração?**

“Lígia Mônica. A Lígia Mônica é de Santarém e foi uma das primeiras pessoas que me incentivaram, que me motivaram muito a continuar no rádio. Então ela é a primeira pessoa que me vem logo, porque foi quem realmente me motivou a continuar na profissão. Aconteceram vários momentos da gente querer desistir, de achar que “eu não vou dar conta” e aí a responsabilidade é muito grande e ela como também já tinha algum tempo na rádio difusora, tempo de profissão, já tinha passado também. Então ela passava isso para a gente que precisaria ter paciência, ser persistente e até hoje a gente continua aprendendo. Mas no começo de tudo, praticamente eu fui inspirada nela por conta do profissionalismo dela e da forma dela fazer rádio, a comunicar através do rádio. Até hoje a gente tem uma amizade muito grande, muito forte, qualquer dúvida, qualquer situação em que a gente esteja preocupada, em fazer da melhor forma possível, a gente sempre está ali se comunicando e ela sempre dá umas dicas bem legais e interessantes. Também tem outra pessoa que é a Ana Girlene que eu gosto muito da forma dela se comunicar, da forma dela apresentar programa bem à vontade, é uma pessoa que tem conhecimento sobre determinados assuntos, uma pessoa preparada mesmo para desenvolver essa profissão [...]”.

## **Para os futuros profissionais...**

Janete encerra com dicas e conselhos para a nova geração que tem o sonho de trabalhar no rádio.

”Olha, não é fácil. Para quem está começando quer ter essa profissão para o resto da vida porque a partir do momento em que você começa a sentir o gosto pela coisa e que não é uma profissão que vai te trazer riquezas, eu vejo dessa forma, é o meu modo de ver, mas que te abre um leque de oportunidades, principalmente de boas amizades, vale muito a pena, vale muito a pena isso, porque é uma profissão que também te dá respaldo, que te dá respeito mediante a sociedade, as pessoas passam a ti ver, quando você desenvolve um bom trabalho, um trabalho de credibilidade, de confiança, isso te dá um respaldo onde quer que você entre, onde quer que você vá. Você é apontado como uma pessoa que faz um bom trabalho, está certo que todos nós não agradamos cem por cento, também temos nossas falhas, mas o que você deve fazer para ter um trabalho correto. Eu digo que não fácil, temos a questão da redação que é muito cobrada, temos a questão da sua direção, da direção da sua emissora, você tem que seguir aquela linha editorial da sua emissora, tudo isso você tem que levar em consideração, mas que lá no fundo no fundo você procure fazer o melhor, pela emis-



sora, sim, mas para você porque lá adiante você de uma certa forma tem um respaldo e tem esse reconhecimento, esse merecimento da comunidade e do meio jornalístico.”





*Do Café às Massas*

MÁRCIA

Fotos 1 e 2: Kellven Vilhena



## Márcia Corrêa: do Café às Massas

Antonio Lucas Pontes Costa<sup>1</sup>

Kellven Jhonatan Cortes Vilhena<sup>2</sup>

Rafaela Cristina Cordeiro dos Santos<sup>3</sup>

“O Jornalista precisa estar atento ao que acontece ao seu redor, ler blogs, sites, livros, acompanhar as redes sociais. É fundamental para a qualidade do nosso trabalho. Jornalista que não lê, é melhor trocar de profissão”.

A frase soa como um conselho, dita com propriedade e simpatia por quem tem uma trajetória inspiradora e personalidade ímpar no jornalismo amapaense; Márcia Corrêa. Com 51 anos, mãe, irmã, esposa, apaixonada por escrita literária e séries televisivas e com uma carreira de sucesso. A jornalista conta os desafios e as conquistas de uma mulher que não tem ressalvas quando o assunto é inovação naquele que já foi considerado um ambiente predominantemente masculino; o rádio.

Atualmente Márcia é Analista Judiciária, lotada na Assessoria de Comunicação Social do Tribunal de Justiça do Amapá, e comanda os programas Justiça por Elas – (Rádio 96.9 FM), Conciliando as Diferenças – (Rádio 96.9 FM) Nas Ondas do Judiciário – (630 AM) e Justiça em Casa – (Rádio 96.9 FM) produzidos na Rádio Judiciária. Uma carreira bem sucedida e estável, mas que nem sempre foi assim.

A jornalista, que carrega em seu nome uma homenagem do pai ao Jornalista Márcio Pereira Alves, é filha de paraenses. Seu pai, a quem considera sua maior inspiração na carreira, era monitor de rádio da igreja católica na década de 60, na cidade de Bragança, no Pará. Ela conta que nasceu em Manaus depois que seu pai mudou-se para o Amazonas fugindo do regime militar. “Meu pai fugiu com a ajuda dos padres de Bragança para Manaus, casou por correspondência com minha mãe e nascemos eu e meu irmão. O regime tirava os profissionais do ar e prendia ou até matava”. Márcia relata que seu pai, o jornalista Antonio Corrêa Neto, foi perseguido em 64, durante o regime militar, por apologia à reforma agrária, defendida pela Igreja católica, por meio da conscientização do homem do campo. O Jornalista que foi homenageado com seu nome era deputado federal à época e também foi perseguido pelo regime militar.

### Como tudo começou

“Eu comecei com o jornalismo, em 1990, 89 para 90, com o jornal Folha do Ama-

<sup>1</sup> Acadêmico do 7º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [lucascosta0096@gmail.com](mailto:lucascosta0096@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [kellven-vilhena@hotmail.com](mailto:kellven-vilhena@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do 7º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [rafaellajustino@gmail.com](mailto:rafaellajustino@gmail.com)

pá, um jornal semanal que tinha uma abordagem bem diferenciada, que aprofundava as temáticas da cidade, tinha uma preocupação mais conceitual, com relação à questão regional e a valorização da cultura regional, da identidade cultural. Eu comecei como foca. O meu pai era jornalista, o Antonio Correa Neto, ele já faleceu e trabalhava nesse jornal também. O meu primeiro editor se chamava Elcio Martins, posso dizer que aprendi muito com essas duas pessoas, com o meu pai e com o Elcio Martins, que é um grande jornalista”.

Márcia conta que foi para a experiência na prática, começou na Folha do Amapá, onde seu pai tinha um programa chamado “Espaço Livre”, na rádio Antena 1. Esse programa era um programa bastante combatível, no sentido que ele tinha uma trajetória, uma experiência de combater a corrupção, os desmandos e os poderosos. Ela já cresceu em à escola e foi trabalhar com ele na rádio também, fazer junto com o pai o programa Espaço Livre. “Comecei praticamente junto na rádio e no jornal” – relata Márcia.

“O que me recordo muito dessa época, que ainda era o governo Barcellos, em 91, foi que meu pai foi preso e detido enquanto estava apresentando o programa ao vivo. Eu estava nessa época na Folha do Amapá, quase fechando o jornal quando soube da informação. Ligaram avisando que o secretário de segurança da época prendeu meu pai a mando do governador, sem ordem de prisão, sem mandado, sem nada. Por conta dessa questão do enfrentamento político. E isso gerou uma comoção na cidade. Os taxistas fecharam as ruas, em torno da Secretaria de Segurança. Uma mobilização muito grande. Foi matéria nacional num telejornal chamado ‘Aqui Agora’ que passava no SBT na época. E essas foram situações que marcaram muito, porque a gente vai aprendendo a lidar com a realidade local à medida que vamos passando por essas experiências”.

A questão política no Amapá é algo que não se pode ignorar, a política partidária está presente em tudo. Desde as disputas de associações dos moradores até as grandes decisões, digamos assim, mais no âmbito do poder público. Então, ignorar isso no jornalismo do Amapá é ingenuidade. Acredito que a gente tenha que aprender a fazer e andar realmente nesse fio da navalha de uma forma ética de uma forma profissional, sem externar muito as suas posições ideológicas, senão você acaba realmente ficando muito marcado, afirma Márcia.

## **A trajetória no Jornal do Dia e o começo no rádio**

“Então, quando sai do jornal do meu pai comecei a trabalhar no Jornal do Dia. Fui subeditora, na época o editor chefe era o Marcelo Rosa, com quem tenho estabelecido uma relação muito bacana e profissional. Hoje ele é chefe de gabinete do governador

do estado. Fiquei alguns anos no Jornal do Dia, depois voltei para a Folha do Amapá e depois fui trabalhar mais com assessoria de comunicação no governo do estado”.

A Jornalista tem experiência com o jornalismo comunitário. “Em 97 meu pai fundou o jornal Feira Maluca. Um jornal que circulou durante uns 3 anos ou mais. Feira Maluca era em homenagem aquela feira do buritizal, era um jornal que ele fazia. Ele era editor e eu também trabalhei nesse jornal. E aí fiquei entre assessoria de comunicação e esse jornal até 2005”.

O ano de 2005 marcou a entrada definitiva na rádio “Eu e Ana Girlene – isso depois de formada pela Faculdade Seama, eu sou da primeira turma – fundamos o Café com Notícia na rádio Equatorial, em 2005. E era uma experiência completamente ousada, porque além de sermos duas mulheres, entramos no horário das 7 da manhã, que é o horário máster do jornalismo no rádio amapaense

As duas mulheres competiram com nomes com Luiz Mello, Carlos Lobato, Paulo Silva, Humberto Moreira e o jornal da rádio 93, que era da rede amazônica.

## **Mulheres no jornalismo amapaense**

“Tinha um jornal bem consolidado com a Silvana Guimarães a Germana Duarte. E então a gente entrou para fazer um programa de entrevistas, sem conteúdo jornalístico. Duas mulheres, e a cara e a coragem. Não tinha patrocinador não tinha nada, a gente tinha que correr atrás de tudo, e ainda com esse desafio de fazer um programa de jornalismo caminhando por esse fio da navalha ético, tentando fazer esse caminho em um local onde tudo é contaminado, no bom e no mal sentido, pela política. Então a gente teve realmente que fazer um exercício profissional bastante considerável.

Márcia e a companheira Ana Girlene eram as únicas mulheres no período de 2005 com um programa com a linha editorial de entrevistas e em um horário nobre e de forma independente.

E como foi? Sentiram alguma diferença de tratamento, ou de fazer o rádio nesse período em que só vocês estavam fazendo?

“Por sermos mulheres, não. Eu particularmente não senti. Até porque essa questão de ser ou não ser mulher eu trato com muita cautela para não vitimizar, sabe? Então às vezes corremos o risco de vitimizar à questão de gênero e perde o tom até ficar uma coisa exagerada. Por ser mulher, eu nunca senti diferença. Senti diferença por sermos mais novas do que os outros que estavam no ar há muito tempo, por já terem audiência consolidada, também por termos uma filosofia diferenciada”.

“A gente começou meio que sinalizando, tínhamos até uma vinheta, que até hoje é a vinheta do Café com Notícia, que diz o seguinte: ‘O programa que respeita a sua inteligência’, por que isso? Porque a gente percebia que existia uma carga muito forte

de programas, não só nesse horário, como de modo geral, muito veiculados a partidos políticos, e a políticos específicos, e que trabalhavam no sentido, ou de fazer oposição, ou de fazer a defesa de quem estava na situação. Então, tentar tirar essas cargas tendenciosas e dar uma atenção mais crítica e mais autônoma a gente criou essa vinheta que diz ‘O programa que respeita a sua inteligência’, o que era isso? A gente não queria fazer a cabeça de ninguém, a gente queria fornecer elementos para que as pessoas façam sua própria cabeça. É o nosso desafio”.

“Até hoje a Gerlene continua fazendo o Café com Notícia, mas nós mudamos de rádio, fomos para a rádio ‘Diário’, para um horário da tarde, para outro momento, outro desafio, já em 2012. Porque a situação, a proposta da rádio Diário, era mais atrativa e a estrutura era melhor. Só que a gente também correu um risco ao mudar de horário. A gente tinha que construir uma nova audiência, e esse horário das 5h da tarde não era um horário de jornalismo no rádio amapaense, então a gente ia inaugurar uma coisa que não sabíamos que ia dar certo. Mas resolvemos fazer mesmo assim, porque a relação com a rádio ficou complicada e mudamos de rádio e horário. Conclusão, meses depois já havia outros programas nas outras rádios no mesmo horário. Ou seja, a gente abriu um caminho e uma segmentação no horário também”.

## **E como é o programa? O dia a dia do programa?**

“Hoje em dia eu não faço mais o programa porque em 2012 eu fui coordenar uma campanha de comunicação do então candidato Clécio Luis, atual prefeito, para prefeitura, e eu achava que era incompatível fazer um trabalho político enquanto estava no ar em um ano eleitoral. Enfim, não dá. Ou você sopra uma vela, ou sopra outra. Como é que eu ia fazer críticas à política se eu estava coordenando uma campanha? Por conta disso eu me afastei e depois assumi como presidente da Fundação Municipal de Cultura em janeiro de 2013, e fiquei até julho de 2014, quando então assumi como subsecretária de governo da prefeitura e fiquei até abril de 2016. Como eu estava em uma função de gestão pública, também achava incompatível com o exercício do jornalismo”.

“Fiquei fora esse tempo todo, até que em 2016 fui candidata a vereadora e, portanto fiquei fora tanto da prefeitura quanto do jornalismo. Mas eu já realmente não pretendia voltar para o programa, já estava em uma *vibe* mais de gestão pública. Foi quando no início de 2017 a Gerlene teve um problema de saúde, e eu voltei pra substituí-la nesse período que ela estava em tratamento. Fiquei uns 3 meses fazendo o Café de novo. E aí, quando foi em março, vim para o Tribunal de Justiça do Estado do Amapá”.

## **Durante o Café Com Notícias, dia-a-dia e desafios de um programa ao vivo**

“O primeiro desafio foi: nós faríamos um programa com um roteiro pré-montado? Organizado com as vinhetas e blocos diferenciados? Ou a gente vai e realmente faz de uma forma livre? Porque eu sempre fiz no livre. Corrêa Neto, meu pai, fazia rádio com uma folha de papel e algumas anotações, e assim deslanchava só que ele era de outra geração”.

“Por fim, a gente começou fazendo com roteiro, mas não durou um mês. O motivo era porque a gente não cumpria o roteiro. Nós debatíamos o assunto de uma forma muito livre, e as pessoas começavam a ligar pelo telefone, e as entrevistas aconteciam de uma forma sem muito rigor de tempo; foi assim que a gente foi entendendo que o programa tinha essa *vibe* mais livre mesmo. Não tinha como fazer muito formatado. E seguimos por esse caminho, apostando no conhecimento de cada uma”.

“Isso era um desafio para quem queria fazer rádio, inclusive, fica aqui o conselho para quem estuda jornalismo: você não tem como fazer um programa assim sem ter o mínimo de conhecimento geral. Mas que conhecimento geral, a leitura. Acompanhar as notícias. Estar inteirado com o noticiário tanto local quanto nacional, ter uma visão de mundo um pouco mais ampliada e crítica, porque senão você vai falar besteira no ar”.

“Eu e Girlene viemos de uma trajetória de militância. Movimento estudantil por exemplo. Ela na época dela e eu na minha. Eu fui dirigente da associação dos universitários no Amapá, na década de 80. Ela foi da UECSA, na década de 90. Então assim, isso tudo vai dando certa elasticidade para você ter argumentação para o rádio. Isso facilita. Mas se você não tem isso, o melhor que tem é pré-escrever um roteiro e seguir à risca para não correr o risco de falar bobagem, de falar errado, de dizer coisas que não tem consistência. Isso, infelizmente, ainda tem muito por aí e aquela verborragia que fica faz a pessoa mudar de estação, porque não aguenta ouvir tanta bobagem. É preciso ter esse cuidado, jornalista que não lê é melhor procurar uma profissão paralela. O que não lê livros mesmo, não lê literatura, não lê jornais, não lê sites, portais importantes, é complicado”.

## **Atualmente, Rádio Judiciária e a seriedade do Poder Judiciário**

“Olha, acho que com o tempo e com a maturidade você vai aprendendo uma coisa que é fundamental na profissão, que se chama profissionalismo. Você tem que separar seus pensamentos ideológicos e sonhadores da sua profissão. Você tem que saber li-

dar com essas duas coisas. Então quando você vem para uma instituição como o Judiciário, você está emprestando o seu profissionalismo, aquilo que você aprendeu tecnicamente, então aqui, por exemplo, temos que elaborar as pautas em conjunto, tem que ser pré-aprovadas, escrevemos um roteiro cuidadosamente pensado, pois estamos falando em nome de uma instituição, e não é uma qualquer, é a responsável por julgar”.

“Qualquer coisa que seja dita fora do lugar vai trazer consequências não para mim, como jornalista, mas para a instituição. Eu não tenho nenhum tipo de angústia com isso, porque a gente aprende a exercer a profissão como um médico, como qualquer profissional, você tem que saber onde está pisando, e pisar com as regras daquela instituição, ser profissional”.

## **Outros caminhos além do jornalismo**

“Eu costumo dizer para os jovens, assim, eu tenho filhas e filhos de amigas, e essa geração de vocês é muito inquieta, porque é uma geração que possui múltiplas habilidades, isso é cientificamente comprovado. A gente chama de geração índigo. Vocês nascem com múltiplas habilidades e fica difícil escolher um rumo a seguir para sempre. E eu costumo dizer o seguinte: essa angústia não vai passar. Eu tenho 51 anos e continuo com ela. Às vezes eu olho para trás e me pergunto, poderia ser outra coisa? Talvez eu tivesse seguido uma carreira jurídica como da minha mãe, mas eu acho que não seria tão feliz quanto sou com a carreira de comunicadora. Não só o jornalismo em si, mas a comunicação é um universo muito amplo, que te permite comunicar com o mundo, com elementos técnicos evidentemente”.

“Se comunicar pode proporcionar uma realização muito grande também, porque você faz a diferença ajudando o mundo a mudar de alguma maneira, mostrando as suas contradições, contribuindo com conceitos inovadores, enxergando e tendo uma visão a longo prazo do que pode e não pode ser melhor pra sociedade, isso tudo me realiza muito”.

## **Motivação para ser jornalista**

“Eu fui criando a paixão por esse mundo da comunicação. Na verdade, na minha adolescência e na juventude, o que me apaixonava muito era a política. A estudantil, a da sociedade, a questão das entidades da sociedade civil e movimentos sociais, isso era muito apaixonante. Só que isso não é profissão, isso é uma veia. E aí eu fui para o Jornalismo. Na verdade, eu cursava História na Universidade Federal do Pará e quando voltei para Macapá, fui trabalhar como repórter da Folha do Amapá, por influência do meu pai e a convite dele, pois eu escrevia bem e podia ser moldada por ele para ser

uma boa repórter”.

“Não tinha curso de jornalismo na época em Macapá. E assim, de cara não me apaixonei, eu fui me apaixonando com o tempo. Porque na verdade minha grande paixão é a escrita, seja ela jornalística ou literária, eu me comunico muito melhor escrevendo do que falando. Isso para mim sempre foi muito claro. Já tive blog literário, Papel de Seda, e ainda está por aí na internet”.

## **Do amor pela escrita ao amor pelo estúdio**

“Timidez, até hoje se eu fizer qualquer coisa nova, que eu ainda não fiz a primeira impressão que eu tenho e que não vou dar conta. A primeira. Mas ao mesmo tempo eu tenho sempre uma sensação muito corajosa, eu não vou dar conta, mas eu vou fazer assim mesmo. É uma coisa muito forte em mim. E aí acaba se resolvendo, com o tempo a gente vai fazendo e vai vendo que não é um bicho tão grande e tão feio quanto parecia”.

“Eu tinha uma insegurança muito grande no início, logo nos primeiros meses do Café com Notícia, porque a gente ainda não tinha muita audiência, as pessoas não ligavam muito para o programa, por conta disso a gente não tinha como auferir a audiência, nós estávamos falando para quem? Para ninguém? Para o nada? Para lugar nenhum? E isso no primeiro ano foi se ajustando com o tempo, aí quando a gente chega num local e a primeira vez que alguém diz “olha eu ouvi teu programa”, nossa, é uma alegria muito grande. E isso ficou tão marcado, que até hoje – veja bem, saí do programa em 2012, nós estamos em 2018 – até hoje eu entro em alguns locais e hoje mesmo aconteceu de eu entrar no supermercado e a moça do caixa dizer assim “conheço a sua voz, a senhora não faz aquele programa café com notícia?” eu disse “fazia, há muitos anos atrás”, então a voz é uma coisa que marca muito, marca profundamente. A gente não tem ideia do quanto o rádio marca”.

## **Dificuldades na carreira**

“A grande dificuldade de quem empreende no jornalismo é a remuneração. É o retorno, é o patrocínio. Principalmente numa terra como a nossa, onde a política contamina todas as frentes. Então, ou você vai para o patrocínio institucional, poder público e de mandatos, ou você vai para empresas que patrocinam muito pouco. Elas optam pela Tv, que tem retorno mais rápido. Então essa coisa de fazer jornalismo e ao mesmo tempo correr atrás de patrocínio, acho que é o grande desafio, aí faz a gente pensar em desistir várias vezes”.

## Momentos marcantes

“Tem coisas engraçadas. A Girlene tinha uma incontinência de risada muito grande, uma dificuldade de conter a risada e eu não, eu consigo de alguma maneira, eu olho para um ponto qualquer e penso em uma tragédia para não criar uma situação difícil na frente do entrevistado. Mas certa vez fizemos um programa no dia de finados, e veio aquelas ideias que a gente tem, ‘vamos convidar alguém para falar, alguém da igreja que possa falar sobre essa situação’. De onde surgiu, porque finados? E o que significa? Então chamamos e a igreja enviou um diácono, não enviou um padre, e aí a pessoa começou a falar, deu a entrevista, tudo *ok*, imagina, dia de finados a cidade é um silêncio, só nós duas naquele estúdio e o senhor falando. Foi então que eu pedi ‘o senhor pode fazer uma oração ou uma prece ou alguma coisa para que as pessoas que estão indo agora para o cemitério velar pelas famílias e seus entes queridos possam ouvir?’”

“Ele começou a cantar. Foi tipo um canto gregoriano. Foi um negócio tão inusitado que a gente não esperava que ele começasse a cantar sozinho no estúdio. A Girlene desatou a rir, ela caiu na gargalhada e não conseguia controlar, eu me colocava assim entre ele e ela pra ele não ver. E eu olhava para a parede, olhava para o lado e para o outro, e rezava ‘meu deus me ajuda a não rir, eu tenho que ficar séria’, e olhava bem nos olhos dele, bem concentrada, pra ele se sentir seguro. Enfim, foi uma situação bem complicada”.

“A outra vez que posso destacar dessa vez eu fiquei aborrecida e saí do estúdio. Nós chegamos para trabalhar e íamos entrevistar o presidente da associação nacional dos odontólogos, uma entidade nacional. O homem chegou no estúdio todo arrumado, sentou e começamos a entrevistar. Quando eu estou falando com ele— só para deixar claro, eu tenho pavor de barata, não convivo bem com esse animal – eu estou de costas para a parede e Girlene de frente. Ela olhou para a parede e fez um gesto, arregalou os olhos. Quando eu virei, vi a barata. Eu larguei o microfone e saí correndo, o homem, coitado, pegou um tubo de papel de um cartaz enrolado e matou a barata. O nosso convidado matou a barata. Então assim, eu queria morrer de raiva, tanto da rádio quanto da direção da rádio, queria me enterrar, não queria voltar para o estúdio de jeito nenhum. Enquanto isso a Girlene só queria rir da situação toda”.

“Há também as situações complicadas, por exemplo, a operação mãos limpas. Muitas pessoas envolvidas eram conhecidas nossas, porque em Macapá todo mundo se conhece, mãe de amigos, pai de amigos, colegas de profissão e etc. E quando a gente foi dar a notícia, a gente tinha que dizer o nome das pessoas, isso feria muito, pois a gente saía dali e sabia que ia ter famílias inteiras de mal com a gente, sem falar mesmo e teve situações de pessoas ficarem anos sem falar com a gente, que eram amigos pró-

ximos, até jornalista que peitou a gente em ambiente público porque a gente citou o nome dele. Então são situações que você tem que fazer uma escolha às vezes muito difícil”.

Das situações que aconteceram aí, da década de 90 quando você começou, até agora em 2018, a questão da operação Mãos Limpas foi o fato mais difícil de noticiar ou teve outro momento que você considera mais fácil?

“Na verdade, não é difícil de fato, eu considero... Delicado. Por conta das relações pessoais. O que é difícil de noticiar, que particularmente eu sempre tive dificuldade, é violência contra criança. Para mim isso sim é complicado. Mas um fato como você falou, teve na época que eu trabalhava na Folha do Amapá, quando houve o sequestro e espancamento e tentativa de homicídio de dois vereadores, a gente cobriu e demos o furo, o jornal estava sendo quase fechado e a gente conseguiu acompanhar desde o início as operações de busca e tudo mais, esse foi um fato também bastante relevante. Mas eu acho que de um modo geral eu consigo lidar bem, de uma maneira bem tranquila”.

## Trajetória de 28 anos

Nesses 28 anos de profissão, você consegue resumir para nós, mais jovens, que estamos entrando agora, a maior lição que você tirou de toda essa sua trajetória?

“Olha, acho que já até disse para vocês. A primeira lição é a gente saber que essa inquietação ela não vai passar. Essa inquietação do que a gente quer ser, será que é isso mesmo? Será que não é? A segunda é: não dá para pensar em ficar rico com jornalismo. Você quer ter uma vida equilibrada e *bacana*, seja uma pessoa equilibrada. Mas rico não vai ficar com o jornalismo ético. E terceiro: ser profissional, ser profissional sempre. Não se deixar perder amizades, se contaminar muito pela política partidária. Porque você fatalmente na sua profissão vai acabar por assessorar um político, ou uma campanha política, porque esse universo ele tá aí no escopo da nossa profissão e em algum momento você vai ter que fazer isso, seja por uma questão de sobrevivência ou de opção. Mas faça de uma forma profissional, de uma forma ética, tanto com seus clientes quanto com seus colegas, porque você vai conseguir chegar lá na frente sem precisar ter deixado tantos corpos para trás”.

## Futuro

“Futuro. Agora eu estou estudando, fazendo um curso na EJAP – Escola Judiciária do Amapá, de monitoria de cursos online. Eu quero criar alguns cursos a distância na área da comunicação. Por dentro do judiciário e por fora.

“Pretendo continuar paralelamente com a profissão e criar cursos online, porque eu gosto muito desse universo virtual também, adoro, eu acho extremamente útil. Redes Sociais, por exemplo. Essa coisa dessa crítica das redes sociais eu acho uma bobagem, porque o problema não está no instrumento, está na pessoa, de quem usa e como usa. As redes sociais são revolucionárias, são necessárias, são importantes. E eu acho que a gente tem que utilizar essas ferramentas o máximo que puder da melhor forma possível”.

Quando olha para a sua carreira Márcia explica que tudo que passou, as dificuldades, as conquistas, todo o seu histórico no jornalismo e no rádio, e fala que a sua maior conquista é ter a consciência tranquila. “Nunca me vendi. Nunca fiz do jornalismo fonte de enriquecimento ilícito. Nunca chantageei ninguém. Acho que essa é minha grande conquista”.

## **O jornalismo influenciou a infância e adolescência**

“O Jornalismo está na minha vida desde que me entendo por gente. Meu pai era do Rádio, depois foi para um jornal chamado O Jornal, onde ele conheceu Phelippe Daou, que era o dono da rede Amazônia. Eles trabalharam juntos como jornalista nesse jornal, na década de Quando foi em 70 o regime apertou e a perseguição aconteceu. E meu avô, que já morava aqui em Macapá e tinha uma loja de peças, chamada Leão das Peças na Feliciano Coelho, mandou buscar nossa família. Eu, meus pais e meu irmão. E viemos morar aqui”.

“Quando chegou aqui, meu pai foi para o jornalismo. Foi também para assessoria de imprensa do governo, foi para o jornalismo esportivo, assim começou a trajetória dele. Minha infância foi no bairro Jesus de Nazaré, infância de rua, correndo, brincando, uma coisa maravilhosa. Estudei no jardim de infância da escola Barão do Rio Branco, depois estudei no SESI, depois fui para a escola GM (Grupo Feminino – Atual Santana Rioli), já no ensino fundamental e minha infância foi como o de todo mundo da minha geração, uma infância muito livre e sem medo, porque na época Macapá era uma cidade tranquila, e, claro, convivendo o tempo todo com o jornalismo”.

“Lembro-me quando eu era criança, meu pai ia cobrir o carnaval na avenida FAB e eu ia junto, também ia uma equipe da Tv Amapá, que por conta da amizade com Phelippe Daou, meu pai foi um dos fundadores da Tv Amapá. Felipe quando veio fundar a Tv pela rede amazônica procurou meu pai e outros jornalistas daqui. Então eu acompanhava. No dia da criança ele fazia uns programas pela Tv Amapá e a gente saía como repórter mirim, eu, meu irmão e outros coleguinhas. Eu o acompanhava no rádio também, enfim, desde criança eu estou nesse universo”.

## **Corrêa Neto a sua maior inspiração profissional**

“Meu pai é minha inspiração maior, porque eu pude vivenciar tudo com ele. Os prós e os contras da profissão. Mas, principalmente pela retidão de caráter dele. Porque as pessoas tentam comparar e não tem como. Nem tenho essa pretensão de ser uma continuidade dele, porque as pessoas não têm continuidade, cada um é o que é e pronto.

## **Jornalismo, conselhos e atualidades**

Hoje as mulheres têm mais espaço na comunicação do que antigamente, mas incidentes recentes fizeram o consciente coletivo repensar sobre assédio a jornalistas mulheres que diariamente são vítimas do machismo e do assédio durante o exercício da profissão, mas não podemos esquecer que é preciso que as pessoas denunciem e que se fale sobre essas situações para que ninguém mais passe por situações como as que aconteceram na copa de 2018, onde jornalistas mulheres foram assediadas,

Márcia não passou por essas situações no jornalismo, mas na vida pessoal sim. “No jornalismo nunca me senti, pelo fato de ser mulher, acuada ou discriminada. Senti-me na gestão pública. Na gestão tive algumas situações em que eu enfrentei assédio, bem ruim. Mas no jornalismo não me lembro de ter enfrentado alguma situação, sempre tive muito respeito dos colegas. Claro que eu sei que não é assim com todo mundo. É principalmente para as mais jovens, que estão começando. É fundamental, primeiro, ter postura, personalidade e determinação, não se vitimizar, mas também não se omitir quando for necessário denunciar. E todo bom profissional que se estabeleça pela sua competência, pelo seu zelo com a profissão”.

Márcia encerra com mais conselhos para as próximas gerações, em especial para as futuras jornalistas. “Eu, por exemplo, quando faço uma entrevista, eu sempre digo para os colegas: o que você precisa para fazer uma entrevista? Primeiro conhecer o tema, o mínimo sobre o tema que vai abordar conversar com o entrevistado antes, para você sentir o que ele tem para dizer. E segundo: prestar atenção no que você está fazendo, na resposta que ele está te dando, que aquela resposta pode ser outra pergunta. É como se fosse uma conversa, na qual você está realmente interessado. Por mais que aquele assunto não seja o teu assunto predileto, ali naquele momento você tem que colocar a sua mente como se aquele assunto fosse o mais interessante do mundo para você e aí você vai realmente conseguir fazer uma boa entrevista”.

“E eu acho que isso a mulher tem mais que o homem, essa capacidade de ouvir, de prestar atenção, de se sensibilizar com o assunto que *tá* sendo abordado. Eu acho que no rádio, o que eu mais gosto de fazer é entrevista. Já não gosto tanto de conversar



fora do ar. Odeio falar em telefone, não gosto de ficar horas conversando, tenho isso na minha vida pessoal, sou muito mais reservada e calada. Mas no ar? Na hora de entrevistar? Acho que é como o cantor, o cantor gago, que ele é gago fora, mas canta”.



Socorro nos estúdios da RádioBrás



Mulheres em oficina de rádio no Maranhão



# MARIA



Maria atuando na profissão

Fotos Principal: Arquivo Pessoal/Janete Carvalho  
Foto Perfil: Luiza Nobre



# Maria Farias “Socorro”: o novo espaço feminino

Laura de Oliveira Machado<sup>1</sup>  
Luana da Conceição Silveira<sup>2</sup>  
Luiza Nobre de Mensezes Melo<sup>3</sup>

## Quem é?

Maria do Socorro Farias da Silva, 57 anos, formada em Educação Física, iniciou sua carreira no rádio aos 13 anos trabalhando nos bastidores da Rádio Educadora. Também fez parte da RádioBrás e Rádio Equatorial.

## Início da carreira

“Quando eles me levaram para entrevistar na Rádio Educadora, isso foi em 1975, eles me acharam muito desinibida, eu tinha 13 para 14 anos, eu era muito pobrezinha, minha mãe empregada doméstica, eu ainda estava começando a procurar alguma coisa para trabalhar e não podia, mas também não tinha toda essa proibição que tem hoje por causa de idade. E eles me levaram para o rádio, e me perguntaram se eu tinha vontade de trabalhar no rádio e eu disse que tinha e pediram para eu começar a fazer uns treinamentos. E como foi que começou isso?! Eles faziam recorte de jornal, o Ney, a Cristina Homobono, eles me deram muito apoio. Na época tinha eu, a Cristina Homobono, a Marinete Batista e a Edinete Moraes no rádio, tinham passado algumas outras, mas foram pouquíssimas as mulheres naquela época na rádio e eu trazia todo o meu dever de casa para casa, eles me deram um gravador e eu pegava as matérias dos jornais, lia, gravava, ouvia e levava para eles ouvirem para eles me consertarem, pontuação, vírgula, entonação e depois eu passei à atender os telefones no rádio, participação do ouvinte, aí depois eu comecei a fazer a seleção musical dos discos de vinil que não tinha CD e quando fazia a seleção musical, a gente toda vez que apresentava um programa de rádio tinha que fazer a seleção musical sempre em 3,4 vias e uma das vias tinha que ir para Polícia Federal, para eles aprovarem ou não. E quando se tocava música tinha obrigatoriamente que dizer o nome da música, o autor da música, e quem estava interpretando a música. E eu comecei fazendo esses trabalhos de bastidores, e depois eu comecei a fazer um programa chamado “Carnê Social”, que era um registro dos aniversariantes. Você ia na rádio, digamos que você tivesse alguém que

<sup>1</sup> Estudante de graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

<sup>3</sup> Estudante de graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

estivesse fazendo aniversário e você quisesse homenagear aquela pessoa com uma música, aí você ia na rádio, pagava, e o locutor começava o programa, tinha os comerciais e a gente lia a nota, a mensagem da pessoa homenageando a outra e a música que a pessoa estava oferecendo para o aniversariante tocava. Às vezes eram 3,4 músicas e eu comecei assim. Depois eu comecei e foi me dado um programa para fazer as mais tocadas durante a semana e apresentava no sábado, era sempre de 17:00h às 18:00h da tarde e eu fiquei na Rádio Educadora de 1975, que eu tinha 13 para 14 anos, quando foi 1977 era o Padre Jorge Basille o diretor dessa rádio e eu era muito dedicada para aprender, eu sempre fui muito curiosa até hoje eu sou muito curiosa, eu vejo as pessoas fazerem uma coisa que eu não sei e eu fico olhando para ver se eu quero aprender, que eu quero fazer. Acho que uma questão de querer ser muito independente das coisas, e aí ele me chamou e disse: “Olha eu quero que você fique como funcionária”, eu ganhava sem ter carteira assinada, sem ter um vínculo, mas eu fiquei lá dois anos direto, foi quando ele me chamou e assinar minha carteira, mas como eu era menor de idade, a minha mãe teve que pedir para um juiz que tinha aqui chamado José Pedrosa Maia uma autorização pro padre assinar a minha carteira na rádio e ele assinou como locutora, e eu fiquei na rádio esse tempo todo lá. E nessa época muito jovem, já estava com 16 anos e em 1977 quando foi assinada a carteira, a rádio teve um problema com a prefeitura, com a censura, eu não sei bem exatamente com o que, e a rádio Rádio Educadora fechou. Eu fui trabalhar em outra área, no comércio, porque eu já tinha uma renda e eu precisava dessa renda, e ela me ajudava muito. Eu ganhava um salário mínimo, mas eu não trabalhava só mais como locutora, eu dava apoio também para os outros programas, ajudava na seleção musical, ia na Polícia Federal levar as planilhas das músicas, ver se tinha sido aprovado ou não, se tinha alguma música que não era para tocar. No tempo da ditadura eles tiravam. A rádio é um vírus, ela te contamina e você passa a gostar e você não quer deixar o rádio, sabe? É muito bom! Eu fui para a Rádio Equatorial com o José Mattos Costa (O Zé Lito), na época o dono da Rádio Equatorial, e lá os horários eram comprados e eu comprei um horário lá de novo no sábado à tarde que eu tinha um outro trabalho e no sábado à tarde e no domingo de manhã eu fazia esse hit com outro nome e no domingo de manhã eu fazia um programa junto com Azevedo Picanço, era “Manhã Alegre Equatorial” o nome do programa e ele 8:00h da manhã até às 10:00h, às 10:00h entrava outro programa. Eu fiquei na Rádio Equatorial uns 2 ou 3 anos, aí eu fui trabalhar no banco e quando eu estava no banco do Bradesco, em 1984 mais ou menos, o Eraldo Trindade que já era locutor há muito tempo me ligo, e disse: “Socorro, tá vindo para cá a Rádio Nacional FM e nós estamos precisando de uma voz feminina para trabalhar lá.” Eu disse: “Bom, agora como é que eu faço? Eu estou trabalhando no banco.” E ele disse: “Vai à noite, tu não podes ir à noite?.” E eu fui porque eu gosto do rádio e eu já estava muito cansada do banco, eu já estava no banco há um bom tempo. Nes-

sa época, em 1984, eu acho que eu tinha uns 24 anos, eu já tinha um filho, eu engravidei quando eu estava na Rádio Educadora, teve esse período que eu fui trabalhar em uma loja e o Eraldo me ligou e disse: “Dá para você fazer um teste lá, porque precisa fazer um teste para a Rádio Nacional, a Rádiorás, vai para Brasília para eles aprovarem ou não.” Ai eu disse: “Ah, amanhã eu vou aí.” Eu fui e ele disse: “Socorro, eles querem você! Dá para você ficar?.” Eu disse: “Só se for nesse horário da noite.” Aí eu fiquei na Rádio Nacional, já foi por volta de 1984, eu comecei em 1975 na Rádio Educadora, fiquei até 1978 que foi quando ela fechou, e eu só saí porque ela fechou, e eu fui para Equatorial fiquei como prestadora de serviço para a Equatorial, e fui para Rádio Nacional que é a Rádiorás, fiquei de 1984 a 1989, trabalhava durante o dia no banco e à noite eu trabalhava na rádio. Depois eu passei no curso de Educação Física, que veio o módulo para cá de Belém e eu queria fazer Educação Física, aí eu tive que pedir as contas do banco, e a Rádiorás estava me pressionando desde 1984 para assinar a minha carteira, porque eu prestava serviço, mas eu tinha que ter vínculo, eles descontavam INSS, tudo isso que me ajudou muito hoje, porque essa contribuição do INSS hoje somou muito para mim e para a minha aposentadoria. E aí eu tive que pedir as contas do Bradesco e fui para Rádio Brás, só que nessa época a Rádiorás estava passando para o estado para ser a Rádio Difusora, antes ela já era a Difusora ela foi passar para Rádio Nacional, depois ela voltou a ser da Rádio Difusora de novo, aí foi dado baixa na nossas carteiras e como eu já estava com um contrato de professora de Educação Física no estado, aí eu fiquei na rádio prestando serviço na rádio, aí foi lá uma também das maiores escolas de rádio para mim, porque lá eu não fiquei só como locutora, eu produzia, eu fazia roteiro musical, eu ajudava no jornalismo quando faltava alguém eu dava as notícias, ou seja, fazia o jornalismo, redigia. Então foi um aprendizado muito grande, enriquecedor porque através do rádio, da comunicação ela pode te levar a muitos lugares e vocês sabem disso melhor do que eu”.

## **A escassez de mulheres na profissão**

“Assim, a gente sabe que existe um pouco mais, na época em que eu trabalhava no rádio existia uma exigência muito maior da pessoa ter uma boa leitura, aquela dedicação de ir para lá e fazer tudo aquilo que a gente fazia. Treinar muito, ler muito, e era muito bom. Tinha também a participação do público e nós éramos até de uma forma muito carinhosa por causa do rádio. Vinha gente de longe imaginando como era você, porque as pessoas criam uma imagem sua através da tua voz, e muitas mulheres tinham vontade de ir trabalhar no rádio. Mas ainda era muito limitado, e nós éramos poucas na Rádio Nacional”.

“Com relação essa coisa da influência das mulheres era muito limitado, sempre foi, né? Hoje nós temos a participação de mais mulheres em decorrência de tudo isso. Es-

sa participação surgiu quando começamos a participar de uma Rede Nacional de Mulheres no Rádio. Durante o mandato do governador Capiberibe, nos anos 90, a deputada Janete chamou uma equipe para produzir um programa direcionado para mulheres. Isso com a começar no Dia Internacional da Mulher, e ela sugeriu que nós fizemos esse programa desde 00:00 do dia 8 de março até 00:00 do dia 9 de março, 24 horas só mulher no rádio! E aí como é que a gente ia conseguir essas mulheres para fazer isso? Foi então que nós fizemos uma oficina de capacitação para mulheres e chamamos quem tinha vontade de fazer parte para fazer um treinamento. Até quem já tinha experiência em alguma situação do jornalismo, redigindo texto, porque tinham pessoas que só redigiam mas na hora de ir para microfone não iam. Era um treinamento para as mulheres entrevistarem outras mulheres na feira, para entrevistar motorista de ônibus, policiais militares, mulheres que pilotam barcos, mulheres pescadoras e no final nós conseguimos fazer esse programa de um dia inteiro e foi muito enriquecedor essa questão da gente ter participado com outras amigas”.

“Depois disso, nós criamos um programa chamado Viva Mulher. Nosso programa recebeu muita crítica porque não era Viva Mulher o nome dele no início, era mulher Mulher AP, de Amapá, e aí tivemos muitas críticas por causa desse nome. Depois mudou para Visual Mulher, e tinham vários quadros. Foi para lá conosco a jornalista Elaine Cantuária e a Leilane com a experiência dela, a professora Elen e a Denise Amorim que é uma radialista que passou por aqui muito tempo. Nessa época, a gente sempre viajava para os encontros de mulheres para discutir o nosso posicionamento, o que a gente podia estar oferecendo, trocando experiências e passando por capacitação. Uma vez aconteceu aqui em Macapá e aí vieram as mulheres de outros estados, e foi muito legal. Depois me afastei do rádio, porque eu também precisava assumir meu compromisso como professora de Educação Física”.

## **Como você avalia a produção de rádio no Amapá?**

“Eu acho que têm muita coisa que precisa ser revista. Eu não estudei jornalismo, mas experiência são poucos os programas que tem uma boa produção. Por exemplo, o programa da Márcia Corrêa com a Ana Girlene que tem produção, mas tem outros programas, outras emissoras que eu vejo a pessoa entrar no ar e falar o que quer, sem preparo algum. Ainda acompanho a Rádio Universitária de vez em quando e a CBN. A CBN ter uma excelente estrutura e produção. E essa falta de produção talvez seja por uma questão de compra de horário na programação.

Hoje, com a internet, a gente vê que publicidade e a televisão ganharam um espaço maior. No meu tempo era mesmo rádio pelo maior veículo de comunicação de massa e eu acho que ainda é porque você ouvir rádio fazendo academia, você ouvir rádio lavando uma roupa, na beira do rio, na beira do Igarapé, pilotando um barco, pilotan-

do uma moto, no seu celular, fazendo comida na sua cozinha, quando você está deitado na sua cama para dormir e quando acorda... Eu ainda acho que o maior veículo de comunicação de massa é o rádio, mas perdeu um pouco dessa credibilidade.

## **Você acha que as mulheres ainda enfrentam muitos preconceitos?**

“A falta dessa presença feminina rádio se dá principalmente em áreas mais específicas, como por exemplo, o jornalismo esportivo e o jornalismo de economia. Eu ainda cheguei a fazer programa de esporte e tenho quase total segurança de te dizer que é muito boicote a da parte dos homens que trabalham com isso. Eu queria entender o porquê, mas tem muitas mulheres que dão show nessas áreas e poderiam falar, justamente para diferenciar já que são mais raras as nossas participações. Na época que eu estava na Rádio Brás, tive um chefe que praticou assédio comigo e uma vez eu cheguei atrasada 9 minutos, porque meu avô tinha morrido, e ele descontou na folha de pagamento, mesmo eu tendo levado o atestado de óbito. Eu aprendi muito a enfrentar o olho no olho e dizer: sim foi um crescimento porque eu aprendi muitas coisas, inclusive a argumentar e ter a minha defesa diante de certas situações”.

## **Dificuldades profissionais**

“Isso é bem complicado né, na época em que eu estava grávida da minha primeira filha, eu estava bem no auge do rádio fazendo um programa matinal de oito horas ao meio-dia lá na Rádio Difusora. E assim, quando você tem filho e trabalhando em rádio, se você faltar em qualquer outra situação, ninguém vai sentir falta de você, sente falta só quem está lá, ou quem vai lá te procurar, mas no rádio é diferente você tem que estar lá, porque se você se você chegar atrasada, se você falta, a cidade inteira que te ouvi, que está te esperando sabe que você não foi. E conciliar essa questão para mim não foi assim tão difícil, porque na época que eu fiz o rádio e que as minhas filhas estavam pequenas, o pai delas foi mãe para elas também, eu digo assim “mãe” porque ele assumia integralmente todas as necessidades que elas tinham, de ir para escola, tomar banho, dar comida, remédio, levar no médico, então ele foi muito parceiro. Isso só dificultava algumas vezes para mim quando realmente adoecia e tinha que internar, eu tinha que estar lá, então eu tinha que muitas vezes pedir para alguém me substituir, e raramente encontravam uma mulher para me substituir, porque geralmente era as meninas do Jornalismo, e quem estava no jornalismo às vezes não queria fazer. E o rádio é diferente, você tem que estar bem, não pode mostrar tristeza, você tem que estar feliz, você tem que passar alegria, tem que passar ânimo, por mais que você não esteja, mas você tem que passar isso, o ouvinte consegue perceber pela

tua voz, que ele conhece. Comunicação é uma arte, mas você tem que estar bem para comunicar bem. Então às vezes, atrapalhava um pouco quando a minhas filhas adoeciam, e quando amamentava cansei de receber minha filha no estúdio para dar mama, porque naquele tempo não tinham seis meses de licença-maternidade, e aí eu tinha que amamentar e eu ficava 4 horas direto e elas iam com o pai delas para eu dar mama, mas eu sei que tem muitas mulheres que têm dificuldade de conciliar, por vários motivos. Por exemplo, eu mesma, trabalhava em dois lugares tinha que me sacrificar para ir à noite logo no início para garantir o meu espaço, com a minha remuneração, e a minha experiência que é o melhor de tudo, eu acho que é experiência. Tenho uma coisa para dizer para vocês: Rádio é fantástico! É coisa linda, se vocês estão nessa área tenham essa possibilidade, e não desprezem as oportunidades. Vão atrás, ocupem esse espaço! Ele precisa ser ocupado por mulheres! Mulheres são sensíveis, mulheres têm o modo de comunicar diferente, mulheres têm visão diferente. Mulheres... são mães, o amor, o olhar, é tudo diferente!”

## **Perspectivas para o futuro na profissão**

“Eu estou um pouco triste com isso, não pela questão das mulheres, mas sim do rádio. Eu vejo que o rádio está mudando a forma inicial, hoje você tem podcast, Deezer, Spotify, tem uma série de rádios comunitárias. O rádio “pulverizou”, mas eu acredito que diminuiu um pouco, por causa dessa questão da internet, da TV, sabe? Mas eu vejo que pode mudar sim! Se nós mulheres, se vocês que estão nessa juventude e estão começando agora, tomarem a frente, forem mesmo por diversos setores do rádio, para a rádio comunitária, que comunica sim! Tu vais passando na rua, tá ali no poste a pessoa falando, e às vezes tu pára para ouvir, que eu já paro às vezes, se é alguma coisa que me interessa eu paro para ouvir. Em qualquer outra situação, mesmo esses que estão na internet. É um sonho... o rádio ser dominado pelas mulheres ou pelo menos a maioria, pelo menos que seja metade, a gente já vai perceber uma mudança muito grande. Tá na mão de vocês, é de vocês que tem que partir isso agora. Para mim foi difícil começar porque eu não tinha experiência, como é que eu ia aprender, eu nunca tinha feito jornalismo! Aí eu tinha que ler, ler, ler, pegar orientação de quem já sabia: “Não, isso aqui está errado”, “A entonação é diferente”. Quando você vai ler uma notícia triste você não pode ler ela com alegria, o falecimento de alguém, você tem que ter um outro tom. Se você chega para animar o teu programa, e é um programa de participação de ouvinte, tem que falar alegre: “Seu Antônio, bom dia, o senhor fala de qual bairro?”, você vai ouvir a pessoa e vai interagir com a ela, tem que ter preparo, quem tá no rádio tem que ser preparado, tem que ler tem que ouvir muito, porque rádio é coisa séria! Comunicação é coisa séria!”





Foto: MARCOS S.

# RUTE

Foto: Marcos Santos



## Rute Hippolyte – a flor rara do rádio

Jacimara Castro Monteiro<sup>1</sup>

“É necessário a cada dia refletir...tem que ter um filtro, no rádio, nem tudo o que pensa, pode falar... acima de tudo, respeitar o ouvinte, se colocar no lugar dele, eu procuro fazer isso. Então quando dá a hora, eles já estão à espera que o barquinho comece a apitar, e sabem que a Rute está chegando...”

Paraense, chegou em Macapá aos 12 anos de idade. Rute Hippolyte, casada com Jeffri Hippolyte, mãe de três filhos, formada pela Universidade Federal do Amapá no curso de Pedagogia, é carinhosamente conhecida entre seus ouvintes como Flor Rara, comunicadora há 17 anos em uma Rádio do segmento evangélico. Tem se dedicado a um programa que leva mensagens a pessoas que moram no interior do estado, são reflexões, simplesmente um alô ou ainda um auxílio solidário, através de doações dos mais variados favores que chagam até o programa, que vai ao ar todas as noites na rádio RBN 104,9. Seu programa tem como característica marcante, sua abertura, o som de um barco, caracterizando que está chegando para ancorar em alguma comunidade ribeirinha. Então abre seu caderno cheio de anotações, e em uma hora de tempo apresenta pedidos, anuncia seus patrocinadores, fala com seus ouvintes, toca canções e faz a indispensável leitura reflexiva. Com naturalidade e totalmente familiarizada diante do microfone no rádio, é uma personalidade marcante que ocupa um espaço na mídia amapaense entre as mulheres.

### A infância em Macapá

Quero de início agradecer pelo convite, de te dar uma “prosa”, fico muito feliz de poder contribuir com esse trabalho sobre o rádio, e principalmente se tratando da mulher no rádio.

Minha chegada em Macapá foi aos doze anos, sou paraense, venho de uma família de dezessete irmãos, dos quais minha mãe criou treze, lembro muito bem que minha mãe estava grávida de minha irmã Késia, quando chegamos em Macapá. Eu sou a quinta filha, e sinto-me abençoada por Deus, minha mãe passou a seguir o cristianismo evangélico e me deu o nome de Rute, na ocasião fazia estudos bíblicos e acredite, você, ela aprendeu a ler na bíblia. Viemos morar aqui por causa da profissão do meu pai, que era torneiro mecânico e a convite de um empresário de Macapá, ele veio, nos

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [marasandre@bol.com.br](mailto:marasandre@bol.com.br)

trazendo para cá. Vendeu nossa casa em Belém, comprou um torno com a intensão de montar aqui uma oficina, conseguiu montar seu negócio e chamou seu empreendimento de Oficina Independência, os mais antigos devem lembrar, localizado ali próximo do canal, na entrada da cidade. Sem muro de arrimo, ainda, era tudo lama, pelo menos até a Cândido Mendes, o cenário era esse. Uns tios meus tinham lancha e traziam o açaí das regiões ribeirinhas para bater em Macapá, uma vila ainda, onde todo mundo se conhecia, mas o progresso chegou, e eu gosto muito dessa cidade.

## **Lembranças da pequena Macapá**

Eu sempre fui da Igreja, é algo distante, mas eu lembro que em época de festejos, em reuniões realizadas no mercado central, chamávamos de culto ao ar livre, os jovens desfilavam da rua Tiradentes até o Mercado central, todos de farda, coisa mais linda, a banda tocando e movimentava a cidade, as moças se perfilavam e todas bonitas eram acompanhadas por bandas marciais. Outra coisa que eu lembro, foi ter viajado pela primeira vez de avião, eu tinha 18 anos e minha mãe me deu de presente, eu lembro que foi tudo encantador, o aeroporto bem pequenininho, de madeira e eu alegre, feliz.

Chegamos aqui em Macapá, e minha família foi morar no remanso, onde fica o “lugar bonito”, é onde está o parque em torno da Fortaleza, tudo era uma extensa praia, e alguém da minha família comprou uma pequena casa nesse lugar, onde também existia um matadouro e muitas pontes construídas de madeira, descendo o supermercado Fortaleza na São José, tudo era tomado pela água do rio, para ir à escola, precisávamos passar por essas pontes, eu minhas irmãs, ali próximo do mercado central conseguíamos continuar o caminho a pé enxuto. E depois era outra caminhada que nós fazíamos até chegar a escola, atravessávamos do centro para o trem em cima das pontes. As pessoas sofriam acidentes naquelas pontes, cheguei a presenciar um fato desses, dessa parte me lembro com tristeza. Depois meus pais compraram uma casa melhor e saímos da ponte do remanso então viemos morar um pouco mais para cima, onde construímos uma casa de madeira.

Nossa chegada aqui, foi no ano de 1964, passei a estudar e me lembro que queria muito ser professora, naquela época chamava-se normalista os estudantes do IETA – Instituto de Educação do Território do Amapá (prédio onde funciona atualmente a Universidade Estadual), e eu dizia a minha mãe, - “Eu queria ser uma normalista”. Depois passou a ser chamado de curso pedagógico.

Com vinte anos de idade, eu casei, era o ano de 1972, e depois de muitos anos recebi essa dádiva, como comunicadora, eu digo dádiva porque acredito que foi Deus que me deu, então tudo o que vem de Deus é abençoado, fico até emocionada, pausa.

## **O que se ouvia através do rádio naquela época**

Aqui em Macapá só havia a Difusora, era o que ouvíamos, pelo menos era a única emissora que meu pai sabia ligar. Eu ficava encantada com um momento social, que tinha as treze horas, lembro que eu ficava quieta ali no meu canto pra saber quem estava de aniversário que o locutor anunciava. E também ele mandava mensagem para o interior, e foi ali que nasceu no meu coração e depois de muitos anos tive essa vontade de mandar alô para os amigos do interior do estado.

## **Uma concessão educativa - Rádio Boas Novas RBN 104,9**

Eu nunca imaginei que teríamos esse sonho, mas o Jefri, meu esposo, disse pra mim que iria entrar nessa luta, porque sentia de Deus que deveria trazer essa comunicação através do rádio. Teve momentos que pensei em desistir porque é algo muito difícil e eu pedia para Deus me dá forças. Teve momentos que eu cheguei a dizer para ele parar porque era muito papel, muita burocracia, muitas idas e vindas em Brasília. Como deputado estadual, o Jefri já havia feito um programa na difusora, nessa época a igreja celebrava um momento chamado “Década da Colheita”, então em homenagem e pra divulgar o evento ele colocou o mesmo nome no programa que tinha lá na difusora. Então nesse período, de trabalho na Difusora, ele aprendeu o básico de como operar, ele já havia tido um som grande, com muitas caixas, e isso já havia sido um preparo. Ele ia a São Paulo, comprava equipamentos, e vivia pra lá e pra cá, carregando caixas, as vezes eu me aborrecia, cheguei a dizer pra parar, nossos filhos estavam chegando, mas em tudo isso eu sei que havia providencia divina. E ainda no final do mandato de deputado, ele foi à Brasília e em meio a toda a burocracia, conseguiu assinar a concessão, não tinha nome ainda, mas preparamos a documentação, e então ficamos no aguardo, muitas situações se passaram, mas a perseverança foi maior e a Rutinha tinha que acompanhar, risos. No final de 2001 conseguimos a tão esperada concessão, nós já aguardávamos com tudo pronto, prédio, antena, rádio e por causa de tanta burocracia nós precisamos esperar muito. Em setembro do ano seguinte, conseguimos colocar no ar, e por três meses ficamos em fase experimental.

As pessoas ficaram assustadas, porque haviam nos chamado até de loucos, diziam que não íamos conseguir. Mas quando colocamos no ar, e veio pessoas de outros estados pra inauguração e os líderes dos evangélicos daqui. Aí a gente olha pra trás e penso que cheguei a desistir, planejei me desfazer de tudo e ir embora para os Estados Unidos, junto com meus filhos, mas não consegui meu visto. Até consegui convencer meu esposo a vender, ele chegou a ir atrás de compradores, mas nunca encontrou, era um patrimônio muito grande. Ofereceu até mesmo para outros meios de comunicação que tivessem apenas a concessão comercial, e como a RBN era educativa, pensa-

mos nessa possibilidade de outras emissoras se interessarem pela compra, e nada. Mas então, levamos adiante esse sonho, e para nossa alegria a Rádio Boas Novas, existe há 17 anos.

## **O programa “Alô irmão do Interior”**

Eu comecei aqui, falando nesses microfones, “Reflexões”, cursava na Unifap Pedagogia durante a noite, e chegava aqui por volta das nove e meia, era apenas um quadro dentro de outro programa, o programa “Jefri Alegria”, eu chegava, ele me dava oportunidade pra eu dar boa noite, e eu falava as Reflexões que eu trazia no meu caderno e foi assim que começou. Não havia uma programação assim, com reflexões.

E em 2010, nós entramos no ar com o Programa alô irmão do interior, como eu achava tão bonito aquele programa onde o locutor, que falei no início, fazia para os ribeirinhos, aquele alô de parabéns que ele mandava e que me encantava, estava guardado aquela lembrança e quando surgiu eu disse: “É agora minha hora”. Comecei a fazer esse programa pensando em nossos ribeirinhos, aquelas pessoas que passam o dia trabalhando, a noite não tem uma igreja um acolhimento de alguém, já chegam em casa cansados. Eu tenho ouvintes que me dizem: “Rute, pode faltar o café, o açúcar, mas não pode faltar a pilha do radinho pra ouvir você”. E eu agradeço esse carinho.

Sabemos de fato, que ainda existem interiores que é só o radinho a pilha, mas também sabemos que agora muitos ribeirinhos estão com o telefone na mão, de última geração, e mais logo também irão nos ver, assistir a gente aqui. Estou abrindo meu coração e falando coisas que nem tinha falado a ninguém, e agradeço por isso.

## **O ouvinte está aqui, diante de mim**

Eu iniciei o programa conversando com uma amiga. Certo dia, eu estava lendo uma reflexão sobre a boa amizade, que também me fez refletir, que são esses meus amigos que me fazem vir para o rádio, já vim até com a garganta doente, mas a gente vem aqui para cumprir esse compromisso que temos com os ouvintes, com o patrocinador que nos fazem o apoio cultural, e saio daqui com o coração muito feliz. Tenho um quadro de Solidariedade dentro do programa, porque pessoas vem pedir aqui, e lhe garanto, não é cem por cento atendido, mas oitenta por cento dessas ajudas, nós conseguimos realizar, as vezes elas não podem vir, mas mandam cartas e eu leio as cartinhas e geralmente os meus ouvintes atendem. Já tenho parceiros que chegam com essas ajudas. Tem noites que essas cadeiras aqui do estúdio estão cheias de pessoas em busca de ajuda, roupas, sapatos, mochilas e sempre que nos é possível, atendemos à essas pessoas.

Em épocas festivas, dia das mães, por exemplo, sempre recebemos de nossos patrocinadores alguns brindes, e os ouvintes já aguardam por esses momentos. Mas tem o ouvinte, que tá lá no interior, que apenas quer ouvir um alô, o nome dele através do programa.

A nossa audiência já é bem extensa, as pessoas já reconhecem a minha voz, as vezes tenho até que me manter calada, risos. Apesar de sermos um programa religioso, as pessoas, que trabalham no comércio, principalmente, também nos ouvem com frequência.

Mas já passamos por momentos de nos sentir impotentes, diante de histórias verdadeiras, aquele telefonema que não sabemos como resolver, apesar de querer ajudar, mas estava além de nossas forças. Tem momento de choro, mas tem momento de alegria, de confraternização, ouvintes chegando aqui com surpresas pra nos oferecer.

## **O barquinho imaginário**

A ideia inicial do programa era chegar lá com o irmão do interior em um barquinho imaginário, lugares como a Serraria Pequena, Serraria Grande, e lá tem a Eulália, e tem um porto e eu chagava com meu barquinho naquele lugar, eu comia com eles o peixe, tomava açaí, apenas imaginando toda essa situação e o cenário, mas o tempo foi passando, e aqui em Macapá foi exigido que o barquinho da Rute, também parasse na casa do ouvinte aqui, mas imagine, um barco chegar em terra. Então eu afastei um pouco do ouvinte do Afuá, na Serraria, no rio Maracujá que só vai de catraia. Mas, aí vim aqui pro Tartarugal, Ferreira Gomes, Porto Grande. Tivemos que adaptar aos nossos ouvintes de Macapá, diziam que eu só mandava alô pra Ilha de Santana, acontece até ciúme. Isso é gostoso de fazer.

## **A Flor Rara**

Foi devido a uma reflexão, que conta a história de uma família muito rica, na qual o pai de uma moça, queria dar-lhe um presente, mas como ela possuía de tudo por ser rica, o pai não sabia o que oferecer. Deu-lhe então um Flor plantada em um vaso, a moça recebeu o presente e admirava todos os dias, no seu vai e vem nunca pensou em rega-la, pois assim como ela achava que não precisa de mais nada, bem, a flor claro não suportando a falta de água, morreu. Aflita, chamou seu pai, e ele então aproveitando-se da situação aconselhou a filha, assim como aquela flor precisava ser molhada todos os dias para ficar bela, a família da jovem de igual maneira necessitava de seu carinho e zelo, a alegria da casa não pode terminar como a flor que não foi cuidada e veio a morrer. Aquela planta, tratava-se de uma Rara flor, e o pai não podia mais recupera-la.

E por conta dessa reflexão, passei a ser chamada de Flor Rara e tem sido assim que o povo tem me chamado. Eu já com essa idade, tenho feito de tudo pra atender nosso ouvinte.

## **A mulher como apresentadora no rádio**

É uma liberdade que conquistei, eu mesma não me imaginava estar em um programa de rádio, falando à vontade. Não sei na frente de uma câmera de televisão, mas aqui é assim que me sinto, a vontade. Eu falo com a minha voz natural, sei que existem pessoas que alteram a voz quando fala diante do microfone de rádio, mas acredito que tenho que falar normal, porque é com essa voz que vou me comunicar pessoalmente. E tem sido um aprendizado para outras mulheres também, recebo aqui muitas, elas chegam dão um boa noite tem o seu momento.

Precisamos sim melhorar esse espaço para mulheres, aqui mesmo nessa rádio, sentimos a falta de voz feminina, de um espaço mulher para mulher. Mas acredito que estamos desbravando conquistas lindas.

## **A Rute e o Rádio**

Na minha vida, o rádio é vinte quatro horas, na minha casa pra todo lugar que vai tem um rádio, imagina que até no banheiro eu tenho rádio, porque eu preciso ficar situada, do que está acontecendo, e faço isso através do rádio.

Tem uma pessoa muito importante na comunidade cristã, que quando me apresenta, me chama de Flor rara, uma retribuição do meu papel enquanto comunicadora da rádio boas novas, e isso me alegra, saber que estou sendo ouvida também por essas pessoas.

Graças a Deus o rádio não perdeu seu espaço, costumo passar na frente de uma emissora no centro, e uso como exemplo. Faça chuva ou sol o radialista está lá, porque ele tem um público e mesmo no horário da madrugada. E quando o telefone toca aqui, eu sei que alguém está me ouvindo, pedem música, pedem as reflexões, tem algumas que repito até três vezes durante o mês, mas não é porque eu quero, é o meu ouvinte que pede.

Eu sei que a gente faz um programa que o povo gosta, pode até não ser ótimo mas tem pessoas que escolhe me ouvir. Então chego aqui até com problemas às vezes, mas fica ali na porta.

Essa linguagem de comunicação, de falar fácil para os ribeirinhos, eu me vejo lá no lugar da minha amiga que chegou, passou o dia gapuiando, pegando camarão, e o marido foi apanhar o açaí para família, e agora o casal já está cansado, os filhos dormin-

do. Aqui na cidade temos a energia, a luz elétrica, o whatsapp, a televisão, mas lá onde me refiro não tem, e aí ele liga o rádio.

## **As novas mídias**

Até um dia desses eu não utilizava whatsapp, meus filhos me deram de presente um celular para que eu deixasse o meu velho nokia, então saí desse telefone que já foi tão usado, para um J7. Porque é preciso evoluir. Agente acaba na verdade sendo obrigado a usar equipamentos de última geração como esses, é assim que me sinto, e admito que não é fácil, passar mensagem, utilizar as teclas que quando tocadas tão fácil se acende, confesso que é novidade, assim como foi novidade fazer um curso superior com 50 anos. Hoje sou licenciada em Pedagogia.

## **Aí vai um conselho**

Então quero dizer a quem começa agora, nesse direcionamento, nessa profissão de comunicação, que estude, pense, repense e na hora de usar o microfone saiba que o público para o qual falamos é diversificado, mas devemos conquista-lo, e convencer a não desligar o rádio. Ele não é obrigado a ficar ouvindo, mas escolhe me ouvir, porque ele quer se alegrar e cantar comigo além de querer ouvir minhas reflexões.



Suelen Vilhena e radialista J Ney

# SUELEN

Fotos: Sidney Cardoso



## Suelen Vilhena: radialista/locutora

Jamille Rosa da Silva Dias<sup>1</sup>

Joeli da Silva Barros<sup>2</sup>

Sidney Marques Cardoso<sup>3</sup>

### Quem é

Suelen Vilhena dos Santos, de 33 anos, natural de Belém do Pará, é radialista e locutora e formada em Recursos Humanos – RH. Casada e mãe de um bebê de 5 meses de idade. Ela mudou-se para Macapá aos 19 anos de idade, e reside na capital amapaense há 15 anos.

Atualmente, Suelen Vilhena trabalha como locutora e radialista no programa do J Ney Bom dia a dia, na rádio Diário FM 90,9, nas madrugadas de 5h às 7h da manhã, de segunda a sexta-feira. Ela também trabalha como coordenadora de recursos humanos - RH no restaurante da família, que fica na Orla de Macapá.

### Entrevista

#### 1 - Como aconteceu seu ingresso no rádio?

Antes de trabalhar no rádio eu nunca tinha nem entrado num estúdio de rádio antes. Eu conheci uma pessoa, que na época, já conhecia sobre o rádio e já trabalhava fazendo uns ‘flash’ no rádio, e essa moça me apresentou ao J Ney. Quando ela me conheceu eu trabalhava na 2A Importados como encarregada de importação, na área administrativa, e eu precisava de alguém que fizesse um marketing para mim, e ela entrou justamente para organizar o marketing. Quando ela me conheceu, no primeiro momento, no mesmo dia, ela perguntou “Suelen você trabalha em rádio?”... Eu disse não (risos) nunca trabalhei em rádio, ela disse “nossa tua voz é muito boa. Você tem uma dicção muito boa, parece que você trabalha em rádio. Você canta?”

Eu disse para ela que eu cantava sim, que eu sou evangélica, e que cantava na igreja. Ela disse “nossa, mas você precisaria trabalhar no rádio, o público precisa conhecer essa voz diferente, a tua voz é muito boa para o rádio você tem assim uma clareza na fala, seria tão bom”... e eu disse “nunca me vi, mas seria interessante, de repente eu

<sup>1</sup> Jamille Rosa da Silva Dias, estudante de Graduação do 6º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [jamillerosa@gmail.com](mailto:jamillerosa@gmail.com)

<sup>2</sup> Joeli da Silva Barros, estudante de Graduação do 6º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [joeliib Barros@gmail.com](mailto:joeliib Barros@gmail.com)

<sup>3</sup> Sidney Marques Cardoso, estudante de Graduação do 6º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [sidney.m.cardoso2014@gmail.com](mailto:sidney.m.cardoso2014@gmail.com)

poderia gostar né”.

Então a partir desse momento que nós nos conhecemos na 2A importados, uma Importadora aqui de Macapá, na época o J Ney precisava de uma voz feminina para o programa dele porque as moças que trabalharam, na época para ele moravam distante e não tinham condição de ir todos os dias, então ficavam assim um ano com ele, ou menos disso, e ele estafa na época somente com a voz do filho dele, Carlercio Rogério, e de outro radialista que era o Waltinho Pop. Então, ele estava precisando de uma voz feminina, e ela me indicou para o J Ney, para ele fazer um teste comigo, como é que eu posso dizer, um estágio com ele, para ver o que ele achava se gostava ou não.

E foi assim que eu ingressei, no primeiro dia. Ele marcou comigo 4:30 da manhã, o programa dele inicia às 5h, eu cheguei lá 20 para as 5h, no horário que ele havia marcado. E fiquei aguardando até o momento de dar bom dia. Aí ele disse “Ah, você é a Suelen, tá, tudo bem e tal.” No dia que ele estava fazendo o programa dele, uma das notícias era sobre a igreja evangélica assembleia de Deus, e ele não entendia porque tinham tombado essa igreja para fazer uma outra, ele dizia que era uma igreja centenária. E eu, lá né. Depois ele me conhecendo direitinho lá no estúdio, perguntando as coisas ele descobriu que eu era evangélica. Então ele resolveu fazer uma entrevista comigo naquele dia, foi quando ele me chamou para a bancada, me deu bom dia, e no meu primeiro bom dia ele me olhava sério, me olhou sério e disse “olha, ela tem uma boa dicção, gostei, dá para falar bem aqui no microfone” (risos).

E foi mais ou menos assim, que ele descobriu que eu era evangélica e ele fez uma entrevista comigo, foi quando eu contei a ele toda a história da igreja Assembleia de Deus no Amapá, e no Brasil. E assim, de cara no primeiro dia gostou muito de mim, e da minha dicção, do meu desempenho, da minha desenvoltura no microfone. Eu nunca tinha participado antes. E dali ele já me convidou para ir no segundo dia. E já estou com ele desde esse segundo dia. E em 2019 eu vou completar 5 anos na bancada com ele.

## **2 - Como foi sua trajetória no rádio, conte alguns momentos marcantes?**

Momentos marcantes para mim no rádio foi o meu ingresso mesmo. O primeiro dia que foi marcante, porque, eu nunca tinha sido algo que eu pensava em fazer. E foi algo que de cara quando eu falei no microfone, assim, sabendo que tinha muitas pessoas me ouvindo, era diferente de quando eu estava cantando no culto ministrando louvores, foi muito diferente, porque foi estilo uma entrevista. E eu gostei tanto. Aquilo teve um impacto na minha vida, muito positivo. E o horário não era um impedimento, um empecilho.

Então, ser elogiada por um ícone no rádio como o J Ney que está na estrada há mais de 50 anos, foi algo, assim, muito grandioso para mim, eu me senti assim muito honrada por estar sendo elogiada por ele com relação a minha dicção, meu desenvolvimento e desempenho, e também por ser elogiada pelo dono do rádio que é o Luis Melo. Então são duas pessoas que você tem como exemplos do rádio, são ícones, pessoas que nossa, a gente se ajoelha diante deles (risos) são pessoas que têm muito a nos ensinar.

E no mesmo dia que eu fui entrevistada pelo J Ney, o Luiz de Melo me parabenizou, na sala dele, e disse “Espero que você fique conosco. Quando eu ouvi você eu disse “quem é essa moça que não tinha ouvido? Uma pessoa que tem um desempenho muito bom, você é muito comunicativa, muito alegre e tem boa dicção, gostei, o J Ney tem esse dom para encontrar essas raridades” (risos) palavras do Luiz Melo no dia. Eu me senti plena, porque dois ícones do rádio falando com você dessa forma, eu nunca tinha me apresentado no rádio antes, me senti muito lisonjeada. Esse foi um dos fatores marcantes na minha história, no rádio.

Em seguida, ainda trabalhando com J Ney fui convidada por ele para fazer a produção do programa dele, e quando eu comecei a ter essa experiência com produção do programa, comecei a ver que rádio não é você chegar lá com a cara e com a coragem sentar e falar o que você quer, não, é um programa todo elaborado. Você tem que montar uma programação, organizar e fazer uma produção daquilo.

E também o que marcou muito a minha a minha carreira, minha trajetória, minha caminhada no rádio, é o retorno do ouvinte, você está na rua e a pessoa te reconhecer pela tua voz, “Você é Suelen Vilhena?”, isso para mim era, e ainda é até hoje algo que me deixa assim muito orgulhosa. E quando eu saía com J Ney, ele é muito parado em qualquer lugar que a gente vá, as pessoas diziam “J Ney e a Suelen Vilhena?” Ele dizia assim “olha, está aqui, essa aqui é a Suelen Vilhena”.

Então sentir esse retorno do público com relação ao seu trabalho é maravilhoso. Foram coisas assim que marcaram muito minha trajetória, até hoje. Essa recíproca do público, do teu ouvinte querer te ouvir sempre, de gostar de você de graça, sem de te conhecer pessoalmente, mas já senti um carinho enorme por você só por causa da sua voz, por causa daquilo que você transmite, para mim foram pontos muito marcantes.

Outra situação que aconteceu também era que como eu trabalhava na 2A Importados, o meu horário lá era 8 horas da manhã e aconteceu uma vez que eu fui para o rádio, o meu Chef Pierre Alcolumbre, ouviu muito rádio “só foi radialista também né”, ele me ouvia muito pela madrugada no programa do J Ney, sempre acorda muito cedo. E nesse dia ele estava ouvindo rádio e ouviu que eu estava no rádio e eu não estava me sentindo bem para ir para o trabalho na 2A e não fui trabalhar. Então ele ficou muito chateado e teve uma conversa comigo e me colocou entre a cruz e a espada

“você vai ter que escolher ou você vai seguir essa carreira no rádio porque eu te conheço Suelen eu sei que você é uma pessoa que onde você chega você vai alcançando as coisas que você quer. E daqui a um tempo você vai dizer que você já tem o seu próprio programa e eu vou ficar aqui né a ver navios. Estou muito triste com você porque você foi para o trabalho no rádio que é um trabalho secundário e o seu trabalho principal você não veio”. Enfim, realmente eu sentia mais prazer de ir para o rádio do que propriamente para 2A.

Eu comecei a me apaixonar pelo rádio. E me apaixonei pelo rádio de uma forma que eu não consigo nem explicar direito. Foi algo assim muito íntimo e muito forte. Meu chefe Alcolumbre me colocou para escolher entre rádio e a 2A Importados, e eu disse para ele, como era uma negociação, dependendo do que eu escolhesse, se ele daria todos os meus direitos. Naquele dia foi muito decisivo, porque eu disse: “então eu vou escolher o rádio”. Ele disse: “tem certeza, é isso que você quer?”. Ele colocou vários pontos positivos e negativos. Porém, não importava porque eu queria ficar no rádio. Isso também foi algo que marcou na minha carreira porque foi quando eu decidi fazer por amor e por paixão.

### **3 - Como a mulher/radialista tem contribuído para os avanços no rádio?**

A contribuição da mulher para o avanço do rádio é de forma muito positiva. O rádio continua sendo algo muito atual e a mulher no rádio traz uma força diferenciada, algo que antigamente só se ouviu as mulheres no rádio como cantoras. Depois que foram surgindo algumas locutoras, antes quando a voz da mulher não se era ouvida. Hoje, você já tem essa possibilidade de demonstrar o que você pensa, não somente ler o que é colocado para você, mas por exemplo, depois de uma notícia você expor sua opinião, como eu faço hoje no programa, que é uma rádio comunitária de prestação de serviço mais voltado para essa área jornalística.

Então eu vejo como algo muito positivo de você poder ter esse espaço na sociedade de falar daquilo que você pensa, porém com a visão de uma mulher e sendo mulher. Mesmo em pleno século 21, muitos querem calar a voz da mulher. Mas o rádio seus benefícios. Você poder dizer aquilo que você pensa. Você pode lutar pela causa das mulheres, e não somente pelas mulheres, mas pela sociedade em geral. Eu vejo essa contribuição positiva, inovadora e maravilhosa, porque uma voz feminina faz toda a diferença no rádio. Então, eu vejo como algo positivo e de grande valia. Um programa de rádio sem uma voz feminina não é a mesma coisa. Quando você tem uma voz feminina falando sobre a mulher, empoderamento da mulher, sobre a sociedade civil e tantos outros assuntos, com a voz feminina defendendo essas causas, eu vejo de uma forma muito positiva.

#### **4 - Como você avalia a produção e divulgação da informação/notícias no rádio em Macapá?**

Eu avalio da seguinte forma. Eu acho que falta muita disciplina. Acredito que falta da parte de muitos radialistas, seriedade. Acredito que antes de você divulgar uma notícia você realmente deve se informar para saber se essa notícia é verdadeira. Você tem que ter certeza daquilo que está falando, porque está divulgando algo para muitas pessoas. É como se você chegasse no alto de um prédio e jogasse muitos papéis lá de cima, e depois que jogou querer descer e juntar, mas não consegue. É assim a nossa palavra depois que divulgada, para voltar atrás é meio complicado. E nisso, as pessoas estão acreditando piamente naquilo que você está dizendo, por exemplo, “Isso é verdade, porque eu ouvi no programa tal”.

Então, eu vejo que falta mais seriedade e a produção em si, porque tem muitos radialistas que chegam na sua bancada somente com a sua “cara lavada” sem produção de nada e sem realmente ter certeza daquela informação e lança a palavra ao público. Essa é minha opinião pelo que eu vivo hoje e pelo que sei no que eu estou fazendo. Antes de levarmos uma informação ao público nós pesquisamos sobre aquilo, entramos em contato para apurar se aquela notícia é verdadeira ou não. Quando nós não temos certeza nós falamos não sabemos se realmente é dessa forma, a fonte que nós recebemos não era de tanta veracidade em si.

Mas como falei no início, acredito que precisa de mais seriedade e compromisso para com público por que o que vejo, hoje, é mais como um mercado, como se o radialista não se importasse tanto com o seu ouvinte, porém, mas sim com o seu bolso entendeu importante que está ganhando dos meus anunciantes, vou passar essa notícia que não sei nem se é verdade. Eu acho que isso é falta de mais compromisso.

#### **5 - Qual a sua análise sobre a igualdade de espaços para homens e mulheres nas emissoras para locução e apresentação de programas de rádio em Macapá/Brasil?**

Primeiro não existe igualdade. A gente vê que pouquíssimas mulheres são locutoras, tanto no Amapá quanto no Brasil. Já alcançamos considerável espaço sim! Mas precisa ser muito mais feito para que possa haver uma igualdade realmente com relação a homens e mulheres na questão da locução, tanto no estado do Amapá, quanto no Brasil.

Não sabemos como que isso poderia ser feito - como trazer essas mulheres? Ou como fazer para que elas realmente se sintam à vontade ou gostem. O espaço é muito restritivo, na realidade quase nada de espaço, como por exemplo, em que momento

eu poderia ingressar no rádio se não fosse por conta da indicação que aconteceu, ou por algo que der repente ali foi tudo propício entendeu? Em que momento, muita das vezes eu analiso isso, eu pergunto a mim mesma - será que se não fosse pela indicação, se não fosse pelos atributos que eu tenho, eu teria a oportunidade de um dia sentar numa bancada e mostrar o que eu realmente sei fazer? Como mulher, como radiologista.

Eu vejo que não há realmente. Vejo que a igualdade é muito pequena, não tem igualdade nesse sentido. Acho que precisa ser feito algum trabalho específico para que a gente possa realmente envolver as mulheres, para que elas sintam esse desejo de se expressar para a população, para um povo. Eu acho que na realidade é muito assim: esse espaço é meu, aqui só fica se for eu e não dão abertura para a mulher. Eu acho que deve haver alguma briga entre os homens com relação ao espaço, mas com a mulher é muito mais.

## **6 - Como a presença feminina tem contribuído (inovado) para a linguagem radiofônica e com novos programas para diferentes públicos?**

A presença feminina em qualquer ambiente já é algo inovador, não é verdade? Meu pai já dizia: essa casa precisa de uma presença feminina (risos). Geralmente, quando a casa estava toda bagunçada, ele falava que a casa precisava de uma presença feminina. A presença feminina no rádio é algo que traz um encantamento diferenciado, ela é mais centrada, observadora, delicada, contribui de forma pacífica.

A presença feminina sem comparação com outra coisa igual, é algo assim, que traz mudanças significativas para o rádio, e também geralmente quando a gente vai fazer um programa e tem realmente uma mulher, a gente sente aquela curiosidade de ouvir aquele programa, que é a mulher que está fazendo aquela locução, que está por dentro daquela produção. A mulher sempre trazendo aquele toque diferenciado, aquele toque de amor, de cuidado, afetivo, aquele toque mais intimista, contribuição de várias formas nesse sentido.

## **7 - Como você avalia a falta da voz feminina no meio radiofônico amapaense? Existe preconceito com a mulher no rádio?**

Sim, a falta da voz feminina é muito evidente, a gente procura muita das vezes e não encontra uma voz feminina, uma voz de peso, uma voz que represente a sociedade, tanto feminina quanto sociedade em geral, e eu vejo sim que há sim esse precon-

ceito. Esse preconceito sempre existiu, afinal de contas, uma mulher na bancada, você vai precisar ser mais cortês, vai precisar ser mais educado, tem palavras que você não vai falar na frente de uma mulher, como por exemplo, quando só tem homem em uma bancada e tão falando sobre alguma coisa, aí acontece de falar aquele palavão, aquele linguajar entre os homens que quando se tem uma mulher na bancada eles ficam sem jeito de fazer, muitas vezes no ar ou fora do ar, eu tiro isso por mim, por exemplo, a 5 anos, vou comemorar agora em 2019 que eu faço parte da bancada que eu só trabalho com homens, eu sou a única mulher então, geralmente, quando eles falam sobre alguma coisa, mais pesada eles já evitam porquê eu estou lá “ei a Suelem tá aqui, isso não”, e também por que eu me impus como mulher para querer o respeito, então eu vejo que há sim um preconceito justamente por causa disso, porquê os homens não vão se tratar como sempre se tratavam na frente de uma mulher, por que eles têm que ter esse respeito por ela.

E eu sempre impus isso na minha presença, “ei gente o que é isso? Coisa horrível”, até mesmo com o meu próprio chefe, muita das vezes ele quer falar alguma coisa, ou as vezes escapole e eu “nossa que horror, que absurdo, por quê que você fez isso? Por quê que você falou dessa forma” e aí ele “ah desculpa, desculpa Suelem” pede desculpa do público também. Então há sim esse preconceito, desde que a gente é criança (risos), meninos contra meninas, eu não sei qual é essa situação, mas eu acho que deve haver sim um respeito maior do homem com a mulher e esse preconceito é mais por causa disso, não que seja assim, não porquê a mulher, muitas mulheres se auto intitulam mais inteligentes, mais organizadas, geralmente há essa diferença sim, mas eu acredito que o maior preconceito seja por causa de não tratar a mulher como eles se tratam e aí eles preferem não colocar aquela mulher na bancada e não sabem o que estão perdendo, porquê uma mulher, numa bancada, uma voz feminina que tem voz ativa é uma grande diferença e audiência, meu amor, vai lá pra cima.

## **8 - A mulher pode comandar qualquer tipo de programa radiofônico, como por exemplo, esportivo ou de outros gêneros?**

Com toda certeza a mulher pode comandar qualquer tipo de programa, porque não esportivo? Se ela tiver por dentro do assunto pode comandar sim. Eu acredito que você possa comandar qualquer tipo de programa se você estiver por dentro do assunto e tiver aquela vontade de fazer aquele programa, porque não? Claro que pode! Acredito que não deva haver nenhuma espécie de preconceito, como por exemplo, “a mulher só pode fazer programas femininos, programas que falem sobre culinária, programas que falem sobre atividades do lar”, não, negativo! Programas esportivos sim, porque não? Exemplo disso é minha irmã, ela ama futebol, daria uma excelente

locutora de programa esportivo, fala sobre o futebol que eu quero que tu vejas, super bem, e é extremamente feminina. Claro não vejo nenhuma dificuldade não, acredito que possa fazer tudo, a mulher ela pode fazer o que ela quiser basta ela querer.

## **9 - Quais as principais dificuldades que o profissional do rádio enfrenta-como por exemplo, conciliar o trabalho com a vida pessoal/familiar?**

Essa questão da conciliação do trabalho com a vida familiar, é assim, como que eu posso colocar para você? Como que a gente está fazendo agora né. Eu tive que interromper a entrevista porque eu fui preparar um jantar para o meu esposo, “amor eu tô organizando, tô fazendo aqui uma entrevista e vou ter que responder algumas perguntas né, fica com bebe pra mim”. Mas enfim, é algo que a mulher é dotada de vários aspectos, positivos a seu favor. Deus formou a mulher com várias qualidades, então ela consegue se desdobrar e fazer muitas coisas ao mesmo tempo, ela consegue, por exemplo, dentro de uma casa ficar cuidando da casa, do filho e do marido, no ambiente da família fazer isso tudo, e ainda consegue organizar sua vida profissional, não empatando o profissional, e fazendo uma junção dos dois.

Mas há certas dificuldades sim, a gente enfrenta dificuldades, mas se as pessoas ao seu redor te compreenderem fica muito mais fácil, e para mim isso acontece porque meu esposo quando me conheceu já era radialista, e algo que ele também admira. Então ele me ajuda muito nesse sentido cuidando do meu filho, se eu sair de madrugada ele fica com bebê, quando eu chego aí ele já vai para o trabalho dele, mas essa conciliação assim é um pouco complicada, mas não seja impossível, quando você ama você consegue as coisas, e manter cada uma no seu devido lugar.

## **10 - Como avalia a chegada das redes sociais (internet) para produção e apresentação dos programas de rádio?**

As redes sociais são ferramentas que a gente tem hoje a nosso favor com relação à produção e divulgação do que a gente faz no rádio. Eu enxergo as redes sociais como algo muito positivo a nosso favor, porque de repente você traz uma notícia, aí naquele mesmo momento você tem interação com seu ouvinte, que está te acompanhando em determinado local, e você dá uma informação que é tudo muito rápido que acontece, então uma informação que eu estou dando agora nesse exato momento pode não estar de acordo com que meu ouvinte que está naquele local e está acompanhando, então na mesma hora ele me manda uma imagem, ele fala “Suellen não tá acontecendo dessa forma não”. Como acontece hoje tudo ao vivo e muita das vezes comen-

tando e divulgando alguma situação, o ouvinte entra em ação imediatamente, “não J Ney ou Suellen não é dessa forma que tá acontecendo”, então gente já traz aquilo ao público de mediato. Eu acho maravilhoso, as redes sociais para mim com relação ao rádio, não deixou o rádio ofuscado. E aquela interação de informações atualizadas, eu amo as redes sociais com rádio, para mim tem tudo a ver.

## **11 - No Amapá, o rádio é ainda bastante usado em comparação a outros estados. Como avalia essa presença marcante do rádio no Estado?**

Aqui a gente pode perceber que o rádio é bastante utilizado, muito utilizado, em todo o lugar que você chega tem um radinho, e quando a pessoa não tem aquele radinho de bolso, ele está num celular ouvindo o rádio. Mas eu acredito que essa presença tão marcante do rádio no estado do Amapá, seja por conta do amor que o radialista tem por fazer aquele trabalho, a gente vê, por exemplo, radialistas fazendo a anos esse trabalho, ele tem esse compromisso com o ouvinte, o ouvinte se torna parte fundamental desse trabalho, é como se ele fizesse parte da família dele aquele programa de rádio, entendeu?

Então eu vejo dessa forma, acredito que seja por isso que ainda é muito vivido a questão do rádio, e que deixa isso realmente marcante muito mais do que em outros estados. Eu acho que é porque essa interação entre radialista e ouvinte, essa aproximação, esse amor que o radialista tem pelo que ele faz e que transmite para os ouvintes, que se sentem parte daquele programa, isso vai passando de geração em geração. Você ouve aquele programa aquela vez, você ouve e começa a gostar daquele radialista, começa a ter uma interação com aquele radialista, você liga para ele e ele te responde. Por isso que o nosso estado do Amapá tem essa marca do rádio tão vivido, tão forte.

## **12 - Como avalia o espaço de mercado no rádio para os novos formandos em comunicação/jornalismo?**

Eu vejo, assim, os novos formandos em comunicação e jornalismo tem dificuldade de encontrar espaço no rádio aqui em Macapá, eu acho que é muito fechado, acho que tem muita gente que se acha dono do espaço, dono do rádio, pessoas que não querem passar adiante para uma nova geração aquilo que eles sabem, nem ensinar. Graças a Deus que eu encontrei alguém que teve essa disponibilidade para me ajudar mesmo não me conhecendo. Mas eu avalio como algo muito fechado, algo assim como “esse espaço é meu e não vou dar chance para essa pessoa me ofuscar, sabe?”

uma coisa que chega a ser até um pouco absurda, porque ninguém toma lugar de ninguém, cada um tem o seu espaço e o seu reconhecimento diante do público, mas eu vejo assim que não tem.

Eu acredito que deveria ter um rádio mais voltado para essa juventude que está se formando agora, para que eles pudessem passar por esse estágio, sair da faculdade, ter um local onde eles pudessem estagiar, exercer a atividade mesmo concretamente, por que ele sai hoje da faculdade e vai procurar e não encontra um rádio que receba ele de braços abertos, porquê muitos donos de rádios não vão querer colocar na mão de uma pessoa que está iniciando a sua carreira um programa, entendeu? Eu vejo assim, uma certa dificuldade para os novos acadêmicos, para as pessoas que estão se formando agora, para a área da comunicação, eu vejo algo muito fechado, complicado, para ele ingressar quando ele quiser ter uma certa experiência.

### **13 - Qual conselho dá para quem pretende ingressar no rádio? (caminho a percorrer e cuidados)**

O Conselho que eu dou para quem quer ingressar no rádio é procurar pessoas que realmente tem o compromisso com notícia, compromisso em executar e exercer aquele trabalho com amor, com paixão e com determinação e coragem, que passa realmente a verdade para o seu público. Buscar alguém que ele possa se espelhar e alguém que ele possa dizer, o meu instrutor quem me auxiliou seja alguém de nome e renome, que tenha essa paixão e tenha esse compromisso com público.

Sabe, eu aconselho assim, para o novo formando. A pessoa que está querendo ingressar ele tem que ter esse cuidado de procurar pessoas nesse sentido, se não for dessa forma ele vai aprender rápido e vai executar errado e ainda vai ser um profissional não tão qualificado. Esse é o meu conselho a dar. E assim, se você quer realmente engrajar nessa área você tem que ter paixão por aquilo que você faz, não somente pensando no seu retorno no lucro, mas que você seja apaixonado por aquilo, quando você tem paixão, quando você tem amor pelo que você faz, você faz de uma forma plena, diferenciada, você não tem peso naquilo que você está fazendo, é algo prazeroso. Esse é o meu conselho, isso é o que eu passo para aquelas pessoas que querem iniciar nessa carreira.

### **14 - Quais seus planos para o presente e o futuro na sua profissão, e qual mensagem você deixa para os alunos da turma 2016.1 de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.**

Meus planos para o futuro é me tornar uma grande radialista, reconhecida pelo compromisso que eu tenho com a notícia e com os meus ouvintes, assim como o meu colega de bancada, meu chefe que eu chamo, assim como ele é reconhecido hoje, como o J Ney é reconhecido, e eu me sinto muito orgulhosa por ser treinada por ele, por estar sendo forjada, lapidada, por esse grande ícone da comunicação amapaense. Meu plano para o futuro é me tornar assim como ele, que sempre me diz “quando eu decidi entrar no rádio Suelen, eu disse que eu queria ser o melhor, eu queria ser grande e reconhecido” e ele se tornou isso e eu também quero me tornar reconhecida. Quero me tornar conhecida pelo meu pensamento, por aquilo que eu imponho e coloco, pelo que eu falo, e também ter o meu próprio programa de rádio Gospel.

Eu quero ter o meu próprio programa de rádio, mas que seja nessa linha gospel, que eu amo falar sobre Deus, sobre Jesus, sobre o amor ao próximo, eu tenho espaço no programa do J Ney toda manhã quando inicia o que eu vou saudar a população e dar meu bom dia sempre ler um Salmo. Eu leio uma mensagem bíblica eu saúdo todos com essa mensagem de vida. Esse é meu plano ter um dia o meu próprio programa de rádio, e que eu consiga ter esse espaço e as portas se abram para que isso aconteça e se concretize.

E o meu desejo para todos os acadêmicos de comunicação é que possam galgar e alcançar seus objetivos e nunca desistir, porque barreiras existiram, pedras pelo caminho sempre existirão, pessoas que dirão que você não tem talento, que você só vai chegar lá se você tiver quem indique, você só vai permanecer se você fizer assim, assado e cozido. Não acredite em nada do que te falam. Acredite na sua força de vontade e aonde você quer chegar, quando você faz isso você alcança lugares infindos, você alcança lugares nunca imagináveis, nunca se deixe levar por uma palavra negativa, sempre seja persistente, olhando para frente caindo e levantando, as portas que te baterem e disserem não continue percorrendo, que uma delas um dia abre, vai te dar um fim e você vai conseguir aquilo que você quer, nunca vamos conseguir nada fácil, sempre com muita dificuldade, mas dessa forma que a gente consegue escrever uma história de sucesso. Obrigada e que Deus possa abençoar cada um de vocês.



Ziulana Melo: A Menina que Cresceu no Rádio

# ZIULANA

Foto 1 - Arquivo Pessoal/Ziulana Melo  
Foto 2: Núbia Pacheco



# Ziulana Melo: a menina que cresceu no rádio

Fernando Carneiro Pereira<sup>1</sup>

Núbia Paes Pacheco<sup>2</sup>

## Quem é

Ziulana Melo, 43 anos, nasceu em 31 de maio de 1975, em Altamira/ PA. É radiologista e jornalista formada em comunicação social pela UniCEUB, período em que teve contato com grandes empresas jornalísticas fora do estado, como por exemplo o Correio Braziliense. Ziulana atualmente é diretora administrativa do Sistema Diário de Comunicação (SDC), que engloba o Rádio Diário FM, Jornal diário do Amapá e Portal diário do Amapá, além disso, é também Editora-Chefe do Jornal Diário do Amapá. Ziulana Melo, desde menina viaja pelo mundo do rádio e se encanta um pouco mais por ele a cada dia.

## Entrevista

### O ingresso no rádio

Comecei minha vida no mundo do rádio aos cinco anos de idade, com o meu pai, Luís Melo, que trabalhava na Educadora, hoje conhecida como Rádio Difusora, eu tenho até uma foto interessante que publiquei em todas as minhas redes sociais, bem pequenininha e com aquele fone imenso. Quando meu pai saía para trabalhar, sempre dizia “minha filha, me escute”, eu ficava esperando até escutar a voz dele, e acabava acompanhando toda a programação da rádio. Eu vivi muito isso, de escutar aquele formato de rádio, e é isso que considero o interessante deste veículo de comunicação, a velocidade da mensagem chegando ao ouvinte, algo muito comum entre a população ribeirinha, até porque todo mundo tem um radinho em casa, o meu avô, por exemplo, que morava no Sossego – Rio Preto, não tinha nem tv, mas o rádio dele ficava ligado 24 horas.

A minha entrada no rádio aconteceu em um período bem mais moderno, e estamos descobrindo agora essa integração com as redes sociais, onde o ouvinte liga, denuncia, faz algum apelo no rádio, e já podemos ligar logo para os órgãos competentes para solucionar, ou solicitar por meio das publicações nas nossas páginas, e essa co-

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do 7º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail:

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [nubiasindy@gmail.com](mailto:nubiasindy@gmail.com)

nexão das mídias é fantástica por manter-se o dia todo no ar. Hoje o estúdio pode ser acompanhado em tempo integral, o ouvinte pode nos ver através da internet, além de escutar, até porque hoje você busca a sua programação. É difícil ver alguém ir pra frente da televisão e assistir apenas a programação fornecida pelo canal aberto, ninguém faz mais isso, principalmente a nova geração, as pessoas buscam o que elas querem assistir. Agora você imagina há anos atrás, você tentando imaginar o que acontece dentro de um estúdio de rádio? Pra quem faz comunicação social, viaja nesse mundo, de tentar levar a informação cada vez mais completa. Eu sou apaixonada pelo rádio, ele sempre me encantou pela magia e facilidade que nós da de viajar.

Meu ingresso no rádio foi a partir da nossa empresa, Diário F.M, mas já tive participação em outros programas também, tive uma passagem pela TV quando eu tinha 10 anos, no programa do Jota Ney, que também é radialista e apresentava o Nossa Revista na Tv Amapá, no quadro gente miúda. Eu sempre estive no meio da imprensa por causa da influência, primeiramente do meu pai, mas não somente por isso, afinal de contas eu me apaixonei pelo rádio, e, é importante dizer que eu busquei isso, fui me formar, estudar e procurei entender, a forma como o rádio permite solucionar todos os dias questões enviadas pelos próprios ouvintes, que estão sempre ligando e participando, e é interessante mostrar depois o trabalho realizado em cima das informações que eles nos mandam.

## **Momentos marcantes na carreira**

Como eu contei, minha passagem pelo rádio começou bem recente, já no programa Luis Melo – Entrevista e Viva o Rádio, na grade de programação do Diário F.M, e na 102.9 F.M, antiga Antena 1, e nesses locais eu tive vários momentos marcantes, mas destaco um porque hoje, dia 10 de julho, o comandante Barcellos, ex-governador do Amapá, estaria completando 100 anos, e lembro que no dia do seu falecimento fui uma das encarregadas em cobrir o cortejo que ia da Assembleia Legislativa até o cemitério Nossa Senhora da Conceição, onde fui a pé transmitindo o sentimento das pessoas nas ruas, as que saíam de suas casas e aplaudiam o comandante. É um fato que aconteceu comigo e me marcou, eu vivi a época do Barcellos, mas não tinha noção que muitas pessoas tinham esse apreço a ele, e que naquela hora, as pessoas estavam escutando o rádio, e vinham em nossa direção falar algo que viveram com o comandante, algumas histórias pessoais e afins. Após chegar ao cemitério, eu fui abordada por algumas pessoas que me contaram que só estavam ali porque escutaram a transmissão pelo rádio, e aquilo de certa forma me marcou e eu me recordo como se fosse hoje.

## **Importância da convergência midiática**

Eu acho que chega com muito mais velocidade a mensagem que se quer passar, com o exemplo daqui, nossos repórteres vão pra rua, gravam e já mandam de lá mesmo tudo pra gente. Hoje a gente diz que qualquer pessoa pode ser um repórter, pegar seu celular e registrar um acontecimento, a evolução tecnológica e midiática permite isso, mas nós somos profissionais da comunicação, é diferente, fazemos notícia em cima dessas informações, com todo o cuidado, checando a veracidade ou não e indo mais afundo, apurando de forma jornalística os fatos, até porque recebemos aqui muitas informações por meio de WhatsApp, as pessoas mandam tudo, e na empolgação de dar a notícia logo, muita gente acaba veiculando sem checar.

## **A figura da mulher no radio amapaense**

É difícil você ver mulher no rádio, mas vejo a gente de forma diferenciada, temos muito cuidado, um olhar peculiar. Eu, por exemplo, tenho muito cuidado ao fazer minhas apurações, sou bem cautelosa, e sei que a sensibilidade feminina pulsa nesses momentos. A mulher está conquistando o seu espaço, combatendo o preconceito, até porque algumas vezes é como se a opinião da mulher não tivesse o mesmo valor que a opinião de um homem. Algumas vezes, quando eu quis dar opinião, tentaram se impor contra mim, mas hoje, nós mulheres, estamos buscando e mostrando que a mulher tem o papel de protagonista e que transmite informação com credibilidade.



Paulo Giraldi (Org.)

Coleção de Sala 2  
Mídia Sonora na Amazônia

# Mulheres

NO RÁDIO  
AMAPAENSE

NOVA  
DORAS

## Autores

Amanda Bastos  
Anita Flexa  
Élcio Barbosa  
Felipe Lima  
Fernando Pereira  
Isabel Ubaiara  
Jamille Rosa  
Jéssica Mont'Averne  
Joeli Barros  
Karina Pacheco  
Kellven Vilhena  
Laura Machado  
Luana Silveira  
Lucas Costa  
Luciana Coêlho  
Luiza Nobre  
Mara Castro  
Marcella Palheta  
Michelle Silva  
Nelson Carlos da Silva  
Núbia Pacheco  
Pedro Monteiro  
Rafaela Justino  
Railana Pantoja  
Rayane Penha  
Renata Nunes  
Samilla Rodrigues  
Sidney Cardoso

## Entrevistadas

Ana Girlene  
Bianca Castro  
Gilvana Santos  
Helena Guerra  
Janete Carvalho  
Márcia Corrêa  
Maria Socorro  
Rute Hippolyte  
Suelen Vilhena  
Ziulana Melo

